

CONHECIMENTO
E USO DAS PLANTAS E
PAISAGENS NA TERRA

INDÍGENA

LAKLÃNÕ

SANTA CATARINA

MARIAN RUTH HEINEBERG
TAKUMÃ SCARPONI
THIAGO GOMES
NATALIA HANAZAKI
NIVALDO PERONI
ORGANIZADORES

CONHECIMENTO
E USO DAS PLANTAS E
PAISAGENS NA TERRA
INDÍGENA
LAKLÃNÕ
SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS
UFSC
2018

ORGANIZADORES
MARIAN RUTH HEINEBERG
TAKUMÃ SCARPONI
THIAGO GOMES
NATALIA HANAZAKI
NIVALDO PERONI

DESIGN GRÁFICO
KELLY RHEIN GEREVINI e CAMILA CÁCERES

CAPA
KELLY RHEIN GEREVINI

REVISÃO DE TEXTO
MARIAN RUTH HEINEBERG
TAKUMÃ SCARPONI
THIAGO GOMES
NATALIA HANAZAKI
NIVALDO PERONI

REVISÃO DE NOMES LAKLÄNÖ-XOKLENG
NANBLÁ GAKRAN

FOTOS
MARIAN RUTH HEINEBERG
TAKUMÃ SCARPONI
THIAGO GOMES
RUBANA PALHARES
NIVALDO PERONI

DESENHO DOS SÍMBOLOS DE USO DAS PLANTAS
IRENE HEINEBERG COHENCA

FOTO DA CAPA
MARIAN RUTH HEINEBERG

FICHA CATALOGRÁFICA

Conhecimento e uso das plantas e paisagens na Terra Indígena Laklänö, Santa Catarina/Organizadores: Marian Ruth Heineberg, Takumã Scarponi, Thiago Gomes, Natalia Hanazaki, Nivaldo Peroni. Florianópolis (SC): [s.n.], 2018. 156 p.

ISBN – 978-85-64093-90-4

1. Conhecimento indígena. 2. Xokleng. 3. Etnoecologia 4. Mata Atlântica. 5. Transmissão de conhecimento. 6. Jê

APRESENTAÇÃO

COMO SURTIU A PROPOSTA

Este livro é resultado de uma pesquisa sobre o conhecimento e uso das plantas e paisagens pelos Laklânō-Xokleng da Terra Indígena Laklânō, localizada no Alto Vale do Itajaí, Santa Catarina. A motivação da pesquisa surgiu a partir dos alunos da Turma Xokleng do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena no Sul da Mata Atlântica, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que nos falaram sobre a falta de registros do conhecimento ecológico de seu povo.

Assim dois alunos de mestrado do Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica da UFSC, Marian Ruth Heineberg e Takumã Machado Scarponi, se interessaram em realizar seus projetos sobre esse tema.

O QUE É CONHECIMENTO ECOLÓGICO LOCAL?

Conhecimento ecológico local é o conhecimento sobre processos ecológicos, plantas, animais, paisagens e seus usos; e que é produzido através de observação, convívio e aprendizagem de um grupo com seu ambiente ao longo de gerações. O conhecimento ecológico local é complementar ao conhecimento científico e a interação entre estes conhecimentos é fundamental para os estudos sobre uso e conservação de recursos naturais e na busca por meios de vida mais sustentáveis, além de representar a riqueza cultural de um povo.

A PESQUISA

Em projetos de pesquisa que envolvem o conhecimento ecológico local, o pesquisador trabalha em parceria com a comunidade, sendo muito importante o interesse e a aceitação das pessoas envolvidas. Para isso, é muito importante que a pesquisa venha ao encontro das demandas da comunidade.



Desenho representando a aldeia realizado em oficina na Aldeia Bugio. Foto:T. Scarponi

PASSOS INICIAIS: TERMO DE COOPERAÇÃO E AUTORIZAÇÕES

Para realizar uma pesquisa sobre o conhecimento ecológico local em terras indígenas é necessário, além da aceitação da comunidade, também uma série de autorizações do governo. Portanto, em maio de 2012 contatamos as lideranças da TI Laklânô para apresentar formalmente a ideia da pesquisa.

Após a demonstração de interesse por parte das lideranças locais, a equipe composta pelos alunos de mestrado e seus orientadores Dra. Natalia Hanazaki e Dr. Nivaldo Peroni elaboraram o projeto de pesquisa “Etnoecologia, Etnobotânica e Uso de Recursos Vegetais na Terra Indígena Laklânô, Santa Catarina, Brasil”.

Também foi elaborado um termo de cooperação, que explica detalhes sobre a pesquisa: quais os objetivos, qual a sua importância, como ela será realizada, como os resultados serão utilizados e como se dará o retorno desses resultados para a comunidade.

O termo de cooperação foi apresentado em uma nova reunião com as lideranças em agosto de 2012, quando foi lido e discutido. Foram solicitadas algumas alterações pelas lideranças presentes, como a utilização da nomenclatura Laklânô para se referir à Terra Indígena. A partir das alterações, o termo de cooperação foi assinado por todos os caciques (oito Caciques Regionais, representando cada uma das aldeias, e o Cacique Presidente). A proposta também foi apresentada à equipe da FUNAI durante uma reunião na Regional Sul em Florianópolis em julho de 2012, tendo sido bem aceita, uma vez que vem ao encontro do Projeto Gestão Ambiental e Territorial Indígena – GATI, que está em desenvolvimento na TI Laklânô.



Depois da autorização dos Caciques Laklânô-Xokleng, foram obtidas autorizações de ingresso em terra indígena para fins de pesquisa junto à Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e de acesso ao conhecimento tradicional associado aos recursos genéticos junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

OBJETIVOS DA PESQUISA

O objetivo geral da pesquisa foi registrar o conhecimento e o uso das plantas e paisagens na terra indígena, e assim compreender a percepção e relação dos Laklânô-Xokleng com as espécies vegetais e paisagens, tanto em áreas de floresta como em quintais e roças.

Por acreditar no papel importante da cultura e dos conhecimentos na identidade de um grupo investigamos também a distribuição e transmissão do conhecimento sobre a utilização das plantas. Outro objetivo foi registrar nomes das plantas e paisagens na língua Laklânô-Xokleng.

Através destes objetivos foi possível abordar algumas questões fundamentais relacionadas ao povo Laklânô-Xokleng como, por exemplo, de que forma dependem da terra e de sua vegetação; qual a importância das plantas e paisagens na cultura Laklânô-Xokleng; e também como está se dando atualmente a transmissão dos conhecimentos.

O QUE É PAISAGEM?

Paisagens também podem ser denominadas de locais, lugares, “a característica física de uma região” ou “a percepção visual de quem observa um local”. Nessa pesquisa buscamos registrar a percepção, o conhecimento e a relação dos Laklânô/Xokleng com o meio em que vivem, seus ambientes, lugares, histórias, lendas e os significados e usos desses locais para as pessoas.

COMO FOI REALIZADA A PESQUISA

Foram realizados diversos tipos de atividades para coleta dos dados da pesquisa, como conversas informais e entrevistas sobre a situação socioeconômica das famílias, sobre as plantas e paisagens, além de mapeamentos com alguns colaboradores para identificação e delimitação das paisagens locais. Embora os roteiros de entrevista tivessem perguntas previamente formuladas, os pesquisadores registraram também informações que iam além delas, como por exemplo, experiências pessoais e histórias dos antigos.

Devido ao tempo limitado de duração do mestrado (24 meses) a pesquisa foi realizada em apenas duas das



Pesquisadores Takumã Machado e Marian Heineberg em turnê guiada com Sra. Neli Ndili para coleta e identificação de plantas. Foto R. Palhares

oito aldeias: a aldeia Sede, localizada no vale dos rios Itajaí do Norte e Platê, com altitude média de 335 metros, região onde se estabeleceu o contato entre os Laklânõ-Xokleng e Eduardo Hoerhan, funcionário do SPI, em 1914, e a aldeia Bugio localizada no topo da serra, com altitude média de 919 metros, em uma região de transição entre a Floresta Ombrófila Densa e a Floresta Ombrófila Mista, ou Mata de Araucárias. A aldeia Bugio é mais recente e foi constituída em 1979, quando um grupo subiu a serra após uma grande enchente causada pela Barragem Norte.

Ao longo da duração deste projeto, os pesquisadores foram de casa em casa entrevistando moradores de ambas aldeias que tivessem mais de 18 anos e quisessem participar, entrevistando um total de 112 pessoas. Foram feitas também caminhadas guiadas pelas aldeias e seu entorno, com alguns dos entrevistados, para coletar as plantas citadas e também para conhecer os locais onde elas estão presentes. Após as entrevistas sobre o uso e conhecimento das plantas, foram feitas novas entrevistas e mapeamentos participativos (ou etnomapeamento) buscando registrar a percepção, os significados e os usos das paisagens pelos Laklânõ-Xokleng. Com auxílio de imagens de satélite coloridas do ano de 2012, foram identificadas as paisagens e ambientes citados durante as entrevistas.

Durante as várias semanas em que realizamos as atividades de coleta de dados na TI Laklânõ, foi possível vivenciar diversos aspectos do dia a dia e do modo de vida, o que possibilitou conhecer melhor a realidade em que vivem os Laklânõ-Xokleng. Através dessa convivência também pudemos registrar outras informações, além das entrevistas.



Fotos T. Scarponi

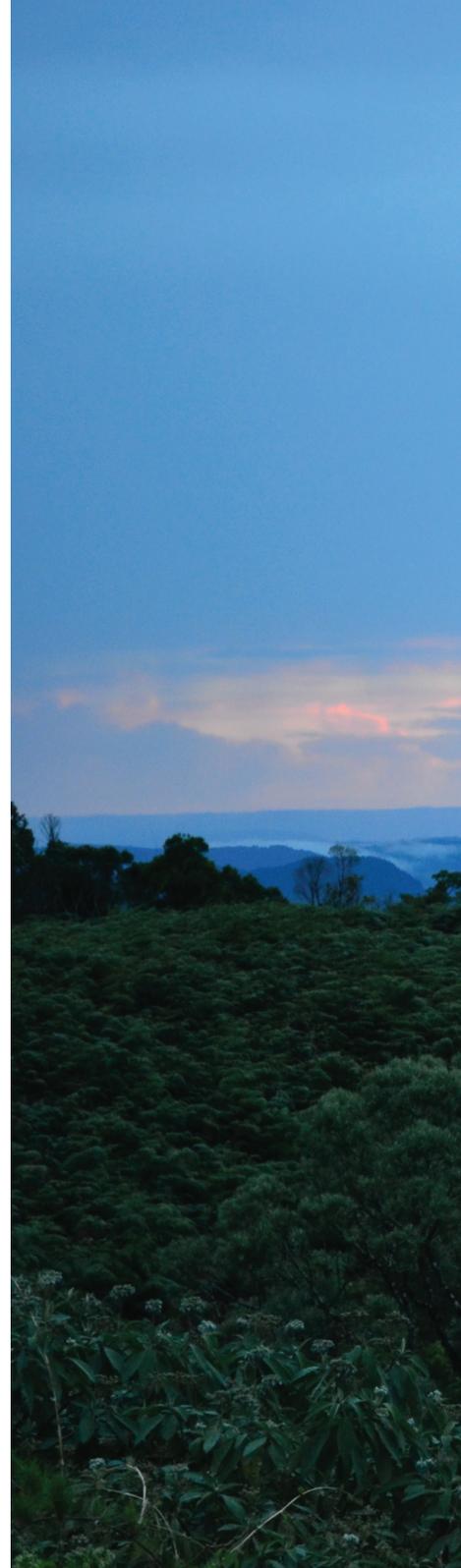
O LIVRO

O livro “**CONHECIMENTO E USO DAS PLANTAS E PAISAGENS NA TERRA INDÍGENA LAKLÂNÕ, SANTA CATARINA**” é resultado da pesquisa realizada. Desde o início do projeto, um dos nossos objetivos foi a produção de um livro que reunisse o conhecimento compartilhado conosco por cada um dos entrevistados, para que essa pesquisa ficasse disponível para toda a comunidade. Essa intenção veio de encontro ao que foi ressaltado pelas lideranças, nas conversas iniciais, sobre a importância do retorno dos resultados da pesquisa para a comunidade. Outros resultados da pesquisa são as dissertações de mestrado e artigos científicos que estão sendo produzidos.

Além da equipe já citada, participam também da elaboração deste livro Thiago Gomes, doutorando em Ecologia na Universidade Federal de Santa Catarina, que também realiza pesquisa na TI, e o professor, sociólogo e linguista Nanblá Gakran, que generosamente contribuiu com o Capítulo “O meio ambiente e a espiritualidade na fala do povo Laklânõ-Xokleng” e com a tradução de termos para o idioma Laklânõ-Xokleng.

O livro reúne informações sobre a percepção e conhecimento do povo Laklânõ-Xokleng, das aldeias Sede e Bugio, na TI Laklânõ, sobre o uso de plantas e paisagens. Este material está organizado em diferentes capítulos. Iniciando por uma introdução sobre o contexto Laklânõ-Xokleng; a Terra Indígena e conhecimento ecológico local; o segundo capítulo fala sobre o uso e conhecimento das principais plantas utilizadas; seguido por um capítulo sobre as paisagens reconhecidas pelos Laklânõ-Xokleng; outro capítulo sobre os processos de transmissão do conhecimento e as considerações finais.

Esperamos que este livro seja uma valiosa fonte de informação para os moradores, professores e alunos das escolas indígenas da TI Laklânõ, que comentaram sentir falta de materiais escritos sobre a sua realidade. Esperamos também que possa servir a professores de outras escolas, moradores dos municípios da região, e para quem quiser conhecer mais sobre esse povo, sua cultura e conhecimento ecológico.





SUMÁRIO

O meio ambiente e a espiritualidade na fala do povo Laklânō-Xokleng		15
Introdução		21
Conhecimento e Uso das plantas		35
Catálogo das Principais Plantas		41
Tecendo a teia do conhecimento: as dinâmicas do conhecimento Laklânō-Xokleng e sua transmissão entre as gerações		83
Conhecimento e Uso de Paisagens na Terra Indígena Laklânō		103
Considerações finais		125
Agradecimentos		129
Literatura Pesquisada		131
Anexos		135

O MEIO AMBIENTE E A ESPIRITUALIDADE NA FALA DO POVO LAKLÃNÕ-XOKLENG¹

Neste texto, nosso objetivo é trazer à luz o que estava por detrás da cortina do tempo: a reciprocidade e o respeito que o povo Laklãnõ-Xokleng tem pelo seu ambiente e a sua espiritualidade. A relação particular com a natureza e sua espiritualidade são considerados como aspectos referenciais desta sociedade pela educação ambiental e no seu entendimento.

A seguir serão apresentados a espiritualidade e a relação com a natureza, recursos vitais coletados nos ambientes, a reciprocidade e a demanda por recursos naturais, propostas de cuidado e recuperação ambiental.

A RELAÇÃO COM A NATUREZA E A ESPIRITUALIDADE

Os Laklãnõ-Xokleng são historicamente religiosos. Desde o passado até os dias de hoje acreditam e fazem conexão entre um universo imortal, onde habitam seres sobrenaturais imortais semelhantes a seres humanos, com um mortal, que é a Terra onde habitam seres humanos com vidas mortais.

No passado, os Laklãnõ-Xokleng acreditavam em espíritos **gyjun** e **kuplég**, que habitavam entre as árvores, montanhas, cavernas ou paredões de pedras, correntezas, ventos e todos os animais, pequenos ou grandes. Acreditavam que encontrar espíritos poderia ser algo perigoso, mas, que poderiam também ser ajudados em seu cotidiano, dependendo se a pessoa fosse boa ou má. Acreditam ainda hoje que os animais possuem **gyjun**, ou seja, espírito que os controlam e protegem, permitindo ou não aos homens matá-los.

Portanto, o povo Laklãnõ-Xokleng acreditava e ainda acredita na natureza. De acordo com sua crença, caso desobedecessem os espíritos de animais ou da própria natureza, esses poderiam matá-los. Os Laklãnõ-Xokleng não só acreditavam nos espíritos de animais e da natureza que levavam os nomes de **gyjun** e **kuplég**, respectivamente, mas também acreditavam em um ser superior que está acima de nós com nome **Ágglénē** (“alguém acima de nós”) ou **Gyjun tō gynhmō nē** (“espírito que está acima”).

No universo dos Laklãnõ-Xokleng os elementos da natureza são dotados de espíritos que, segundo suas crenças, são seres passíveis de se comunicarem e de se relacionarem com os Laklãnõ-Xokleng, criando um clima de

¹Este capítulo é uma adaptação do artigo de mesmo título, publicado previamente em GAKRAN, N. O Meio Ambiente e a Espiritualidade na fala do Xokleng/Laklãnõ. Em: SERPA, I. C. Os Índios Xokleng em Santa Catarina: uma abordagem a partir da relação pesquisa, ensino, extensão no Instituto Federal Catarinense. 1ª Edição. Fraiburgo/SC: IFC. Pp 99-103. 2015.

compartilhamento do espaço, do tempo e da vida cotidiana. Em sua espiritualidade, eles estabeleceram uma interação com o mundo, criando uma realidade onde pessoas são formadas e formam a natureza, compondo um todo indissociável.

O KUJÁ (PAJÉ)

No universo Laklânō-Xokleng, existe a figura do **Kujá** (Pajé), uma pessoa de destaque dentro da comunidade, que além de se comunicar com as demais pessoas de seu povo, comunica-se com os entes naturais. Assim, estabelece uma relação ainda mais intensa, desenvolvendo capacidades de cura, enfrentando desafios e predição do futuro por meio da ajuda e a participação direta destes entes naturais.

O **Kujá** desempenhava o papel de um líder espiritual na comunidade ao estabelecer ou alargar um canal de comunicação e comunhão com a natureza, trazendo assim conforto espiritual e físico. O **Kujá** mais lembrado e mais respeitado até os dias de hoje entre os Laklânō-Xokleng foi **Kámlén**, que viveu até as primeiras décadas do século XX. **Kámlén** já habitava a região da atual Terra Indígena quando, em 1914, foi estabelecido o contato com os não indígenas.

A conexão íntima com a natureza existiu entre vários outros **Kujá**. Por exemplo, há os que conversavam com os animais, como **Kámlén** e **Kuvenh**; este último conversava com o espírito da onça. **Névo**, que também foi um grande **Kujá**, conversava com todos os espíritos, e também trazia, segundo suas crenças, o espírito de crianças quando morriam. Isso quer dizer que possuía formas distintas de diálogo com a natureza e com outros espíritos. Os **Kujá** não só tinham contato com entes da natureza, mas também prediziam o futuro.

CONVERSAR COM A NATUREZA

Conversar com a natureza entre os Laklânō-Xokleng não é algo restrito aos **Kujá**. A habilidade de comunicação com os seres da natureza é comum a qualquer indivíduo deste povo em suas atividades do cotidiano como a caça, coleta e a agricultura. No passado distante, quando viviam no mato, tinham uma relação de afeto com a natureza e conversavam com entes naturais para conseguirem o que precisavam, e também para se entenderem com eles. Por essa razão, não tinham medo das cobras, não precisavam matá-las, pois conversavam com elas para que não lhes picassem.

Segundo a tradição Laklânō-Xokleng, seres da natureza, quer sejam animais ou da própria natureza, estabelecem uma teia espiritual com as pessoas. Assim, deve-se sempre respeitar aquele que está interligado espiritualmente com sua linhagem. Diferentes linhagens possuem ligações especiais com determinados seres da natureza, sejam animais, plantas, ou outros.



Além da conversa direta com os seres da natureza, há também tipos de animais que atribuíram e são determinados para diferentes tipos de manifestações, como o ronco do bugio ou de pássaros, que podem representar mudança de tempo ou a morte de alguém. De acordo com a crença Laklânō-Xokleng, há também dois tipos de passarinhos que podem comunicar sorte ou azar. Estes pássaros são considerados sagrados até os dias hoje e eles não podem ser mortos.

Atualmente, esta espiritualidade é valorizada e estimulada entre os Laklânō-Xokleng para que não venha a se perder ao longo do tempo. Assim, ela reestabelece um novo equilíbrio entre este povo por meio de um retorno aos costumes tradicionais de conexão com a natureza, permitindo que eles recriem sua identidade e cultura com base nos costumes ancestrais, apesar das transgressões e rupturas decorrentes da sociedade envolvente.

RECURSOS COLETADOS NO AMBIENTE

O conhecimento e a cultura do povo Laklânō-Xokleng estão relacionados diretamente aos recursos naturais utilizados e coletados no ambiente.

Entre os recursos vitais destacam-se aqueles relacionados à alimentação e principalmente, os ligados à caça. No passado, havia grande abundância de animais para caça. A carne de animais nativos era um alimento muito importante, pois a alimentação era à base de carne. Atualmente, houve uma drástica diminuição dos animais que eram utilizados como caça do povo Laklânō-Xokleng, que ocorreu devido à diminuição das áreas de florestas na região da Terra Indígena. Isto causou uma mudança drástica na vida e nos hábitos alimentares desta sociedade.

Para os Laklânō-Xokleng as ervas medicinais também são de fundamental importância para a preservação cultural e relação com a natureza, pois oferecem um tratamento natural.

O povo que era no passado migrante, está atualmente confinado em um pequeno espaço de um pouco mais de 14 mil hectares de terras. Embora as práticas e conhecimentos dos Laklânō-Xokleng relacionados à sua interação com o meio ambiente tenham sofrido considerável perda após o contato com as sociedades não indígenas, pode-se perceber que o uso de recursos naturais está ainda presente como parte da cultura e da memória coletiva dessa sociedade.

ELEMENTOS DA GERAÇÃO, CRIAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO EM ANIMAIS

Foram nos anos de 1983 a 1985 quando iniciei minha pesquisa, conversando diretamente com os anciãos na época sobre as crenças, o respeito sobre a natureza e, enquanto povo, sobre o que os animais representavam na cultura Laklânō-Xokleng. Nestas conversas, ouvi sobre duas formas de geração do povo Laklânō-Xokleng: uns saíram da montanha, que são os Klēdo², e outros emergiram da água, que são os Vājēky³. Estes últimos criaram os animais.

Entendemos que uma cultura envolve todo um contexto, tanto na história, crenças, língua materna, bem como o modo de viver, o modo de pensar, o modo de interagir com a natureza e o ambiente de onde tiram seus sustentos, o modo de ver o mundo de acordo com a sua especificidade, sua organização social e política, de acordo com sua realidade. Esses elementos tornam ricas tanto a cultura quanto a identidade étnica de qualquer sociedade. Sob estes aspectos, retomo assunto falado anteriormente: o que os seres da natureza representavam na cultura Laklânō-Xokleng.

Em minhas conversas com os anciãos na década de 1980, os relatos sobre as crenças foram muito reveladores. No passado distante, segundo suas crenças, os animais eram iguais aos seres humanos, falavam e assim se comunicavam com os humanos, e até mesmo tinham nomes de seres humanos. Um exemplo é a história da bromélia. Seu nome era **Āmēdo**, nome do sexo feminino Laklânō-Xokleng. Este nome está vivo e é usado nos dias de hoje na comunidade. Segundo os relatos destes anciãos, no passado distante, houve uma grande revolução entre seres humanos e entre os maus espíritos. Com medo de serem atacados e devorados por estes espíritos, muitos dos homens e mulheres Laklânō-Xokleng se transformaram em seres da natureza como: em pedra, em mata (árvores e epífitas, capins e ervas rasteiras), em animais (mamíferos, répteis, anfíbios, peixes, insetos, abelhas, larvas, minhocas, vermes, lesmas, caracóis), outros se transformaram em aves. Os que se transformaram em **gug** (bugio) foram roncando fazendo ‘hooo, hooo’ subindo nas árvores, aqueles que se transformaram em **txe** (quati) foram fazendo ‘txég... txég...’ subindo nas árvores, o **kójāl** (macaco) foi fazendo ‘ké...ké...ké...’ subindo na árvore, o **zazan** (tatu) cavou a terra e entrou em baixo dela.

Em meio a tanto barulho e correria, um casal com sua filha chamada **Āmēdo**, fugiu correndo dos espíritos maus. A menina estava se cansando e ficou para trás. Os pais foram correndo e viram que ela estava bem lá atrás. Seu pai gritou para ela e disse: **Āmēdo hā ta ki mā kó lake u ve kũ ló āmē kũ nē venh** (“Āmēdo, procura aí uma árvore boa e fica ali com as mãos enfiadas no tronco dela”), assim se transformou em “bromélia”.

De acordo com este relato dos anciãos, **Āmēdo** também é conhecida como **ku**, que é o nome para “bromélia”. Segundo estes relatos, as raízes que crescem sobre as árvores e que descem do alto das árvores são os

² Klēdo → klē → ‘montanha’, do/dol → ‘buraco ou gruta.’ ³ Vājēky → os que emergiram da água.



cabelos de **Ãmêdo**, destas são extraídas a casca para tecer o arco e flechas, e o cipó é utilizado para fazer cestos para guardar pertences pessoais.

Considero relevante citar que os conhecimentos no modo como os Laklãnõ-Xokleng vêem o mundo e como nele interagem uns com os outros e com a natureza em que vivem e de onde tiram o seu sustento, ressaltam sua crença de que toda a natureza e o que nela existe tem espírito e que se comunicam um com o outros através de um gesto ou um código.

PENSANDO NO FUTURO

Portanto, através da descrição ao longo deste texto, pode-se perceber que a espiritualidade Laklãnõ-Xokleng e seu conhecimento sobre a natureza está diluído em estruturas culturais difusas como nas histórias. O potencial para um convívio equilibrado deste povo com a natureza, por conta dos valores culturais dos seus ancestrais relacionados ao respeito, evidencia-se principalmente na forma de extração de recursos naturais de que necessitam, por meio de pedidos de permissão à natureza.

Estes cuidados em relação à natureza demonstrados por meio de um sentimento de afeto e de pedido de permissão de uso, podem ser compreendidos no contexto de sua realidade tradicional, manifestando assim um extremo sentimento de respeito e de integração à natureza que, no caso em questão, sustenta um sentimento de pertencimento ao povo Laklãnõ-Xokleng com a natureza como um todo.

Pode-se perceber na descrição apresentada sobre a espiritualidade e a relação com a natureza deste povo, um considerável potencial para fundamentar programas de Educação Ambiental, ao atrelar sentimentos de respeito à ancestralidade, ao mágico e a personificação da natureza, podendo assim aproximar os Laklãnõ-Xokleng a tal ponto dos ambientes que em determinados momentos a separação entre ser pessoa e ser natureza se torna um dualismo impraticável. Este contexto cultural pode gerar um sentimento de identidade com a natureza, podendo consolidar-se como um fator essencial em processos de desenvolvimento deste povo no tocante ao seu ambiente.

INTRODUÇÃO

“Antes das terras...serem devolvidas aos índios pela justiça, as nascentes haviam secado por causa do pinus e do eucalipto. Agora elas estão voltando, são por volta de 100 nascentes. Os bichos também estão voltando. O tatete já tem mais. O bugio também está voltando aos poucos”
(homem, 40 anos, Aldeia Bugio)

O conhecimento do povo Laklãnõ-Xokleng sobre plantas, paisagens e processos naturais na Terra Indígena (TI) Laklãnõ reflete uma íntima relação com o ambiente em que vivem. Este conhecimento detalhado e entendimento profundo sobre a natureza, geralmente associado ao território e transmitido de geração em geração, é observado em muitos povos indígenas e populações locais do Brasil e ao redor do mundo. O conjunto deste conhecimento é considerado fonte muito importante para práticas sustentáveis e para a manutenção da cultura e das populações tradicionais em seus territórios.

Até hoje, estudos na TI Laklãnõ retrataram aspectos culturais, sociais e linguísticos do povo Laklãnõ-Xokleng. Este livro aborda a perspectiva ecológica de práticas culturais e do conhecimento deste povo, o que contribui para uma melhor compreensão de toda riqueza cultural e natural que possuem.

OS LAKLÃNÕ-XOKLENG E A TERRA INDÍGENA LAKLÃNÕ

Os Laklãnõ-Xokleng são um povo indígena da família linguística Jê, parte do grupo Jê Meridionais, que historicamente habitam as serras e planaltos da região sul do Brasil. Xokleng é o termo mais comumente utilizado para identificar este povo, porém, não se trata de uma autodenominação. A palavra foi utilizada pelo pesquisador Sílvio Coelho dos Santos em suas obras a partir da década de 1970. Os Laklãnõ-Xokleng também eram conhecidos como “botocudos” de Santa Catarina, por conta dos botoques labiais que utilizavam, e bugres, este último de forma pejorativa. Como autodenominação, muitos preferem utilizar o termo Laklãnõ, que significa “povo do sol”, “povo ligeiro” ou “gente que anda em direção ao sol”.

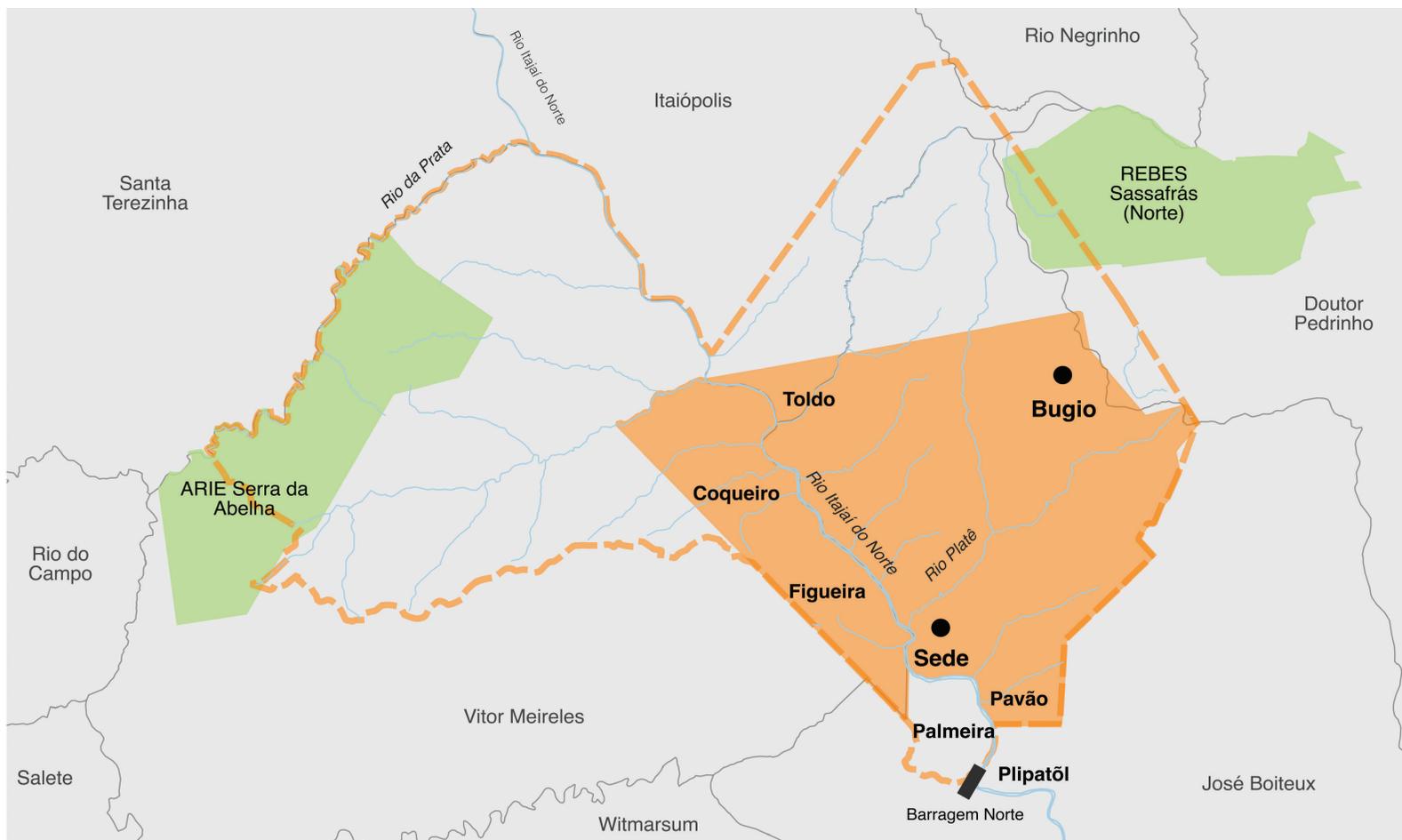
Atualmente, cerca de 2000 Laklãnõ-Xokleng vivem nas 8 aldeias da TI Laklãnõ, no Alto Vale do Rio Itajaí, Estado de Santa Catarina, onde vivem também índios Kaingang, Guarani e também não-indígenas. Al-

guns poucos Laklãnõ-Xokleng ainda podem ser encontrados fora desta terra indígena, vivendo em municípios da região do Alto Vale do Itajaí, e no planalto norte de Santa Catarina, na região do Rio dos Pardos, na Terra Indígena Rio dos Pardos.

A TI Laklãnõ, no passado Posto Indígena, Reserva Duque de Caxias, corresponde praticamente ao único território remanescente do povo Laklãnõ-Xokleng desde o contato oficial com o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) em 1914. A área estabelecida em 1926 foi de aproximadamente 20 mil hectares. Porém, em 1965, quando foi oficialmente demarcada, sua área foi reduzida para 14.156 hectares e, dez anos depois, recebeu o nome de Terra Indígena Ibirama. No entanto, a área só foi homologada pelo governo federal em 1996. Em 1997 a comunidade indígena reivindicou a redefinição dos limites de seu território. Após estudo por um Grupo de Trabalho da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em 1999, sua ampliação para 37.108,39 hectares foi publicada no Diário Oficial da União em 14 de agosto de 2003 (Portaria N° 1128/2003 do Ministério da Justiça), incorporando áreas de ocupação histórica e uso do povo Laklãnõ-Xokleng no entorno da TI, como propriedades rurais e partes de unidades de conservação, como a Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) Serra da Abelha e a Reserva Biológica Estadual (REBES) do Sassafrás, e recebendo a denominação de TI Laklãnõ.

No entanto, a ampliação do território não foi ainda realizada, e aguarda decisão do Supremo Tribunal Federal. Assim, ainda no ano de 2017, a terra indígena possui uma área regularizada, com 14.156 hectares, e outra declarada, com 37.108 hectares, ampliando em aproximadamente 23 mil hectares sua área total.

Apesar dos impasses sobre a regularização de seu território, os Laklãnõ-Xokleng possuem história e presente bastante ligados à terra. Exemplo disto é o conhecimento e entendimento sobre plantas e as paisagens em seu território, transmitidos através gerações, tema principal deste livro. É importante lembrar que o desenvolvimento destes conhecimentos está fortemente relacionado a uma longa história de ocupação do território, observação e prática, e que sua continuação depende da manutenção de territórios tradicionais para o presente e futuro.



- Aldeias visitadas
- ▬ Barragem Norte
- Rios principais
- TI Ibirama (Regularizada)
- ▬ TI Laklãnõ (Declarada)
- Unidades de Conservação

Localização e limites da Terra Indígena Ibirama-Laklãnõ

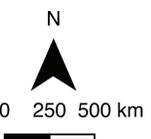
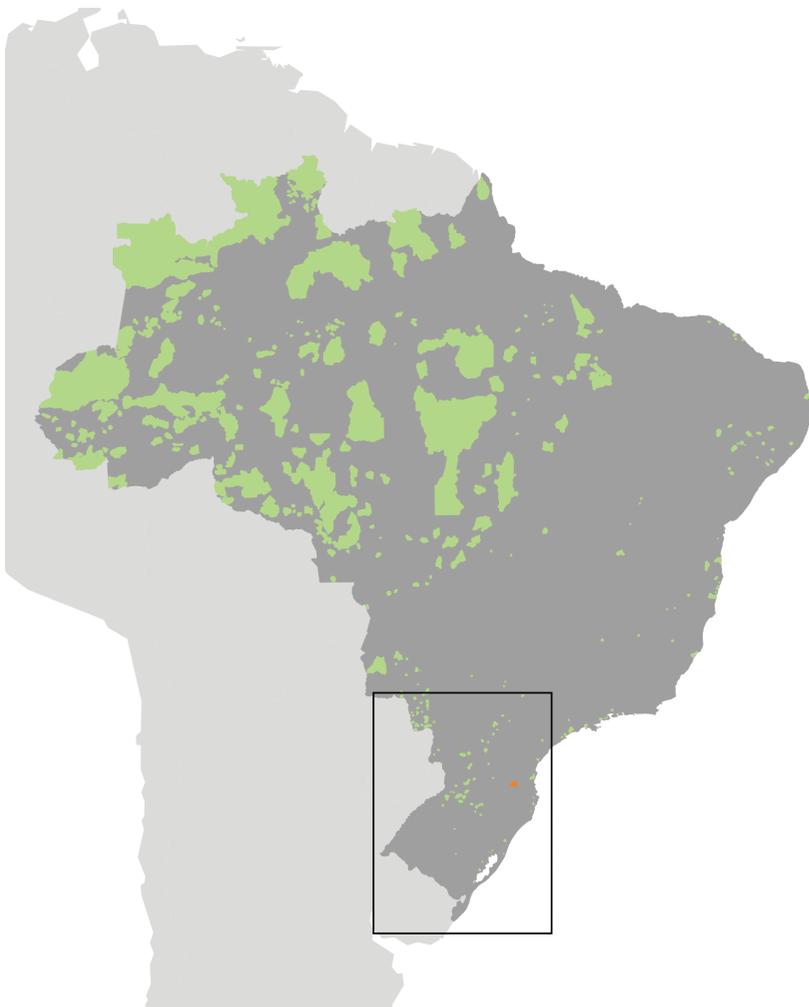
OCUPAÇÃO INDÍGENA NO SUL DO BRASIL

O sul do Brasil geralmente não é lembrado por sua população indígena, quando comparado a regiões como a Amazônia. Laklânō-Xokleng, Kaingang, Guarani e Xetá são os povos indígenas que oficialmente habitam os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Atualmente, a população indígena nos três estados chega a 75 mil pessoas, aproximadamente 12% da população indígena nacional, ocupando 96 terras indígenas, entre outros territórios. A TI Laklânō corresponde a apenas um destes territórios.

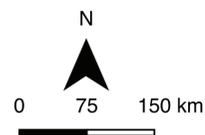
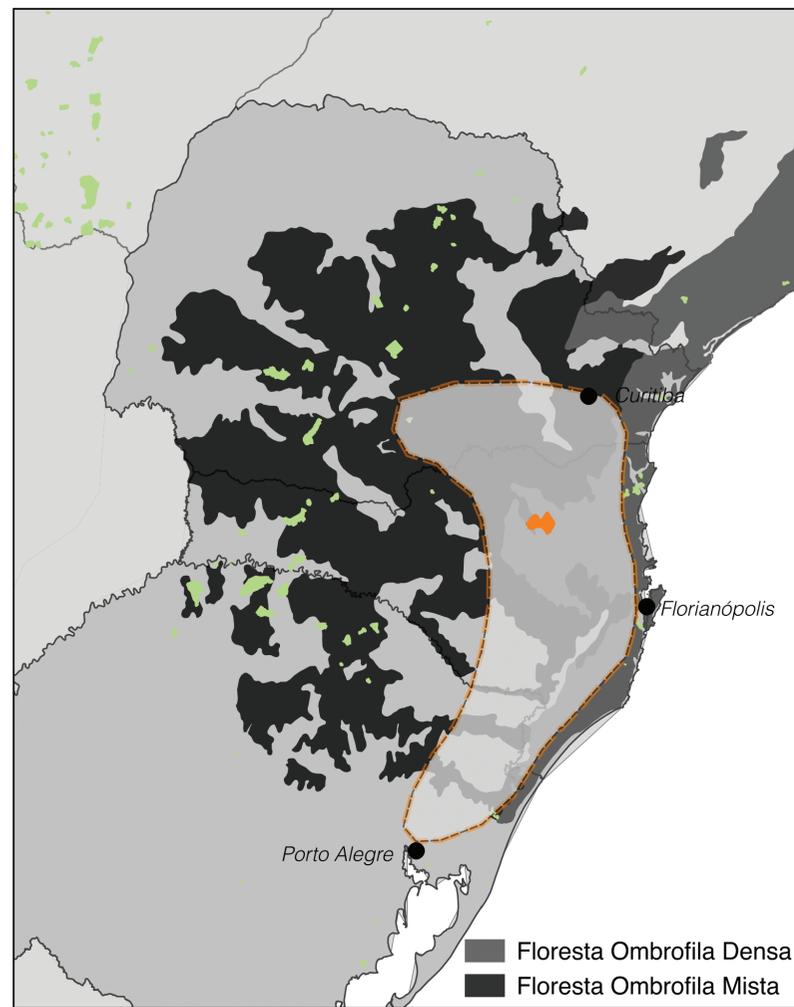
Ancestrais dos Laklânō-Xokleng e Kaingang migraram para o sul do Brasil a partir da região central do país, onde a maioria dos povos Jê está concentrada atualmente. Estudos arqueológicos sugerem que o processo de ocupação das terras altas nos estados do Sul, por grupos indígenas, ocorreu há cerca de 2500 anos.

Estes grupos apresentavam uma grande mobilidade, ocupando campos, planaltos e serras, até o litoral. Praticavam caça e extrativismo de recursos naturais, com destaque para a coleta sazonal de pinhão (*Araucaria angustifolia*), alimento fundamental destas populações. Desenvolveram relações interessantes com o ambiente, como a construção de habitações subterrâneas ajustadas às condições climáticas e geográficas, realizavam a demarcação do território com inscrições em árvores, e cultivavam espécies domesticadas como milho, abóbora e mandioca.

Os Laklânō-Xokleng se diferenciaram especialmente por ocupar uma região bastante heterogênea, que se estendia desde os planaltos do Sul, passando por serras até encostas litorâneas. Assim, desenvolveram modos de vida que exigiam uma intensa mobilidade e adaptabilidade, adotando hábitos sociais, cultura e linguagem própria.



■ Terra Indígena Laklãõ
■ Terras Indígenas no Brasil



■ TI Laklãõ
■ Terras Indígenas
■ Território Tradicional Laklãõ

À esquerda: Terras Indígenas no Brasil e à direita: Território Tradicional Laklãõ-Xokleng e Terra Indígena

CONTATO E CONFLITOS

É possível que a mobilidade atribuída aos Laklânō-Xokleng esteja também relacionada à forte pressão sofrida durante o processo histórico de colonização no período imediatamente anterior e durante o contato.

A colonização europeia do sul do Brasil ocorreu em frentes que impactaram tanto os Laklânō-Xokleng quanto os demais povos indígenas da região. Inicialmente, portugueses, espanhóis e missionários jesuítas ocuparam áreas do litoral, sul e oeste, respectivamente, pressionando os habitantes locais para o interior. Em um segundo período, imigrantes alemães, italianos, poloneses, ucranianos, suíços e russos chegaram ao sul do país para ocupar regiões consideradas ainda inabitadas para contribuir com a fundação de cidades e estradas e com o desenvolvimento da economia regional.

A partir das primeiras décadas do século XIX foram registrados encontros entre imigrantes europeus e os Laklânō-Xokleng. Na maioria dos casos, os registros citavam enfrentamentos por conta das disputas por terras, que tradicionalmente pertenciam aos habitantes locais e agora haviam sido cedidas para os imigrantes por companhias colonizadoras e pelo governo brasileiro. Evidentemente muitos enfrentamentos eram violentos, resultando na morte tanto de indígenas quanto de imigrantes. Nos três estados do Sul, a figura do bugreiro apareceu como meio de afugentar e reduzir as populações indígenas adjacentes às colônias. Caçadores de índios, os bugreiros, eram contratados tanto por colonos quanto por companhias colonizadoras e autoridades governamentais. Além das pressões sistemáticas dos ataques das tropas de bugreiros, os povos indígenas do Sul ainda tiveram que enfrentar doenças e epidemias em decorrência do contato. Muitos não resistiram.

Diante das pressões internacionais decorrentes da denúncia do extermínio de populações indígenas que ocorria no sul do Brasil, o governo brasileiro criou o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), que mais tarde daria origem à FUNAI, na contramão dos interesses dos governos locais e regionais. O povo Laklânō-Xokleng foi alvo da estratégia de aproximação pacífica e de postos de atração, que particularmente alcançou o grupo na região onde hoje se encontra a Terra Indígena Laklânō.

Em 22 de setembro de 1914, às margens do Rio Platê, o agente do SPI Eduardo de Lima e Silva Hoerhan realizou o contato oficial com os Laklânō-Xokleng, auxiliado por índios Kaingang trazidos do Paraná para facilitar a comunicação. Do ponto de vista do SPI o posto de atração foi estabelecido com o intuito de abrigar e proteger os Laklânō-Xokleng que viviam nas florestas e serras da região, mas ao mesmo tempo ao restringi-los a uma determinada área permitiu que as demais fossem ocupadas com mais tranquilidade pelos colonos. Todavia, a população que passou a residir nos limites do posto e sob o controle do SPI enfrentou grandes mudanças em seu modo de vida e nas práticas sociais e culturais.

ADAPTAÇÃO E RESISTÊNCIA

A partir do contato e da consequente sedentarização no início do século XX, diferentes fases e ciclos socioeconômicos atingiram os Laklãnō-Xokleng e a região da TI Laklãnō como um todo. Oficialmente, o objetivo do posto indígena foi o de proteger e abrigar os recém-contatados, provendo assistência de saúde e educação, bem como meios de subsistência através da prática de uma agricultura convencional. Porém, a realidade se mostrou muito mais dura, e dificuldades de adaptação e imposição de culturas diferentes apareceram em todas as esferas da vida dentro e fora do posto indígena. Este ciclo teve duração até a década de 1950, quando a direção do SPI procurou integrar o posto indígena ao contexto econômico regional.

Assim, movida pelo interesse dos governos, de serrarias e empresas regionais, a extração de palmito-juçara (*Euterpe edulis*) e de madeira, especialmente da canela-sassafrás (*Ocotea odorifera*), marcou as décadas seguintes. Como consequência da exploração das florestas na região, a paisagem da terra indígena foi fortemente alterada e recursos naturais foram exauridos ao longo de pelo menos quatro décadas. Nessa época, o modo de vida dos Laklãnō-Xokleng continuou a sofrer mudanças, e sem alternativas, muitos participaram das atividades de extração, e outros escolheram sair da terra indígena para trabalhar nas cidades vizinhas.

Além disso, um evento promoveu conflitos sociais e mudanças ambientais muito significativas dentro da TI Laklãnō. Durante o longo período entre 1972 e 1992, o governo federal realizou a construção da Barragem Norte, no Rio Itajaí do Norte, como parte do plano de proteção contra enchentes para as cidades do Vale do Itajaí. A maior parte da barragem fica dentro dos limites da TI Laklãnō, alagando cerca de 900 hectares, correspondentes à 95% das áreas agricultáveis e, inclusive, atingindo residências. Desde o início de sua construção, os moradores da terra indígena e arredores são os mais afetados pelas cheias e suas consequências como isolamento de estradas e residências, perda da área agricultável onde residiam, degradação da mata ciliar, assoreamento dos rios, erosão e deslizamentos de encostas. O processo de construção da barragem foi permeado por disputas, protestos e longas negociações. Na época, indenizações foram acertadas. Porém, medidas empregadas por parte dos governos federal e estadual ficaram aquém das expectativas e dos termos acordados para reduzir os impactos que os Laklãnō-Xokleng enfrentam todos os anos.

Durante todo o ano de 2014 até a publicação deste material, os Laklãnō-Xokleng realizam grande mobilização e protestos a respeito dos prejuízos que a barragem trouxe e continua trazendo à comunidade indígena. Dezenas de famílias deixaram suas casas nas aldeias (muitas atingidas por recentes enchentes) para viver em um acampamento sobre a Barragem Norte em forma de protesto.



Jovens construindo abrigos; Faixa de protesto;
Acampamento Laklãnõ-Xokleng
sobre a ponte da Barragem Norte.
Fotos: T. Gomes



Acima: Vegetação à margem do Rio itajaí dentro da TI Laklânõ, em trecho que sofre alagamento. Foto: T. Machado

Ao lado: Vegetação à margem do Rio itajaí em trecho logo após a barragem, que não alaga. Foto: M. Heineberg



“Meus avós moravam num rancho de palha na beira do rio, depois da barragem eles subiram. Lá em baixo, a terra era boa para plantar... tinha pomar de laranja, café, pera, gabirova, pitanga, goiaba, coqueiro, aquele que dá coquinho. Hoje é proibido plantar perto do rio, na área da vargem. Plantamos mesmo assim e quando dá enchente, mata tudo. As terras boas ficaram para baixo, porque em cima onde vamos plantar? No peral? Nas pedras? Para cima, perto das casas tem mais pedra e as plantas da roça não vão bem. Hoje eu lido com eucalipto.”

homem, 40 anos, Aldeia Sede

Antes da construção da barragem, os Laklãnō-Xokleng habitavam uma única aldeia, localizada às margens dos rios Platê e Itajaí do Norte. À medida que as enchentes se agravaram a partir do final da década de 1970, algumas famílias buscaram outros locais para viver, até que todos foram obrigados a abandonar a aldeia principal. Assim, praticamente todas as residências das oito aldeias se encontram em áreas de encosta, sujeitas a deslizamentos e enchentes. Áreas de cultivo também tiveram que “subir” as encostas, para condições pouco apropriadas. Mudanças como estas tiveram um grande impacto na vida social, econômica e cultural da comunidade.

“Quando eu era mais novo eu vivia da roça. Hoje em dia não plantam mais muito. Trabalham mais fora. Antigamente plantavam para vender, hoje, plantam mais eucalipto para sobreviver. Eucalipto é bom para dar dinheiro, mas acaba com a terra. Ele chupa a água da terra e fica seca.”

homem, 67 anos, Aldeia Sede

Em 22 de setembro de 2014, os Laklãnō-Xokleng da Terra Indígena Laklãnō celebraram o centenário do contato, em especial de sua história de resistência e adaptação. O tom das festividades foi de protesto e reflexão sobre os processos históricos que os trouxeram até a presente condição. Apesar das inúmeras pressões desde o contato, o povo Laklãnō-Xokleng tem resistido e se adaptado às mudanças impostas. Ao mesmo tempo que



foram desafiados por novos modelos e sistemas para sobrevivência, também ensinaram muito sobre sua cultura, conhecimento e percepções ao longo dos anos.

A manutenção do idioma Laklânō-Xokleng tem sido fundamental para que a cultura e o conhecimento deste povo não se percam frente às mudanças dos últimos 100 anos, e permaneçam vivos no presente e no futuro. Além do uso do idioma no dia a dia da comunidade, seu ensino nas escolas da terra indígena é estratégia muito importante para continuação do legado linguístico e cultural.

Hoje, os Laklânō-Xokleng da TI Laklânō vivem em oito aldeias: Barragem, Palmeira, Figueira, Coqueiro, Toldo, Pavão, Sede e Bugio. Mesmo assim, buscam manter unidade política, social e cultural. Possuem um Cacique Presidente para toda terra indígena e Caciques Regionais para cada aldeia, escolhidos através de eleições diretas. Centros e associações de cultura são mantidos pela comunidade e recebem apoio via projetos socioambientais nas diferentes aldeias visando melhorar as condições de vida da comunidade.

Os Laklânō-Xokleng resistem, se adaptam e continuam a enfrentar grandes desafios. Além das recorrentes enchentes e suas consequências, condições climáticas extremas, infraestrutura insuficiente, e poucas perspectivas de trabalho e geração de renda, enfrentam a realidade do crescimento populacional e necessidade da manutenção de seus territórios para sustentabilidade e continuidade de sua história a longo prazo.



Fotos: T. Gomes

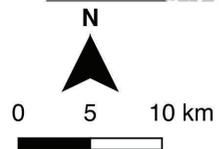
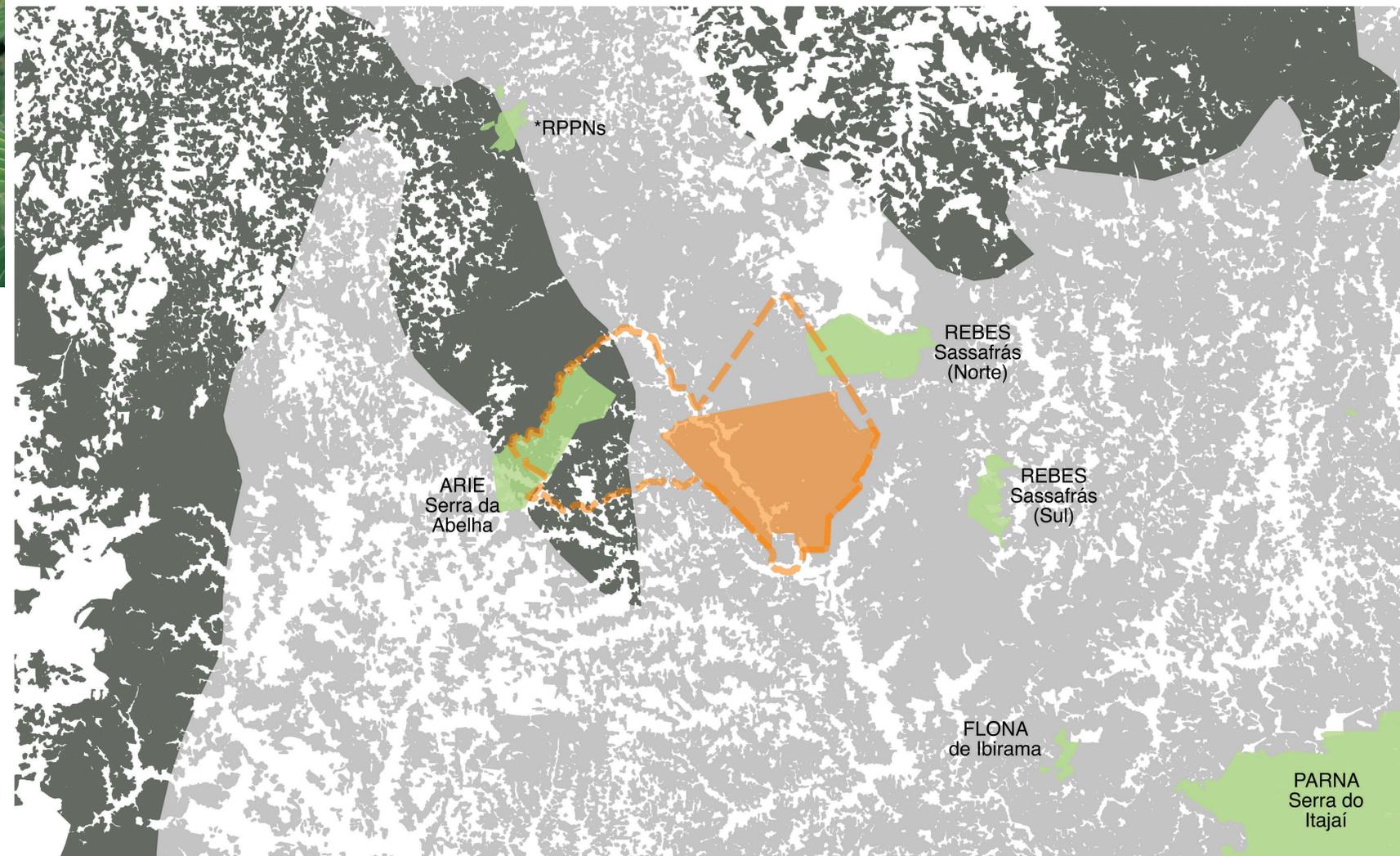
OS LAKLÃNÕ-XOKLENG E A CONSERVAÇÃO NO ALTO VALE DO ITAJAÍ

A relação e os conhecimentos dos Laklãnõ-Xokleng sobre as paisagens e plantas da Terra Indígena Laklãnõ tem muita importância para o planejamento, uso da terra e de recursos naturais, especialmente para conservação da diversidade biológica e cultural nesta região. A TI está inserida em um mosaico de uso agropecuário, reflorestamento comercial e de áreas protegidas de Mata Atlântica no Alto Vale do Itajaí. A Mata Atlântica é uma das principais regiões de biodiversidade no mundo, mas se encontra em estado avançado de degradação, com aproximadamente 10% de sua área original, resultado da expansão urbana, atividades agropecuárias e exploração de recursos florestais.

As estratégias de conservação dos remanescentes de Mata Atlântica incluem a proteção das florestas com características primárias, ligação de corredores florestais e uso sustentável dos ecossistemas, integrando conhecimento ecológico local e participação ativa das comunidades no manejo para conservação. Terras Indígenas possuem um grande potencial para conservação de recursos naturais e, apesar de não integrarem o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), iniciativas eficientes que visam a conservação e o uso sustentável da biodiversidade no país deve considerá-las.

Desta forma, a presença Laklãnõ-Xokleng é central para proteção e manutenção da diversidade biológica e cultural na região. O conhecimento profundo sobre os processos naturais, paisagens e plantas que este povo desenvolveu através de um longo tempo de ocupação, bem como o engajamento e participação ativa dos Laklãnõ-Xokleng devem ser considerados no planejamento e práticas de conservação dentro e fora da terra indígena.

A boa notícia é que tanto a Terra Indígena Laklãnõ quanto as unidades de conservação têm sido locais de promoção, de estudo e implementação de estratégias alternativas, como sistemas agroflorestais, viveiros de mudas nativas e práticas de educação ambiental, importantes para restauração e conservação da biodiversidade na região.



**Reservas Particulares do Patrimônio Natural: das Araucárias Gigantes, Corredeiras do Itajaí, Taípa do Rio do Couro, Refúgio do Macuco, Raso do Mandi, Odir Zanelatto.*

Remanescentes Florestais

■ Floresta Ombrófila Densa

■ Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucárias)

■ TI Ibirama (Regularizada)

■ TI Laklãnõ (Declarada)

■ Unidades de Conservação

TI Laklãnõ e Conservação da Biodiversidade: Remanescentes florestais e Unidades de Conservação

CONHECIMENTO E USO DAS PLANTAS

Registrar as plantas conhecidas e usadas na Terra Indígena Laklãnõ nos ajuda a entender como é a relação desse povo com a terra em que vive e de que maneira eles utilizam os recursos lá presentes no dia a dia. Também podemos conhecer como ocorre esse uso: se é através de cultivo ou da coleta, de onde as plantas são coletadas e como é sua preparação. Tudo isso faz parte do modo de vida e da cultura local, sendo um conhecimento rico que é acumulado e transmitido ao longo de gerações de observação e convívio com a natureza.

A nossa pesquisa revelou uma grande riqueza de espécies de plantas usadas e conhecidas pelos Laklãnõ-Xokleng da TI Laklãnõ. Foram registradas informações sobre 314 espécies, das quais conseguimos coletar e identificar 227 espécies com o nome científico. Foi possível registrar o nome em Laklãnõ-Xokleng para aproximadamente um terço delas.

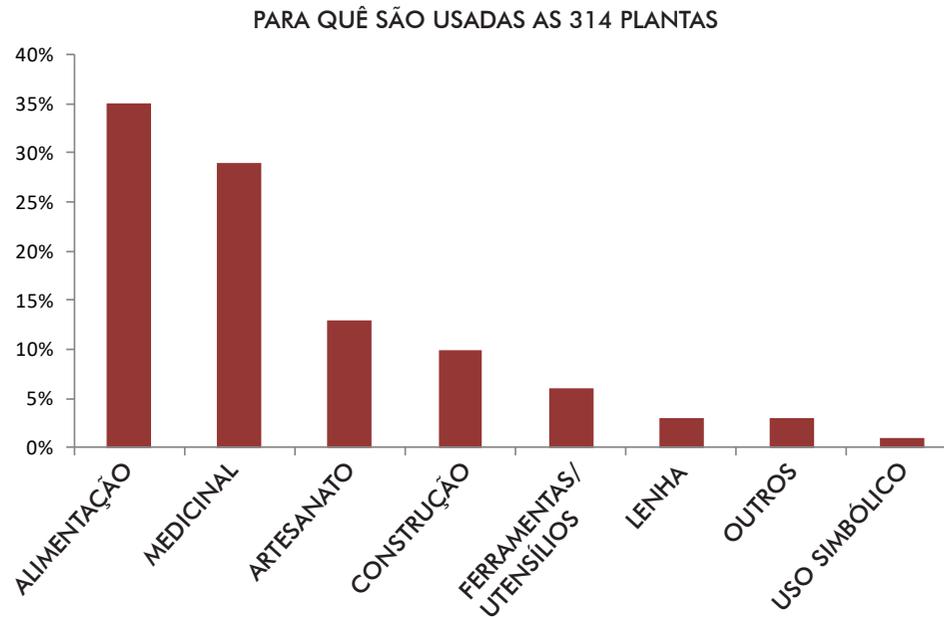
No final do livro há duas listas: uma que contém todas as espécies citadas usando os nomes em português e outra apenas com as plantas que foi possível identificar com nomes científicos. Os nomes das espécies em Laklãnõ-Xokleng também foram registrados e incluídos nas listagens.

A maioria das plantas conhecidas e usadas são árvores (52%), seguidas pelas ervas (36%), mas também são utilizados arbustos e cipós. Essas plantas são usadas para diversos fins. Para entender melhor quais os usos mais comuns agrupamos as plantas em oito categorias: alimentação, medicinal, artesanato, construção, utensílios e ferramentas, lenha, uso simbólico e outros.

PARA QUÊ SÃO USADAS AS PLANTAS

A maioria das plantas é usada para alimentação, 35%, aqui estão incluídas as plantas usadas para fazer bebidas como chás e sucos. A segunda categoria mais citada foi das plantas com uso Medicinal 29%. Depois, com menos citações aparecem as categorias Artesanato 13%, Construção 10%, Utensílios e Ferramentas 6% e Lenha 3%. A categoria Utensílios e Ferramentas se refere às plantas utilizadas na confecção de objetos para uso próprio enquanto a categoria Artesanato se refere às plantas utilizadas na confecção de objetos para a venda. Na categoria construção estão incluídas as plantas utilizadas na construção principalmente de casas e na fabricação de móveis. A categoria de Uso Simbólico, que foi a menos citada (1%), se refere principalmente a plantas

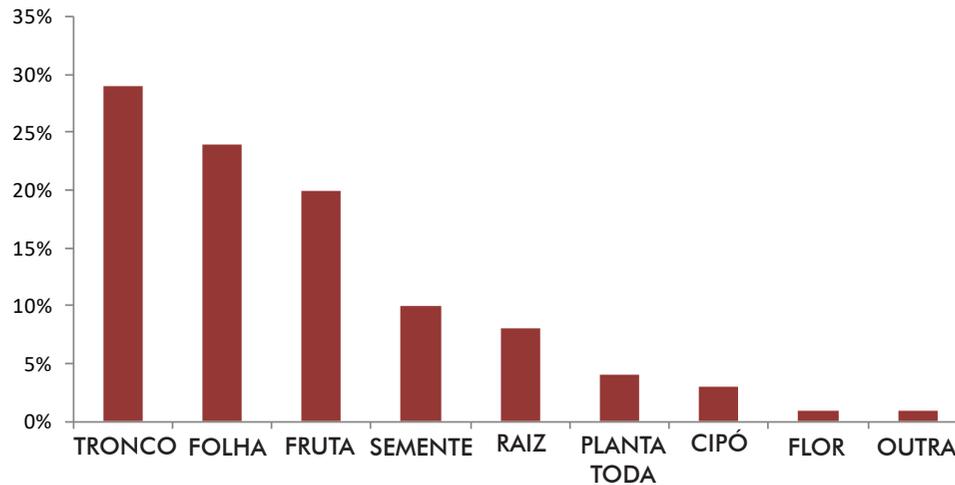
usadas para vincular a ligação entre o mundo material e o espiritual, sendo utilizadas para acessar esse mundo espiritual, curar e trazer proteção. Uma grande parte dessas plantas são utilizadas em rituais. A categoria Outros reúne plantas cujo uso não se encaixa em nenhuma das outras categorias e se refere a: plantas ornamentais, plantas usadas para caça e pesca, plantas nativas usadas em projetos de reflorestamento, plantas usadas para alimentar animais como galinha e gado e também plantas com frutos que servem de alimento para a fauna nativa.



PARTES QUE SÃO USADAS DAS PLANTAS

De acordo com as descrições de como se utiliza cada planta, o tronco é a parte mais utilizada, seguido das folhas e dos frutos. Mas porquê será que o tronco é tão citado? Enquanto os frutos são usados quase que exclusivamente como alimento e as folhas principalmente para a confecção de remédios, o tronco tem um uso bastante diversificado. É usado para: construção, artesanato, medicinal, utensílios, lenha e alimentação.

PARTES UTILIZADAS DAS PLANTAS



Esse uso maior do tronco desperta uma preocupação com relação à degradação ambiental, mas nem todo uso do tronco requer o corte da planta. Por exemplo, existem alguns usos para artesanato, medicina, utensílios e ferramentas em que se utilizam apenas a casca ou alguns galhos da planta. Todavia, o uso para construção, lenha e alimentação, que totaliza 47% do uso do tronco, requer o corte da planta. O uso para alimentação se refere ao palmito (**Détéj**) ou ao coqueiro (**Tanh**). Também é de se considerar que, desde a década de 1970, quando começou o incentivo para o cultivo de árvores como o eucalipto e o pinheiro para reflorestamento da TI La-klânô, os moradores das aldeias usam essas duas espécies para suprir parte de sua demanda por lenha e madeira, além de as venderem.

A maior parte das plantas citadas nas entrevistas, 59%, são plantas espontâneas, que nascem sozinhas. Isso mostra o predomínio da coleta em relação ao cultivo, 41%. Apenas na categoria das plantas alimentícias a maioria das plantas citadas são cultivadas. Nas outras categorias de uso predomina a coleta de plantas na natureza.

NOME DAS PLANTAS EM LAKLÂNÕ-XOKLENG

Das 227 espécies identificadas foi possível registrar o nome em Laklânõ-Xokleng de 92 delas (41%). Alguns nomes foram muito citados, como por exemplo **detéj** (palmito), **zág** (araucária), **tutol** (sassafrás), **mlúl gel** (cipó-milome) e **dolo** (vara-de-cutia). Já outros nomes eram conhecidos por poucas pessoas, principalmente os mais velhos.

Alguns dos nomes refletem mais de uma espécie ou possuem um sentido mais amplo, como **kó**, que significa “pau” ou “árvore de madeira” e é atribuída, por exemplo, ao eucalipto. O nome **dénkónã** diz respeito aos frutos ou a algumas plantas frutíferas, como as laranjas, ameixa e pêssego, e significa “algo de comer”. Já **pónhbággel** refere-se às espécies de canela.

Observar os nomes das plantas em Laklânõ-Xokleng nos traz informações interessantes sobre a visão e a relação desse povo com seu ambiente. Por exemplo, com relação às plantas alimentícias pode-se observar que as plantas nativas da América que os Laklânõ-Xokleng cultivavam antes do contato com os não indígenas, como o milho, o feijão, a abóbora, a mandioca/aipim e o inhame possuem nome na língua. Já muitas das plantas incorporadas, a partir do contato com o não índio, não tem nome na língua, como por exemplo, beterraba, alho, cebola, manga, alface e cenoura.

Algumas plantas introduzidas foram denominadas utilizando o nome de algo semelhante que conheciam e adicionando o termo **ve** ao final, que significa parecido. Por exemplo, o mamão é denominado **katotog ve** pelo fato de ser parecido com o mamão-do-mato, planta nativa da região, que recebe o nome de **katotog**. A goiaba é chamada de **kagkupli ve**, ou “parecido com o araçá-branco” e o arroz é denominado de **kuzy ve**, ou “parecido com a semente do imbé”.

Porém nem sempre que o radical **ve** é usado significa que são plantas incorporadas após o contato, pois às vezes é apenas uma comparação com algo da natureza. Por exemplo, a mandioca, o aipim e o inhame são denominados **kó jále ve**, ou “parecido com raiz de árvore”, mas estão presentes na cultura Laklânõ-Xokleng muito antes do contato com os brancos. O baguaçu, **zágklê ve**, ou “parecido com a cabeça do pinheiro araucária”, pode ser interpretado como parecido com a pinha, pois o baguaçu tem frutos grandes que lembram o pinhão.

Em muitos casos percebe-se que são usadas características da planta para denominá-la. A cor aparece em diversas das plantas citadas. O termo **kupli** (branco) é usado no nome do araçá-branco, **kagkupli**, mas também é usado para o ipê-amarelo, **kléj kupli**. A palavra **kutxug** (vermelho) é usada no nome do xaxim-bugio, **lave kutxug**, provavelmente devido à coloração avermelhada do seu caule. A palavra **txá** (preto), aparece no nome do café, **goj txá**, que significa água preta. É um nome mais recente, criado após o contato com os brancos, possivelmente

durante a fase em que os Laklãnõ-Xokleng encontravam nos acampamentos dos brancos a “água preta” (café). Nesse sentido esta expressão pode fazer parte de um conjunto mais recente de palavras, criadas a partir da época do contato, para descrever elementos novos que não conheciam.

O sabor também é usado nas denominações. O termo **zul** (azedo) aparece na palavra **dénkónã zul** que é usada para denominar as frutas cítricas. O termo **glã** (doce) aparece em **dénkónã glã**, usada para denominar o pêssego. Já o cheiro é característica importante na denominação do cipó milome, **mlül gel**, que significa cipó que tem cheiro (**mlül** = cipó e **gel** = cheiro).

Outras características associadas aos nomes são percebidas na canela-fogo, utilizada para produzir faíscas, que é denominada de **pēnhgõnh**, “acender fogo”. O termo **kótel** significa liso, plano, e é usado para denominar o pau-óleo, **kagkótel**. O cedro é chamado de **zu** e a canjarana é chamada de **zuxtó** (**zu** = cedro e **txó** = pedra) indicando ao mesmo tempo a semelhança com o cedro, porém a maior dureza de sua madeira. Em uma das conversas sobre o significado desses dois nomes nos perguntaram:

“Eu não sei como é para vocês, mas para nós o cedro e canjarana são plantas da mesma família?”
(homem, 50 anos)

Portanto as semelhanças ou “parentescos” entre as plantas também fazem parte do processo de nomenclatura das plantas. Nesse caso as duas plantas que eles consideram da mesma família, na nomenclatura científica também são consideradas da mesma família botânica.

As partes das plantas também são usadas para denominá-las. O nome do ticum, **délál zéj**, é formado pela composição das palavras **zéj** (folha) e a palavra **lál** (espinho). O termo **dé** vem provavelmente de **dén**, que significa “algo”. Ou, no caso já mencionado do arroz (**kuzy ve**), o termo **zy** refere-se à semente.

Ao consultar o Mini-Dicionário Laklãnõ (Xokleng)-Português (Gakran 2010) encontramos alguns nomes de plantas diferentes dos que foram citados nas entrevistas, e outros que não foram citados, pois os entrevistados se utilizaram de outro nome. Isso pode indicar que vêm acontecendo mudanças na língua. Por exemplo, o imbé no dicionário aparece como **ku**, e nas entrevistas ninguém utilizou esse nome, porém muitos usaram a palavra **plál**, que no dicionário significa “casca do cipó de imbé”. Talvez essa mudança na utilização do nome de parte da planta para denominar a planta toda possa ser atribuída ao seu uso, pois o principal uso citado do imbé foi da casca da raiz para artesanato.

Essas observações sobre os nomes das plantas em Laklãnõ-Xokleng além de nos trazer informações sobre a relação desse povo com as plantas também nos aponta o caráter dinâmico da língua, que está em constante modificação. Com relação às 135 espécies identificadas, mas sem registro de nome em Laklãnõ-Xokleng, podemos supor que muitas delas são plantas incorporadas após o contato e que talvez nunca tenham recebido um nome na língua. Outra parte pode ser de plantas cujos nomes em Laklãnõ-Xokleng estão sendo esquecidos. Dessas 135 espécies sem nome na língua, 37% são exóticas e 63% são nativas. Pode-se presumir que parte destes 63% de plantas nativas sejam usadas há muito tempo e que a falta de nomes pode refletir uma perda do vocabulário referente ao nome das plantas. Portanto, o registro escrito dos nomes das plantas em Laklãnõ-Xokleng é muito valioso, pois pode auxiliar na manutenção desse vocabulário bastante específico, que por não fazer mais parte expressiva do dia a dia, pode se perder.

CATÁLOGO DAS PRINCIPAIS PLANTAS

Nesse capítulo descreveremos algumas das plantas citadas nas entrevistas e os conhecimentos que foram repassados a respeito delas. Para cada planta há informações sobre:

NOMENCLATURA

Nome em Laklânō-Xokleng, em português e também o nome botânico científico.

Ao longo da pesquisa percebemos que alguns nomes populares são usados para mais de uma planta, como, por exemplo, o nome picão foi usado para mais de um tipo de planta. Também aconteceu o contrário, de uma mesma planta receber mais de um nome, por exemplo a “Salvação-da-Senhora” (*Mollinedia* spp.), também conhecida por “Pau-da-mulher”, “Pau-para-tudo”, “Pau-do-pembá”, “Salvação-da-mulher” e “Salva-senhora”.

Por isso, nas pesquisas é interessante utilizar também o nome botânico científico das plantas, pois ele tem como objetivo ser um nome universal, que pode ser usado por pessoas dos mais distantes lugares do mundo, que falam línguas diferentes. Porém, algumas plantas citadas nas entrevistas não puderam ser identificadas por seu nome botânico científico.

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Nome botânico da espécie e da família, origem, distribuição e forma de vida. Com relação às informações botânicas é importante esclarecer que:

-Usamos a **abreviação cf.**, junto ao nome científico de algumas espécies em que não foi possível ter certeza na identificação;

-Com relação à **Origem** consideramos nativas as espécies da Mata Atlântica, sendo as demais consideradas como exóticas;

-No item **Distribuição** descrevemos em que região do Brasil é encontrada cada espécie.

TIPOS DE USO

Os usos estão simbolizados da seguinte forma:



ALIMENTAÇÃO



MEDICINAL



ARTESANATO,
FERRAMENTAS
E UTENSÍLIOS



CONSTRUÇÃO



USO
SIMBÓLICO



LENHA

É importante ressaltar o cuidado necessário ao usar as plantas medicinais. Para usá-las deve-se buscar o aconselhamento de quem tem um conhecimento profundo do assunto, pois há riscos, uma vez que se trata de um conhecimento complexo que depende de reconhecer as diferentes espécies de plantas, saber as formas de preparo e as quantidades a serem usadas.

Qualquer erro pode ter consequências graves como, por exemplo, nos foi contado que o uso da salvação-da-senhora causou um aborto por ter sido usada uma espécie inadequada.

Kójãle ve

Aipim, Mandioca

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO LAKLÃNÕ-XOKLENG

O aipim é uma espécie alimentícia muito importante para os Laklãnõ-Xokleng e atualmente é cultivado em roças e hortas nas aldeias. Sua raiz é muito nutritiva e planta-se enterrando partes do caule (ramas). Alguns cultivam o aipim em roças nas capoeiras, realizando corte e queima, preparando o solo para o uso e cultivo.

Antigamente, quando havia uma só aldeia na TI Laklãnõ, o aipim era plantado nas margens do rio.

INFORMAÇÕES ANTROPOLÓGICAS E ARQUEOLÓGICAS

É bem provável que os Laklãnõ-Xokleng já vinham cultivando aipim bem antes do contato. Estudos arqueológicos mostram que esses povos indígenas, que também habitavam a região serrana de Santa Catarina, cultivavam plantas como o aipim, o milho e a abóbora mais de um século antes da colonização



Mandioca. Foto: Nivaldo Peroni

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Euphorbiaceae

Nome científico: *Manihot esculenta* Crantz.

Origem: nativa

Distribuição: todo o Brasil

Forma de vida: arbusto



Tipo de uso: alimentação

Parte usada: raiz

Zág

Araucária, Pinheiro Araucária

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO

LAKLÂNÕ-XOKLENG

A araucária (**Zág**) é uma planta que têm estreita relação com os Laklânõ-Xokleng, sendo usada há muito tempo.

É uma espécie que não existe mais em grande abundância naquele território, onde ocorria nas terras altas da TI, como na aldeia Bugio e arredores. Atualmente está sendo cultivada, mas muitas vezes é obtido o pinhão pela compra.

O pinhão, a semente da araucária, chama-se **zág zy**, (**zy** = semente, portanto **zág zy** = semente da araucária).



Araucária. Foto: T. Gomes

INFORMAÇÕES ANTROPOLÓGICAS E ARQUEOLÓGICAS

Os Laklânõ-Xokleng e a araucária possuem uma estreita relação histórica. Povos indígenas do sul do Brasil possivelmente atuaram em sua dispersão no planalto sul brasileiro e favoreceram a expansão da Floresta Ombrófila Mista ou Matas de Araucária. Esses povos faziam incisões em forma de zig-zag nos troncos das árvores de araucária, que serviam para delimitar os territórios de caça e coleta dos diferentes grupos e para sua orientação na paisagem.

Gregory Urban, pesquisador que veio à TI Laklânõ entre a década de 1960 e 1970 pesquisar a cultura Laklânõ-Xokleng, registrou três nomes na língua indígena para a araucária: **Thágn ta ve**, **Thágn tii** e **Thágn chii**.

INFORMAÇÕES CULTURAIS E USO SIMBÓLICO

Os Laklânõ-Xokleng possuem uma técnica para a conservação do pinhão. Alguns descreveram com detalhe como se conservava o pinhão, embora não costumem mais realizar esse preparo:

“Guardavam de um ano para outro, descascavam o pinhão cru, colocavam num balaio com cera de abelha, cobriam com caeté e enterravam no banhado por 6 meses a 1 ano. Quando desenterravam estava uma massa e assavam na folha do caeté, nas cinzas. Hoje em dia comem sapecado e às vezes depois socam.”

(mulher, 60 anos, aldeia Bugio)

“O índio no mato come pinhão o ano inteiro, guarda na água e fica gostoso pra comer. Já deixei 3 meses na água. Agora não têm mais muita araucária. Daqui a tempo vão comprar pinhão para comer.”

(homem, 81 anos, aldeia Bugio)

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Araucariaceae

Nome científico: *Araucaria angustifolia* (Bertol.) Kuntze

Origem: Nativa

Distribuição: sudeste e sul do Brasil,

Argentina e Paraguai

Forma de vida: árvore de até 50 metros de altura

Obs: Espécie se encontra em perigo de extinção



Tipo de uso: alimentação, tintura, madeira, lenha e reflorestamento

Partes usadas: pinhão, casca do tronco e nó dos galhos

Détéj

Palmito

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO LAKLÂNÔ-XOKLENG

O Palmito ocorre em matas fechadas (matão - **Kutê bág**) ou cultivado, e é uma palmeira muito apreciada, utilizada para alimentação (palmito e frutos), cobertura de casas e artesanato. É uma espécie que quase desapareceu da TI Laklânô devido sua exploração intensa para obtenção do palmito nas décadas de 1970 e 1980, mas atualmente vem se recuperando.

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: *Arecaceae*

Nome científico: *Euterpe edulis* Mart.

Origem: nativa

Distribuição: centro-sul do Brasil

Forma de vida: palmeira de até 20 metros de altura

Obs: Espécie vulnerável à extinção



Palmito. Foto: T. Gomes



Tipo de uso: alimentação, utilitário (para telhados), artesanato e ornamental.

O palmito também é assado dentro da taquara na fogueira (**Capûg**)

Partes usadas: palmito, frutos, folhas e sementes

Kujunh

Erva-mate

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO LAKLÂNÕ-XOKLENG

A erva-mate é uma pequena árvore que é cultivada e também ocorre naturalmente nas terras altas da TI, como aldeia Bugio (somente foi citada nessa aldeia). Suas folhas são moídas e torradas para fazer chimarrão e chá, sendo uma bebida usada como substituta do café.

INFORMAÇÕES ANTROPOLÓGICAS E ARQUEOLÓGICAS

A erva-mate é usada pelos Laklânõ-Xokleng há muito tempo. Antes do contato com os colonizadores suas folhas e talos já eram usados para o preparo de chá.

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Aquifoliaceae

Nome científico: *Ilex paraguariensis* A. St.-Hil.

Origem: nativa

Distribuição: sul do Brasil, Minas Gerais e São Paulo

Forma de vida: árvore com até 15 metros de altura



Flora Digital do RS e SC. Foto: Sergio Campestrini



Tipo de uso: alimentação

Parte usada: folhas

Pãnvó

Gabirova, Gabiroba

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO LAKLÂNÕ-XOKLENG

Pãnvó é uma árvore que dá uma frutinha amarela muito doce e gostosa. Seus frutos estão maduros entre setembro e novembro, e a planta ocorre naturalmente nas aldeias baixas da TI Laklânõ, como a Sede e Toldo, e é cultivada nos quintais na aldeia Bugio. Além dos frutos comestíveis, a gabirova também é usada como remédio no resguardo das mulheres que ganham filhos e para fazer chá para dor de barriga.



Gabirova. Foto: Fernando D'Orleães

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Myrtaceae

Nome científico: *Campomanesia xanthocarpa* Mart. ex O. Berg

Origem: nativa

Distribuição: desde Minas Gerais e São Paulo até o Rio Grande do Sul

Forma de vida: árvore de até 15 metros de altura



Tipo de uso: alimentação e medicinal

Partes usadas: fruto e folha

Tutol

Sassafrás, Canela Sassafrás

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO LAKLÂNÕ-XOKLENG

O sassafrás é uma árvore de grande porte, que ocorre em áreas de floresta e em maiores altitudes. Foi uma espécie muito explorada para obter madeira e óleo, tendo sido muito comum na região e sendo agora mais difícil de se encontrar árvores adultas. Suas folhas são usadas para fazer chá para gripe e sua madeira para construção e feramentas. O sassafrás também vem sendo cultivado nas aldeias. Limítrofe à TI Laklânõ, a Reserva Biológica Estadual do Sassafrás leva seu nome, devido aquela ser uma área de grande concentração da espécie.



Sassafrás. Foto: T. Scarponi

INFORMAÇÕES ANTROPOLÓGICAS E ARQUEOLÓGICAS

O antropólogo Jules Henry relatou o uso do sassafrás nos rituais de cremação e enterro dos mortos. O pesquisador Sávio Sens encontrou registros nos trabalhos de Henry e Mussolini de duas plantas: o **tutôlo** e **uiôlo nhâtâi** (aqui os nomes estão grafados como o autor os escreveu), que eram usadas para cura espiritual e não o tratamento de um conjunto específico de sintomas. Sávio identificou as duas plantas: **tutôlo** - *Ocotea pretiosa* Mez (*Ocotea pretiosa* Mez é sinônimo de *Ocotea odorifera* Rohwer), conhecida popularmente como sassafrás e **uiôl nhâtâi** - *Psychotria leiocarpa*, conhecida também por pasto-de-anta ou cafeeiro-do-mato.

“Faz chá para gripe e friagem. É um chá quente, pode ser perigoso”

(mulher, 29 anos, aldeia Bugio)

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Lauraceae

Nome científico: *Ocotea odorífera* Rohwer

Origem: nativa

Distribuição: sul e sudeste do Brasil e também na Bahia

Forma de vida: árvore

de até 18 metros de altura

Obs: Espécie ameaçada de extinção



Tipo de uso: medicinal, construção e ferramentas

Partes usadas: folha e tronco

Kó

Eucalipto

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO LAKLÂNÕ-XOKLENG

O eucalipto é uma árvore que começou a ser cultivada na década de 1970 na TI, como incentivo do governo para reduzir o desmatamento, produzir madeira e lenha e gerar renda para as famílias. São cultivados próximos às residências, através de mudas. São usadas suas folhas para fazer chá para gripe e para fazer sabão, e a madeira para lenha, moirão, construções e para venda. Os ambientes onde são cultivados eucaliptos são chamadas de **Kó kágklél** (reflorestamento) ou Eucalipto **kekele** (área com eucalipto). Os Laklânõ-Xokleng usam a palavra **Kó** para se referir à madeira, ou “árvores de madeira”. Foi a espécie de árvore mais citada pelos moradores durante a pesquisa, juntamente com a vara-de-cutia (**Dolô**).

“Eucalipto é bom para dar dinheiro, mas ele destrói a terra, ele chupa a água. O eucalipto mata tudo e vai para cima.” (homem, 68 anos, aldeia Bugio)

“Têm que plantar em linha, carreiro, porque se bate vento eles encostam um no outro e voltam, não caem.” (homem, 54 anos, aldeia Bugio)

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Myrtaceae

Forma de vida: árvore de 8 a 30 metros de altura

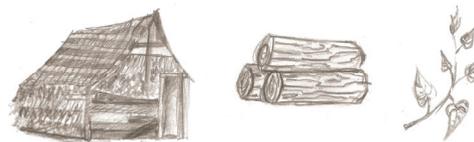
Nome científico: *Eucalyptus* sp.

Origem: exótica (Austrália)

Obs: existem mais de 700 espécies de eucalipto



Eucalipto. Foto: T. Gomes



Tipo de uso: construção, lenha, moirão e medicinal

Partes usadas: tronco e folha

Dénkónã zul

Laranja

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO LAKLÃNÕ-XOKLENG

A laranjeira possui um uso consagrado na TI e é cultivada em quintais e jardins. É usada para alimento e como remédio, para fazer chá para resfriado, febre e como calmante, muitas vezes junto com as folhas de eucalipto. Foi uma das plantas mais citadas pelos moradores das aldeias. Além da laranja comum, são cultivadas outras frutas cítricas como a laranja-lima, a laranja-vermelha, o limão e a mexirica.

Seu cultivo, feito por enxerto ou mudas, foi incentivado através de parcerias com instituições como o Instituto Federal Catarinense de Rio do Sul, por ser uma fonte de alimento saudável e de remédio caseiro.



Laranja. Foto: T. Scarponi

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Rutaceae

Nome científico: *Citrus sinensis* (L.) Osbeck

Origem: exótica (China e sudeste da Ásia)

Forma de vida: árvore de até 8 metros de altura



Tipo de uso: alimentação e medicinal

Partes usadas: fruto e folha

Délãl zéj

Ticum, Tucum

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO LAKLÂNÕ-XOKLENG

O ticum é uma palmeira pequena e espinhenta, mas que tem destaque na cultura Laklânõ-Xokleng, possuindo muitos usos. Ele é obtido pela coleta e possui diferentes usos, tais como fibras para artesanato, cordas e ferramentas; frutos e palmito para alimentação; raiz para remédio, além de usos simbólicos. As folhas do ticum também são usadas para coberturas de rancho, que eram feitos no passado como abrigo.

Na alimentação:

“Come o fruto e depois torra bate e come a castanha.”

(mulher, 60 anos, aldeia Sede)

Na cura:

“Para quebraçura de ossos. Tira a raiz e queima, só aquele carvãozinho moe e passa todo dia para sarar os ossos quebrados.”

(homem, 55 anos, aldeia Sede)



Ticum. Foto: T. Gomes

Na fabricação de utensílios: As fibras da folha são usadas para fazer barbante e linha para pesca.

“Faz linha de pesca usando a fibra da folha, enrolando na perna e passando cera de abelha.”

(mulher, 60 anos, aldeia Sede)

INFORMAÇÕES CULTURAIS - USO SIMBÓLICO

Com suas folhas eram feitos cordões, que eram enrolados pelos padrinhos durante os batizados em volta dos braços ou pernas para deixar a criança mais forte e protegida.

“Padrinhos enrolam o fio na criança, como a folha é dura para a pessoa durar mais. Durante o batizado perguntam para a criança: ‘Você vai ser alguém?’”

(mulher, 32 anos, aldeia Sede)

“...quando os índios iam caçar eles tiravam o coração dos animais e espetavam no talo com espinho do ticum e colocavam no fogo até virar cinza e aí comiam. Outra pessoa tem que fazer. Minha mãe fez quando eu tinha 13 anos com o primeiro passarinho que caeci. É para deixar o cara bem de mira.” (homem, 27 anos, aldeia Bugio)

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Arecaceae

Nome científico: *Bactris setosa* Mart.

Origem: nativa

Distribuição: desde a Bahia até o Rio Grande do Sul

Forma de vida: palmeira de pequeno porte



Tipo de uso: alimentação, utilitário, artesanato, medicinal e simbólico

Partes usadas: palmito, folhas, raiz e espinhos

Milú

Cipó Milomem, Cipó Milom

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO LAKLÃNÕ-XOKLENG

O cipó milomem é encontrado nas matas, grotas e capoeiras e tem uma grande importância medicinal. Possui um cheiro forte, libera um óleo e o cipó é usado cortado em pedaços. Sua casca é usada para o preparo de remédios para diversos fins como: dor de barriga, diarreia, limpar o intestino, combater vermes, cólica renal, infecção no ouvido, dor de cabeça, para o fígado, coração e também como antibiótico e cicatrizante. Quem o usa alerta que “corta-se só um pedaço, não corta a parte de baixo”. Ele tem esse nome porque sua força equivale a de “mil homens”.

É uma planta que tem ampla distribuição (quase todo o país) e é usada como medicinal em diversas regiões.



Cipó-milomem.
Flora Digital do RS e SC. Foto: Daniel Grasel

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Aristolochiaceae

Nome científico: *Aristolochia* sp.

Origem: nativa

Distribuição: O gênero *Aristolochia* ocorre em todo o Brasil

Forma de vida: cipó



Tipo de uso: medicinal

Partes usadas: cipó e casca

Plãl

Cipó-imbé, Imbé

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO LAKLÃNÕ-XOKLENG

Plãl, o imbé, também é chamado de banana-do-mato, pois a planta dá um fruto igual ao da banana. Sua casca tem coloração marrom avermelhado e ele é usado para confecção de enfeites (trançagens) e acabamentos de utensílios e artesanatos, tais como lanças, bordunas, balaios, chocalhos, arcos e flechas dos Laklãnõ-Xokleng.

No trançado mesclado típico dos arcos e flechas a parte escura é feita com o cipó-imbé e a parte clara é feita com lascas da taquara.



Cipó-imbé. Flora Digital do RS e SC.
Foto: Eduardo L.H. Ghiel

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Araceae

Nome científico: *Philodendron bipinnatifidum* Schott

Origem: nativa

Distribuição: regiões sul e sudeste e estado de Goiás

Forma de vida: erva terrestre



Tipo de uso: artesanato, ferramentas e alimentação

Partes usadas: casca da raiz e fruto

Vãnhguzéj

Urtiga, Urtiga-brava

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO
LAKLÂNÕ-XOKLENG

A urtiga é um arbusto que ocorre nas capoeiras, perais e beiras de estradas. Possui folhas grandes e com muitos pelos que causam irritação na pele. É uma espécie que foi mais usada no passado, onde se retiravam as fibras e do caule para produzir mantas e cobertas para os Laklânõ-Xokleng se protegerem do frio.

“Cozinha a urtiga com cinza para soltar a casca, macetava na beira do rio para depois desfiar. A corda é seca no sol e usada para trançar.”

(mulher, 78 anos, aldeia Bugio)

“Para fazer coberta, tira a casca e espinho e vai tecendo comprido depois lava cozinha com cinza (usada como soda), tudo na mão. Eu sei fazer. Em pequena via minha avó fazer e queria fazer também, mas minha avó dizia: ‘se mexer a cobra te morde.’”

(mulher, 74 anos, aldeia Sede)



Flora Digital do RS e SC. Foto: Eduardo Giehl



Manta de urtiga com diversas cores. Os fios são tingidos antes de tecer. Um dos corantes usados para tingir é feito da casca do pinheiro-araucária, que impregna uma cor marrom à fibra.

Foto: M. Heineberg

INFORMAÇÕES ANTROPOLÓGICAS E ARQUEOLÓGICAS

Antigamente as mulheres usavam a manta tecida do fio da urtiga-brava enrolada na cintura. No frio ela servia de cobertor para a família. Essa manta já foi muito importante para a sobrevivência dos Laklânõ-Xokleng, quando passavam o inverno na região da floresta ombrófila mista colhendo pinhões. Após o contato com os brancos, com a possibilidade de obter tecidos prontos, as mulheres deixaram de fazer essas mantas, que eram muito trabalhosas e demoradas. Hoje em dia poucas pessoas disseram saber fazer a manta, portanto é um conhecimento que pode se perder.

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Urticaceae

Nome científico: *Urera baccifera* (L.) Gaudich. ex Wedd.

Origem: nativa

Distribuição: ocorre em todo o Brasil, em vários tipos de vegetação

Forma de vida: arbusto



Tipo de uso: utilitário

Partes usadas: casca do caule

Lave kutxug, Gig

Xaxim-bugio, Xaxim

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO LAKLÂNÔ-XOKLENG

O xaxim-bugio tem esse nome devido seu tronco ser de cor vermelho-amarronzado, parecido com o pelo do macaco bugio. É nativo da região e ocorre naturalmente nas partes mais altas da TI, em grotas e no matão (**Kutê bág**), principalmente perto da água.

Tem uma importância histórica para os Laklânô-Xokleng, que o usam em uma bebida típica (**Mõg**) em festividades, como casamentos. Essa bebida é feita juntando o miolo do xaxim, água, mel e uma pedra quente para fermentá-la. O xaxim foi bastante coletado e vendido para vaso até que sua extração foi proibida. **Mõg** na língua Laklânô-Xokleng também significa mel e abelha.

INFORMAÇÕES CULTURAIS - USO SIMBÓLICO

Em sua estadia com os Laklânô-Xokleng na década de 1930, Jules Henry (1941) cita o uso dessa bebida fermentada - **Mõg** (que ele chamou de cerveja) durante o ritual de perfuração do lábio (chamado por ele de pretejamento do bebê), em que eles pintavam as crianças com carvão e perfuravam o lábio dos meninos para colocar o botoque e marcavam a perna das meninas. Segundo seu relato, cortava-se o cedro e, dentro dele, preparavam a bebida colocando mel, água e pedras quentes e o tronco do xaxim para fermentar. Depois fechavam e deixavam descansar por vários dias. Ainda segundo ele, às vezes, ao invés de água usavam o leite de uma certa palmeira.



Xaxim. Flora Digital do RS e SC. Foto: Márcio Verdi



Mõg, preparado dentro de tronco de árvore.
Foto: T. Scarponi

A bebida **Mõg** ainda é usada atualmente em celebrações e datas especiais, como casamentos.

“O xaxim-bugio acumula água e vai liberando aos poucos, fica uma poça de água em baixo. Forma uma esponja que acumula água e forma uma nascente e filtra a água. Ele dá em mata baixa, banhado, só dá em lugar úmido.”

(homem, 40 anos, aldeia Bugio)

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Dicksoniaceae

Nome científico: *Dicksonia sellowiana* Hook.

Origem: nativa

Distribuição: desde a América Central e no sudeste e sul do Brasil

Forma de vida: samambaia (feto arborescente), podendo chegar a 10 metros de altura

Obs: espécie ameaçada de extinção



S

Tipo de uso: uso simbólico e alimento

Partes usadas: miolo do tronco

Vãdó

Perova, Peroba

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO LAKLÂNÕ-XOKLENG

A perova foi uma das árvores mais citadas durante a pesquisa e era mais usada antigamente, onde havia em maior abundância. Ela fornece madeira de boa qualidade e foi bastante explorada na região, assim como o sassafrás, a cabreúna, as canelas e a araucária.

Há um local importante, chamado **Vãdó ku** (perova cortada), que era moradia dos antigos índios do mato, próximo à aldeia Sede. Lá havia uma perova grande que foi cortada, tornando o lugar sagrado para os Laklânõ-Xokleng. A perova ocorre em capoeiras (**Kozéj**), matão (**Kutê bág**) e grotas (**Txó**).

Há três tipos de perova: amarela, branca e rosa. A perova, o tarumã e o sassafrás são as três espécies de madeira que mais eram extraídas da aldeia.

“A perova gosta de serra acima, não gosta de banhado, gosta de lugar mais seco, beira de peral.”
(homem, 40 anos, aldeia Bugio)



Peroba. Foto: T. Scarponi

As espécies de perova, também chamadas de guatambú (*Aspidosperma* spp.), são usadas em diversas comunidades indígenas e tradicionais. Os principais usos são ligados à sua madeira, que é de ótima qualidade, usada para construções, estacas, cabos de ferramentas, lenha e artesanatos.

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

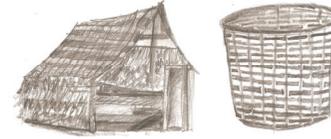
Família botânica: Apocynaceae

Nome científico: *Aspidosperma parvifolium* A. DC.

Origem: nativa

Distribuição: oeste da Amazônia, região nordeste, sudeste e sul do Brasil

Forma de vida: árvore, com 10 a 15 metros de altura



Tipo de uso: construção e ferramentas

Partes usadas: tronco

Zu

Cedro

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO LAKLÂNÕ-XOKLENG

O cedro é uma árvore comum na TI. Antigamente foi bastante explorada para venda da madeira e era usada até mesmo para fazer canoas. Ocorre nas grotas e matão e tem muitos usos: como medicinal, a casca do caule é usada em feridas, sarna e estômago; para construções; para fazer ferramentas e artesanatos (como lança e borduna). É uma árvore indicada pelos Laklânõ-Xokleng para o reflorestamento nas aldeias e também indicadora dos ambientes de matão (**Kutê bág**). Há pessoas que coletam suas sementes para produzir mudas.

“Plantei mais ou menos 700 plantas nativas, o que mais plantei foi cedro, araucária, pata-de-vaca e araçá-vermelho.” (**homem, 25 anos, aldeia Bugio**)

INFORMAÇÕES CULTURAIS - USO SIMBÓLICO

“Quando nascia o nenê escondia-se o umbigo na árvore que tem madeira dura (tarumã, cedro), a folha é quase a do xaxim, bem miudinha. Esconder embaixo da raiz, mas bem devagarinho (tampar devagarinho com barro) para não dar cólica e era para o nenê crescer forte como a árvore. Pode ser qualquer madeira dura que com tempo dá cerne. O pai ensinou agora semana passada.” (**mulher, 47 anos, aldeia Sede**)



Cedro. Foto: T. Gomes

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Meliaceae

Nome científico: *Cedrela fissilis* Vell.

Origem: nativa

Distribuição: América Central e do Sul, em quase todo o Brasil



Tipo de uso: construção, ferramenta e artesanato, medicinal

Partes usadas: tronco e casca

Dolõ

Vara-de-cutia

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO LAKLÂNÕ-XOKLENG

A vara-de-cutia, em Laklânõ-Xokleng **dolõ**, foi a planta mais citada nas entrevistas. Ela é usada para fazer arcos e flechas, grampos de cabelo (uma varinha enfeitada com penas e sementes que se usa para prender o cabelo), lança, cabos de ferramenta e também o **kopã** (pegador de brasa).

“Ela nasce uma próxima da outra, só tira o que for reto e depois rebrota. Não dá muito grossa no máximo 25 cm. É madeira forte e flexível, enverga e não quebra. Usa para fazer arco e flecha. Pega a cera passa na madeira e entorta. Ela vai secando e fica envergada. Amarra uma corda para ajudar a ficar envergada. Depois faz a trança por cima para enfeitar. Para fazer o outro **kopã** corta ele estreito, esquenta, entorta e amarra de um dia para o outro.”

(homem, 48 anos, aldeia Sede)

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Rutaceae

Nome científico: *Esenbeckia grandiflora* Mart.

Origem: nativa

Distribuição: regiões sul, sudeste, centro-oeste, nordeste e parte da região norte

Forma de vida: árvore de 4 a 7 metros de altura



Vara-de-cutia. Foto: T. Gomes



Tipo de uso: artesanato e ferramentas/ utilitários

Partes usadas: tronco e galhos

Katotog

Mamãozinho-do-mato

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO LAKLÂNÔ-XOKLENG

O mamãozinho-do-mato é uma planta nativa da região. Ele não é muito usado atualmente, mas foi um dos frutos usados para alimentação descritos pelo antropólogo Jules Henry, quando esteve com os Laklânô-Xokleng em 1931. Segundo ele, o mamãozinho-do-mato era preparado assado na brasa. Dois entrevistados falaram sobre o mamãozinho-do-mato, dizendo que era usado no passado, e que aprenderam com os avós quando crianças.

“O avô trazia o mamãozinho-do-mato.”
(mulher, 39 anos, aldeia Sede)

Porém o modo de preparo continua o mesmo:

“O fruto é oco e se come assado ou cozido.” (homem, 49 anos, aldeia Bugio)

Um fato interessante é que o mamão cultivado (*Carica papaya*) em Laklânô-Xokleng é denominado de **katotog ve**. A palavra *ve* significa semelhante, indicando que o uso do mamãozinho-do-mato é anterior, pois ao conhecer o mamão cultivado denominaram-no parecido com o **katotog**.

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Caricaceae

Nome científico: *Jacaratia spinosa* (Aubl.) A. DC.

Origem: nativa

Distribuição: quase todo o Brasil

Forma de vida: árvore de 10 a 20 metros de altura com tronco entre 70 e 90 cm de diâmetro



Mamãozinho-do-mato. Foto: T. Gomes



Tipo de uso: alimentação

Partes usadas: frutos

Tanh

Coqueiro

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO LAKLÂNÕ-XOKLENG

Ao se referirem ao coqueiro, muitos entrevistados diziam que é aquele que dá coquinho. Porém é uma planta que chama a atenção pela diversidade de usos, aproveitando-se praticamente toda a planta.

Várias partes do coqueiro são usadas para alimentação, como frutos, sementes (castanha) e até o tronco.

“Se come a polpa e também a noz dentro do coco, minha avó socava no pilão para soltar a polpa.”
(homem, 40 anos, aldeia Sede)

“Também cozinha a parte de dentro e come a castanha.”
(mulher, 79 anos, aldeia Bugio)

INFORMAÇÕES ANTROPOLÓGICAS E ARQUEOLÓGICAS

O uso dos frutos também é relatado por Jules Henry. Segundo ele, os frutos eram socados e comidos ou assados na brasa. Em relatório ao Dr. Blumenau de 29 de março de 1878, Frederico Deeke, comandante da guarda dos batedores do mato, registra a importância do uso do coquinho, ao relatar o que encontrou em um acampamento de verão dos Laklânõ-Xokleng:

“...constituído de dois ranchos arqueados, recobertos de folhas de palmeira, alojamento calculado para umas 40 pessoas cada. Nêstes ranchos achamos 9 gamelas de bordas altas e retas e ao lado de uma delas um socador de pau e montões de cascas quebradas de coquinhos, muito poucos ossos, parece que comeram pouca carne o tempo todo, pois a caça é mesmo escassa nessa região. A vegetação é de faxinal, pinheiros e palmeiras aparecem só nas partes mais húmidas...”



Coqueiro. Foto: T. Gomes

Mais adiante ele comenta:

“(...) ao que parece, durante sua estadia no acampamento, se alimentaram quase que exclusivamente de cocos, tendo derrubado quase todos os coqueiros dos arredores (...) Segundo observei, ao que parece eles não aproveitam só os frutos e a parte comestível dos palmitos, como também a seiva. Em quase todos os coqueiros derrubados havia orifícios abaixo da copa, nos quais se encontravam pauzinhos em forma de calha. Após saborearem a polpa juntaram os coquinhos em pequenos montões, provavelmente para mais tarde quebrar a casca com o socador.”

Talvez o uso da seiva seja para fabricar o **mõg**, pois Henry descreveu que às vezes ao invés de água usavam o leite de uma certa palmeira na fabricação do **mõg**.

Embora atualmente já não seja comum, o caule já foi usado para alimentação:

“Comiam o tronco, pegavam mais duro e socavam e soltava um pó que comiam. ”

(homem, 49 anos, aldeia Bugio)

“ ... para fazer farinha com o caule. Soca e peneira, igual fubá. ”

(homem, 65 anos, aldeia Bugio)

O antropólogo Jules Henry conta que os Laklânõ-Xokleng socavam o miolo do coqueiro e colocavam para assar dentro do bambu e depois faziam bolos, chamados de **kéme**. De acordo com Henry esse alimento não era muito apreciado na época em que fez a pesquisa (1931), mas teriam sido importantes na dieta. O miolo também era cozinhado junto com a carne como um tipo de farinha.

Os entrevistados também falaram em se comer o goró do coqueiro, larva que se desenvolve dentro do tronco da planta.

Além desses diversos usos para a alimentação o coqueiro também é usado na fabricação de utensílios, na construção dos antigos ranchos e como forma de demarcação:

“...para fazer panela de barro. Queimava a casca e o galho de coqueiro, moía o carvão e misturava com o barro.”

(homem, 54 anos, aldeia Bugio)

“...no passado faziam telhado com as folhas.”
(homem, 67 anos, aldeia Sede)

“Para marcar com o carvão os locais onde passavam, caçavam...”
(homem, 64 anos, aldeia Sede)

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Arecaceae

Nome científico: *Syagrus romanzoffiana* (Cham.)

Glassman

Origem: nativa

Distribuição: região sul, sudeste e nos estados de Mato Grosso do Sul, Goiás e Bahia

Forma de vida:

palmeira de 10 a 20 metros de altura com tronco de 30 a 40 cm de diâmetro



Tipo de uso: alimentação, ferramentas, utensílios e construção
Partes usadas: tronco, folha, fruto, semente e seiva

Tulám

Cravo-da-índia

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO LAKLÂNÕ-XOKLENG

O **Tulám** é uma árvore nativa da região. Suas folhas são muito aromáticas e são usadas para chás e também para tempero. Como remédio é usado para aliviar o cansaço, limpar o pulmão e para gripe.

“...para resfriado e gripe. É um chá quente e quando ferve a água fica meio azul, muito cheiroso.”

(homem, 36 anos, aldeia Bugio)

Além do uso medicinal o chá também é muito apreciado no dia a dia.

Embora tenha sido chamado de cravo-da-índia, na literatura é conhecido também pelo nome popular de chá-de-bugre, pau-cravo ou cataia.

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Myrtaceae

Nome científico: *Pimenta pseudocaryophyllus* (Gomes) Landrum

Origem: nativa, endêmica do Brasil

Distribuição: regiões sul, sudeste, centro-oeste e Bahia

Forma de vida: árvore de 4 a 10 metros de altura, com tronco de 20 a 30 cm de diâmetro

Obs: Uma das três variedades da espécie é considerada vulnerável



J. P. Maç

Cravo-da-índia. Flora Digital do RS e SC.

Foto: J.P. Maçaneiro



Tipo de uso: alimentação e medicinal

Partes usadas: folha

Kugklej

Embira

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO
LAKLÃNÕ-XOKLENG

Diversas espécies de árvores das quais se pode usar as fibras do tronco e galhos são chamadas de embira. Usa-se as fibras da casca interna do tronco para fazer cordas, que são usadas para pescar, amarrar e confeccionar tranças, cocares, braçadeiras, o arco do arco e flecha, a peteca indígena **kavin** e o bebê-carona usado para carregar bebês. As tangas, atualmente usadas nas festividades, também são feitas com a embira.

“...usa a segunda casca grudada na madeira para fazer cocar e bebê-carona.”
(homem, 47 anos, aldeia Sede)

Embora tenhamos coletado apenas a espécie *Daphnopsis fasciculata*, foram relatados a existência de vários tipos de embira como a branca, amarela, marrom, vermelha e estopeira:

“...são usadas para fazer tangas, saias, cocar, braçadeira. Diferem pela cor da casca de dentro.”
(mulher, 27 anos, aldeia Bugio)

“...tem a embira branca e a embira, que é um tipo mais amarelada e mais difícil de achar.”
(homem, 18 anos, da aldeia Sede)



Embira. Foto: T. Gomes

A embira também era usada nos rituais de batizado:

“Faz corda com a casca da raiz da embira e enrola no pé da criança até terminar de cantar para batizar. No fim do batismo tem que desenrolar a corda também cantando.”

(mulher, 74 anos, aldeia Sede)

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Thymelaeaceae

Nome científico: *Daphnopsis fasciculata* (Meisn.) Nevling.

Origem: nativa

Distribuição: regiões sul e sudeste

Forma de vida: árvore

de 4 a 6 metros de altura e tronco de 15 a 25 cm de diâmetro



Tipo de uso: ferramentas, utensílios e artesanato

Partes usadas: tronco e casca

Kó vãtxozãlén

Salvação-da-senhora, pau-da-mulher

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO
LAKLÂNÔ-XOKLENG

Essa é uma planta muito presente na cultura Laklânô-Xokleng atualmente. Foi a segunda planta mais citada na Aldeia Bugio e a décima quinta na Aldeia Sede. É uma árvore de pequeno porte, nativa da região, encontrada na mata fechada, ou matão. De acordo com as entrevistas ela se encontra:

“(...)no mato nativo, não na capoeira”
(mulher, 32 anos, aldeia Sede)

“(...)nas grotinhas”
(homem, 27 anos, aldeia Bugio)

“(...)é difícil achar. Nasce longe, no matão.”
(mulher, 32 anos, aldeia Sede)

Por ser muito usada ela às vezes é trazida da mata para ser cultivada próximo das casas.

É uma planta que recebe diversos nomes além de salvação-da-senhora, como pau-da-mulher, pau-pratudo e pau-do-pembá. Esse último é o nome de um senhor que preparava o remédio. Foram descritos diferentes tipos de salvação-da-senhora e através das coletas identificamos três espécies: *Mollinedia* cf. *blumenaviana*, *Mollinedia elegans* e *Mollinedia schottiana*.

A essa planta se atribuem diversos usos, a maior parte deles relacionados ao sistema reprodutivo feminino. De acordo com as entrevistas, a planta é usada para mulheres que não conseguem engravidar. Para grávidas, o uso



Salvação-da-senhora. Foto: T. Gomes

fortalece o bebê e a mulher, atuando sobre o útero e ovários. Também é usada para “segurar a criança”, evitando abortos. Alivia a dor da mulher gestante e cólicas menstruais. É utilizada no resguardo, após ter filho e para “limpar por dentro”. Cura inflamações e infecção no útero e ajuda a regular a menstruação, conter hemorragias e combater o inchaço do corpo. Também foi relatado seu uso para outros fins como para combater diarreia, resfriados, câncer no útero, sopro no coração e também para os músculos, para tirar o cansaço e retardar o envelhecimento.

“Busquei para minha mulher que tinha infecção no útero e não podia engravidar e ela está grávida. Também serve para depois da gravidez para o útero fraco. Tem quantidade certa para colocar as folhas ou o cipó dependendo do problema. Tem vários tipos: o branco, o rosa pode ser abortivo, pois é mais forte.”

(homem, 23 anos, aldeia Bugio)

“... para o útero da mulher, para deixar mais fértil para engravidar, para depois do parto quando tem algo nos ovários e útero. É um antibiótico índio. Tem diferentes tipos: tem da casca mais grossa, mais vermelha e folha mais larga e tem da casca mais fina, mais branca e folha mais estreita. Tem uma simpatia para tirar a casca, se tira para cima é para fazer bem, se tira para baixo abortava naturalmente.”

(homem, 27 anos, aldeia Bugio)

“Para mulher grávida e depois que a mulher ganha bebê toma chá da folha ou raspa-se a casca, faz chá e toma ou toma banho. Não é um chá quente. Tem um ritual de conversar com a árvore, dizer o que quer. Raspa de cima para baixo, quando já está na hora do parto e de baixo para cima para segurar o bebê.”

(homem, 36 anos, aldeia Bugio)

Por ser uma planta importante para questões essenciais como a fertilidade e a reprodução, percebemos o valor do conhecimento e do cuidado associado ao seu uso. Segundo o que nos foi relatado, dependendo do tipo de salvação-da-senhora, da quantidade e da forma de coletar, o resultado pode ser bem distinto, desde “segurar a criança” a provocar um aborto.

Apesar de serem plantas amplamente conhecidas e utilizadas pelos Laklânô-Xokleng, suas propriedades ainda não foram investigadas farmacologicamente.

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Monimiaceae

Nome científico: *Mollinedia cf. blumenaviana* Perkins, *Mollinedia elegans*

Tul. e *Mollinedia schottiana* (Spreng.) Perkins

Origem: nativa, endêmica do Brasil

Distribuição: regiões Sul, Sudeste e no estado da Bahia

Forma de vida: arvoreta

Obs: a espécie *Mollinedia blumenaviana* encontra-se quase ameaçada de extinção



Tipo de uso: medicinal

Partes usadas: folhas e troncos

Zunh

Guiné

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO LAKLÂNÕ-XOKLENG

A guiné é uma erva exótica originária da América Central e é usada pelos Laklânõ-Xokleng desde antes do contato. Vários entrevistados contaram que foi usada por Kámlên, um líder importante da época do contato, que se comunicava com os espíritos da natureza. A história conta que Kámlên foi picado no braço por uma cobra e se curou usando a guiné, porém perdeu o braço.

Outros usos citados foram para evitar filho, espantar cobra, tratar machucadura e dor de cabeça.



Guiné. Foto: M. Heineberg

“Os índios plantavam perto das casas para não chegar cobra.”
(mulher, 28 anos, aldeia Sede)

“Os índios do mato não tinham doença. Morriam de picada de cobra, de velho, os remédios eram só pra machucado.”
(homem, 80 anos, aldeia Bugio)

“No mato não fica doente, quando cai é picada de cobra... Eu tenho remédio para picada de cobra.”
(mulher, 74 anos, aldeia Sede)

“Usa também para afastar as cobras, pois tem um cheiro forte. Amassam a folha, passam no corpo e colocam no bolso antes de ir para o mato.”
(mulher, 60 anos, aldeia Sede)

Na literatura encontramos diversos usos para essa planta, como antiespasmódica, diurética, sudorífera, sendo usada também para combater a artrite, reumatismo, malária, dor de cabeça, traumatismos e para induzir abortos. Porém, o uso da guiné para tratar picada de cobra não é comum e só foi encontrado registro desse uso além dos Laklânô-Xokleng com os Kaiowá e Guarani no Mato Grosso do Sul⁴.

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Phytolaccaceae

Nome científico: *Petiveria alliacea* L.

Origem: exótica (América Central)

Forma de vida: erva



Tipo de uso: medicinal

Partes usadas: folha e caule

⁴Norlene, R. B.; Castilho, R. O.; Costa, R. B.; Pott, A.; Pott, V. J.; Scheidt, G. N. e Batista, M. S. 2005. Medicinal plants used by the Kaiowá and Guarani indigenous populations in the Caarapó Reserve, Mato Grosso do Sul, Brazil. Acta botanica brasílica 19(1): 39-44.

Van

Taquara

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO
LAKLÂNÕ-XOKLENG

Na Terra Indígena Laklânõ existem diversos tipos - espécies de taquaras, que são utilizadas para fazer cestos, armadilhas de pesca e os trançados que enfeitam os artesanatos e ferramentas.

“Para enfeitar o artesanato com trançado junto com o cipó-imbé (duas cores), usado nos balaios, cabos de lança e chovalho.”

(mulher, 44 anos, aldeia Bugio)

“Para enfeite de arco e flecha. Também faz cesto, peneira e armadilha de pesca. Corta a taquara, racha no meio, rapa para deixar liso e lasca. Usa cera de abelha nativa para passar no cesto.”

(homem, 60 anos, aldeia Bugio)

Ela também é utilizada no preparo do **kapug**, uma comida tradicional Laklânõ-Xokleng em que se usa a taquara como recipiente para assar dentro dela uma massa de farinha de trigo ou de milho, e também carne.

“...usa como panela para cozinhar carne ou polenta.”

(mulher, 32 anos, aldeia Sede)



Taquara. Foto: T. Gomes

A taquara também foi citada por várias pessoas por causa da larva de inseto que se desenvolve em seu interior, chamada de **goró**, ou **van gó**. Pela forma como foi citado, o goró é como se fosse parte da taquara. Perguntávamos sobre o uso de plantas e nas respostas sobre a taquara os entrevistados explicavam que o que se comia era o goró do seu interior.

“...comer o goró que vem da taquara, nasce lá dentro.
Cozinham, fritam ou fazem na folha do caeté.”
(mulher, 44 anos, aldeia Bugio)

“A taquara dá flor de 30 em 30 anos e depois morre, seca e dá goró. Aí vem muito bicho. O rato vem comer o goró, aí vem coruja e cobra atrás do rato (tem gente que come), quati come de tudo, jacu também. O quati anda de bando.”
(homem, 40 anos aldeia Bugio)

Também citaram outro uso do goró:

“A banha do goró é boa para a pele. Usam para assadura de nenê e para tirar calos. Esquentam o goró na frigideira e tira a banha.”
(homem, 27 anos, aldeia Bugio)

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Poaceae

Nome científico: *Merostachys* spp.

Origem: nativa do Brasil

Distribuição: todo o Brasil

Forma de vida: erva lenhosa, com altura de 6 a 9 metros



Tipo de uso: ferramentas, utensílios e artesanato

Partes usadas: colmo

Kuke vigduve

Tripa-de-galinha

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO LAKLÂNÕ-XOKLENG

A tripa-de-galinha é uma árvore exótica, considerada invasora por se espalhar mesmo sem ser plantada. Nas entrevistas foi descrita por alguns como uma planta cultivada e por outros como espontânea, por essa característica de se reproduzir independente da ação humana. Seus frutos doces são alimento tanto para as pessoas como para os bichos, desde cachorros até a fauna silvestre, como o jacú. Sua semente é usada para fazer colares, brincos e grampos de cabelo.

Alguns entrevistados, ao citar o nome em Laklânõ-Xokleng, fizeram uma tradução do nome em português, por isso a tripa-de-galinha foi chamada de **kugkév zi dug ve** (**kugkév** = galinha, **zi** = marca de gênero feminino, **dug** = barriga e **ve** = parecido).



Tripa-de-galinha. Foto: T. Gomes

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

Família botânica: Rhamnaceae

Nome científico: *Hovenia dulcis* Thunb.

Forma de vida: árvore, que pode atingir 25 metros

Origem: exótica (China e Japão)



Tipo de uso: artesanato e uso para alimentação

Partes usadas: sementes

Dénkónã

Flamengo

INFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO LAKLÂNÕ-XOKLENG

O flamengo é uma árvore nativa da região que recebe esse nome devido às suas vistosas sementes de cores vermelha e preta, que são usadas no artesanato para a confecção de colares, brincos, chocalhos e grampos de cabelo. A semente também tem uso medicinal principalmente para o coração, mas também para o fígado, vesícula, rins, estômago, diarreia e dor de cabeça. Também usam a madeira para tábuas, assoalho e lenha.

A palavra Xokleng *dénkónã* é utilizada para designar diversas frutas e sementes. Outros nomes que dão a essa espécie são pau-andrade e coronheira.



Flamengo. Foto: T. Gomes

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

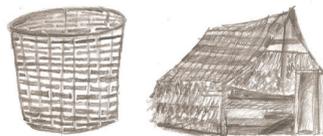
Família botânica: Fabaceae

Nome científico: *Ormosia arborea* (Vell.) Harms

Origem: nativa

Distribuição: Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso do sul até Santa Catarina

Forma de vida: árvore, com altura de até 20 metros



Tipo de uso: construção, ferramentas, artesanato e utensílios.

Partes usadas: tronco

TECENDO A TEIA DO CONHECIMENTO: AS DINÂMICAS DO CONHECIMENTO LAKLÂNÕ-XOKLENG E SUA TRANSMISSÃO ENTRE AS GERAÇÕES

Observando as plantas utilizadas no dia a dia percebemos o dinamismo do conhecimento Laklânõ-Xokleng, em constante transformação de acordo com o ambiente e com a história do grupo. Esse dinamismo do conhecimento é característico do ser humano. Mesmo antes do contato os Laklânõ-Xokleng já passavam por esse processo. De acordo com Jules Henry, antropólogo que passou um ano entre os Xokleng no início da década de 1930 (na TI ele é conhecido por seu primeiro nome Júlio), devido ao conflito com outros povos, que vinham acontecendo há mais de 200 anos antes do contato, os Laklânõ-Xokleng mudaram seu hábito de agricultores deixando de residir em aldeias e passaram a uma vida mais nômade. A partir do contato, as mudanças no modo de vida aumentaram, o que repercutiu no conhecimento sobre as plantas e em diversos outros aspectos de sua cultura.

Foto: M. Heineberg





Espécies cultivadas.
Foto: M. Heineberg.

PERPETUAÇÃO DO CONHECIMENTO

Algumas plantas fazem parte da cultura Laklãnõ-Xokleng há muito tempo. Em escavações arqueológicas em um sítio Jê, o sítio Bonin em Urubici, datado de 600 anos atrás, portanto por volta do ano 1400, foram encontrados vestígios de milho, abóbora, mandioca, feijão e inhame.

Jules Henry, na década de 1930, registrou as seguintes plantas de uso simbólico: xaxim, samambaia, comi-da-crua-da-anta, cedro, **tutolo** ou sassafrás, e **mbe** (provavelmente imbé). Para uso alimentício ele menciona **tai** ou coqueiro, araucária, milho e mamão-do-mato. Para a confecção de arcos e flechas e bordunas relatou o uso da cabreúna, taquara e **ndo** (provavelmente vara-de-cutia).

Greg Urban, outro antropólogo que esteve entre os Laklãnõ-Xokleng de 1974 a 1976 (e que também é conhecido na TI por seu primeiro nome Gregório) registrou o uso das seguintes plantas para alimentação: três tipos de araucária, três tipos de coqueiro, palmito, xaxim, quatro tipos de araçá, guabiroba, caixeta, corticeira, pessegueiro-bravo, mamão-do-mato, jabuticaba, bacupari, ingá, caraguatá e leiteiro.



Desenho coletivo de alunos da
Escola Vanhecú Patté.

MUDANÇAS NO CONHECIMENTO

Através de comparações com pesquisas mais antigas, percebemos que existem algumas plantas cujos usos e significados foram se transformando ao longo do tempo. O sassafrás ou **tutol**, por exemplo, que antes tinha um uso simbólico de proteção perante o mundo sobrenatural, sendo usado nos rituais de cremação e enterro dos mortos, atualmente foi citado com uso medicinal para tratar a gripe. Nesse caso podemos supor que, com a introdução de outras religiões o mundo sobrenatural deixa de ser uma ameaça, e o sassafrás mantém sua importância passando a ser usado para uma nova ameaça: as doenças trazidas pelos brancos.

O xaxim, usado para fazer o **mõg**, bebida fermentada usada nos rituais, hoje em dia ainda é associado aos rituais por alguns, enquanto que para outros tem um sentido mais atual, associado à festa do Dia do índio.

O guiné era usado para tratar picadas de cobra e hoje, além desse uso, também foi relatado para afastar as cobras. Vários objetos que antes eram ferramentas/utilitários do dia a dia atualmente são feitos com outro objetivo, como serem vendidos como artesanato, o que também provocou mudanças na sua confecção. Os arcos e flechas, por exemplo, que tinham a altura de um homem, hoje são feitos em tamanhos menores com aproximadamente 40 cm e também miniaturas de 10 cm, embora alguns poucos ainda façam arcos e lanças de 1,5 m.

PERDAS NO CONHECIMENTO

Ao longo desses processos de mudanças também ocorrem perdas. A falta de uso provocada pelas mudanças no modo de vida pode fazer com que o conhecimento sobre determinadas plantas seja esquecido. A mudança de um hábito de grande mobilidade para o sedentarismo com a fixação na TI representou uma redução na amplitude de paisagens antes percorridas, e por consequência, um contato menos intenso com algumas plantas anteriormente utilizadas que podem não ocorrer na área atual da TI.

Podemos supor que das 204 plantas que não registramos o nome na língua Laklânô-Xokleng, algumas podem ser plantas incorporadas após o contato e que talvez nunca tenham recebido um nome indígena. Outra parte pode ser de plantas cujos nomes em Laklânô-Xokleng estão sendo esquecidos. Com a introdução da língua portuguesa, o Laklânô-Xokleng foi sendo menos falado. Dessa forma, algumas palavras que se referem a elementos que não estão mais tão presentes no dia a dia podem estar sendo perdidas.

Durante a pesquisa encontramos outro exemplo que aponta para esse processo de perda. Para uma pequena proporção das plantas citadas (3%), os entrevistados não sabiam o nome da planta, mas se recordavam de seu uso, às vezes descrevendo detalhadamente a forma de utilização ou de preparo, no caso de plantas medicinais. Como a transmissão desse conhecimento ocorre de forma oral, a memória tem um papel fundamental e o esquecimento do nome pode indicar um passo na perda desse conhecimento.

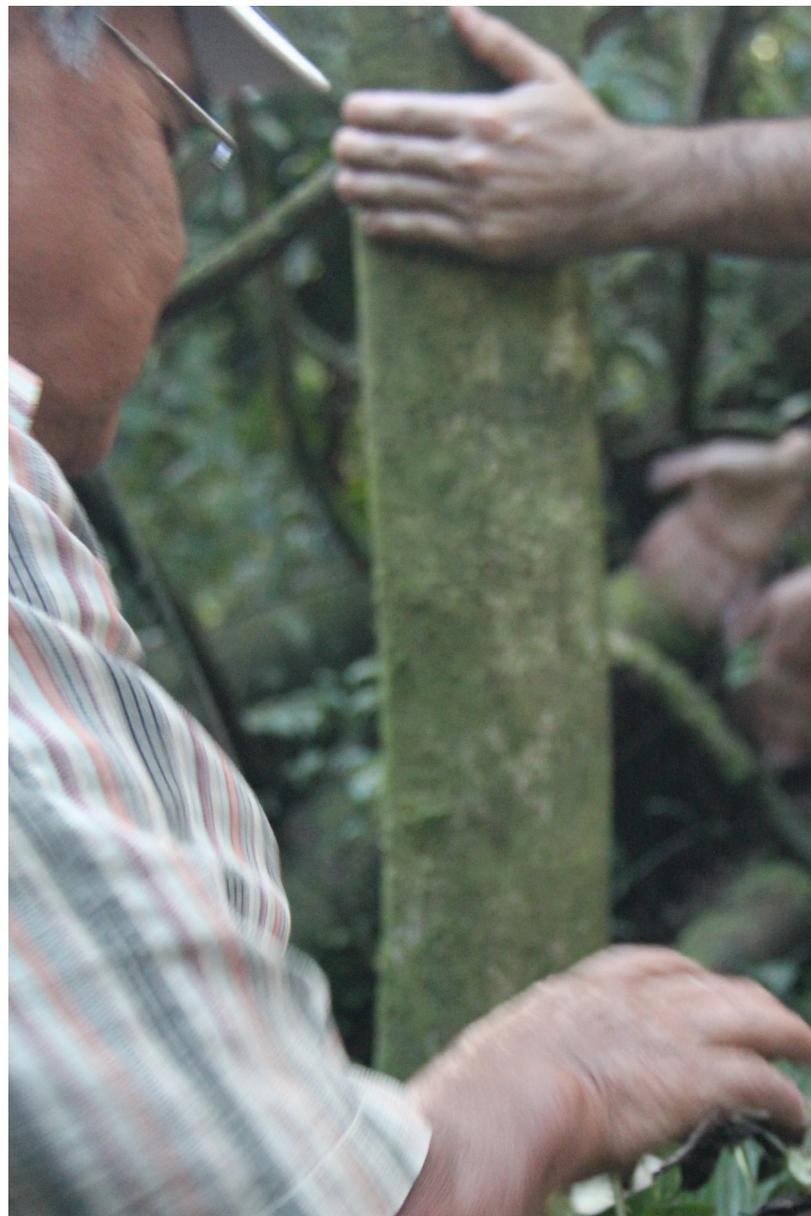


Foto T. Gomes

INCORPORAÇÕES NO CONHECIMENTO

O dinamismo do conhecimento também está associado à incorporação de conhecimentos e práticas de outras culturas. Porém, essa incorporação não é um processo passivo, pois esses conhecimentos e práticas têm seus valores reelaborados pelo grupo.

O uso de folhas para alimentação como da serralha, radite e almeirão-do-mato foi relatada como um costume vindo dos Kaingang. A confecção de colares e balaios foi apontada como uma influência vinda dos Guarani. Os Guarani passaram a residir na TI a partir de 1950, atualmente vivem principalmente na aldeia Takuaty próximo à aldeia Bugio.

A partir do contato, intensifica-se a influência da sociedade não indígena, tanto através da interação com Eduardo Hoerhan e os demais funcionários do SPI, como com os colonos que vivem nos arredores da TI Laklãnõ. Se observarmos as ervas exóticas citadas na pesquisa, 32% delas são usadas com fins medicinais e 66% são usadas para alimentação, o que corresponde às duas mudanças fundamentais às quais os Lalkãnõ-Xokleng tiveram que se adaptar: passar a se alimentar em um modo de vida sedentário dentro de um território restrito e resistir às novas doenças providas do contato com os não-índios. Algumas dessas plantas provavelmente foram introduzidas pelos funcionários do SPI para garantir o sustento e tratar as doenças.

Durante os trabalhos na TI presenciamos uma situação em que uma senhora de Blumenau, que visitava a Trilha da Sapopema na aldeia Bugio, ao ver o guia Laklãnõ-Xokleng dobrar uma folha de caeté para fazer um copinho para os turistas beberem água exclamou: “Igual a minha oma⁵ fazia!!” Esse é um pequeno exemplo, que ilustra que essa intensa troca não foi unilateral. Os colonos, ao chegarem ao Brasil, não conheciam a flora local e devem ter aprendido muito sobre as plantas com os índios. Portanto, ao mesmo tempo em que as plantas exóticas que são usadas hoje na TI Laklãnõ, podem ter vindo desse contato com os não-índios, diversos usos de plantas nativas usadas por eles podem ter sido aprendidos com os Laklãnõ-Xokleng.

QUAL A SITUAÇÃO ATUAL DO CONHECIMENTO E DO USO DAS PLANTAS NA TERRA INDÍGENA LAKLÃNÕ?

Entre as plantas citadas na pesquisa a maioria, 77%, é utilizada no dia a dia. Há também algumas plantas que foram usadas pelos entrevistados no passado, mas atualmente já não são usadas (15%) e também há plantas das quais os participantes da pesquisa só ouviram falar sobre o uso, mas nunca a utilizaram (8%). O fato da maioria das plantas citadas estar sendo usada atualmente indica uma estreita relação dos Laklãnõ-Xokleng com os recursos vegetais.

⁵Avó, em alemão

Observando quais plantas não são mais usadas e relacionando isso às mudanças e adaptações pelas quais os Laklânõ-Xokleng passaram, podemos perceber as consequências de algumas mudanças do modo de vida sobre o conhecimento e uso das plantas.

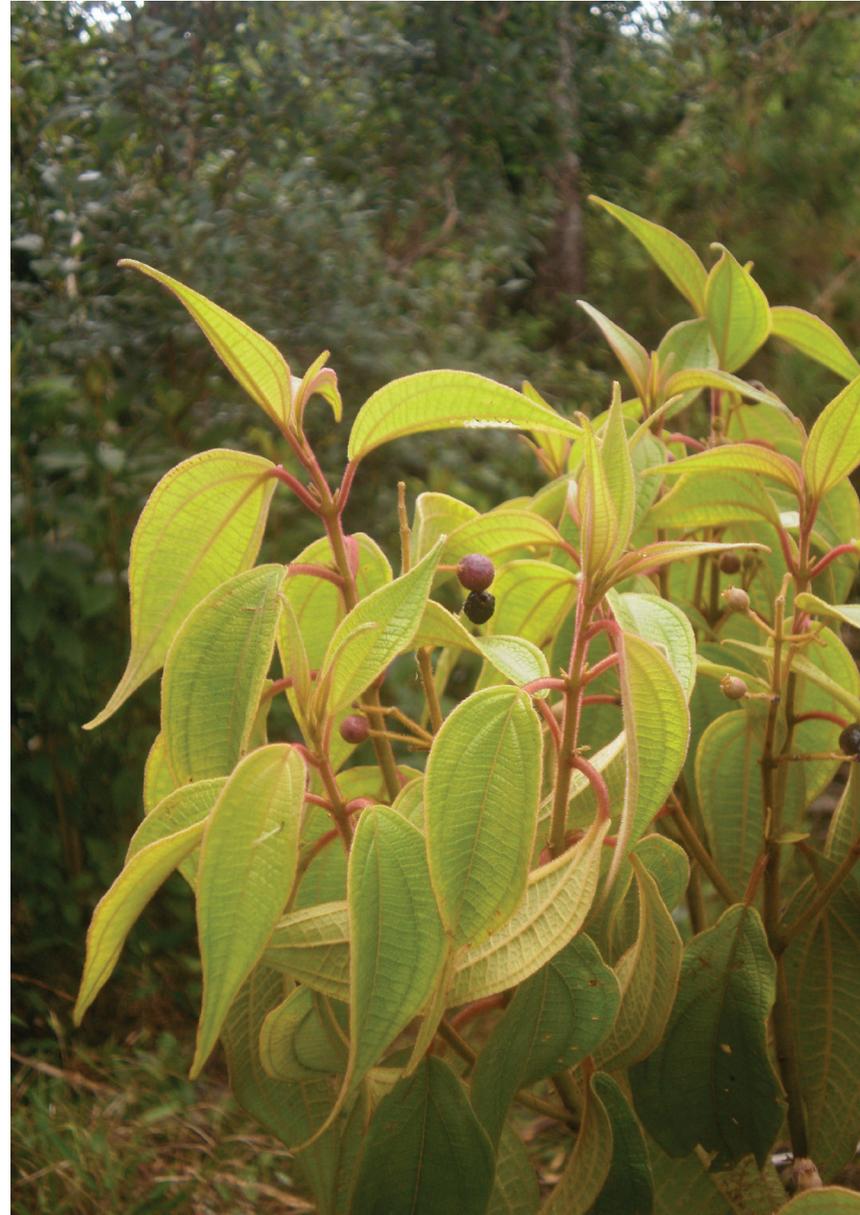
PLANTAS USADAS NO PASSADO

As plantas que foram indicadas como de uso e manejo passado são principalmente plantas que foram usadas na infância, com os pais e avós, mas que a pessoa não usa mais no seu dia a dia como, por exemplo, os frutos silvestres: mexerico, ticum, ingá, arará, gabi-roba e baga-de-macaco que são mais procurados pelas crianças.

As mudanças no modo de vida do grupo também fizeram com que algumas plantas sejam consideradas como de uso passado. Por exemplo, as incursões na mata para buscar algumas plantas mais distantes como, por exemplo, flamengo, palmito e embiruçu já não são mais tão frequentes em algumas famílias.

Outra mudança no modo de vida foi causada pela construção da Barragem Norte e o consequente alagamento da área agricultável no vale dos rios onde se localizavam as roças, reduzindo o cultivo de plantas alimentícias na TI. Por esse motivo várias plantas como, por exemplo, milho, feijão, arroz, mandioca e batata-doce, foram relatadas como de manejo passado por alguns entrevistados.

As restrições legais para a extração de plantas nativas⁶ reduziram a atividade madeireira dentro da TI e por isso plantas como sassafrás, perova,



⁶ Decreto n° 99.547, de 25 de setembro de 1990 que proíbe, por prazo indeterminado, o corte e a respectiva exploração da vegetação nativa da Mata Atlântica, e pelos subsequentes decretos n° 750 de 10 de fevereiro de 1993 e a Lei da Mata Atlântica n° 11.428 de 22 de dezembro de 2006 <http://www.planalto.gov.br> - consultado em 22/06/2014

canela, imbuia, canjarana, cedro e óleo também foram consideradas por muitos como de uso passado. No entanto, algumas das plantas citadas como de uso passado por alguns ainda são de uso atual entre outras famílias.

PLANTAS QUE APENAS SE CONHECE O USO

As mudanças no modo de vida citadas acima aconteceram principalmente a partir da década de 1980, portanto, ao longo da vida da maioria dos entrevistados, que por isso presenciaram e participaram de atividades que não estão mais presentes hoje. Já algumas plantas e seus usos foram citadas como apenas conhecidos porém não utilizadas. Essas plantas devem estar relacionadas a mudanças mais antigas. Os usos dessas plantas provavelmente não foram vivenciados e sim presenciados ocasionalmente, ou então aprendidos apenas por transmissão oral de conhecimentos.

As plantas citadas cujo uso é apenas conhecido são principalmente medicinais e para artesanato. Alguns exemplos são: o uso da folha do palmito, do ticum e do coqueiro para fazer a cobertura dos ranchos, onde antes se abrigavam; o uso da folha do caeté e da taquara para assar alimentos; o uso da taquara para fazer cestos; a urtiga-brava usada para fazer mantas; o uso medicinal da pata-de-vaca; e plantas alimentícias como o mamãozinho-do-mato. Algumas das plantas citadas por alguns como apenas conhecidas ainda são de uso atual para outros.

Algumas mudanças culturais que podem ser relacionadas ao fato dessas plantas não serem mais



Manto de Urtiga. Foto M. Heineberg

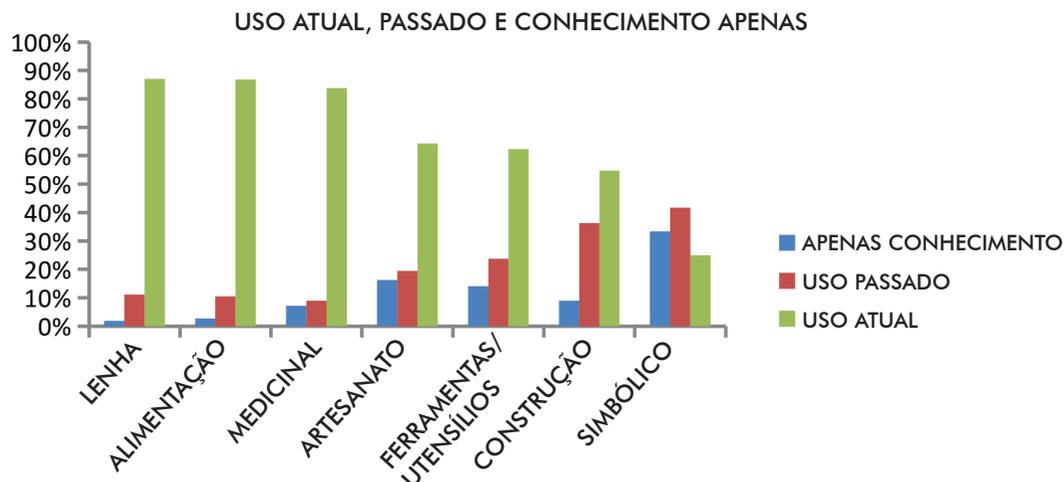


Rancho de palha e madeira
Foto M. Heineberg

usadas por alguns são a construção de casas inicialmente de madeira e depois de alvenaria; e o atendimento do sistema de saúde público, com a introdução de outra forma de tratar as doenças valorizando o uso de remédios industrializados. A introdução de artefatos industrializados também fez com que algumas matérias primas da floresta deixassem de ser usadas na confecção de utensílios do dia a dia. Podemos perceber que algumas mudanças no modo de vida foram parciais e outras mais definitivas. Por exemplo, apesar do cultivo de espécies de roça ter sido muito prejudicado pelo alagamento dos vales, por consequência da construção da barragem, ainda ocorre o plantio de roças e hortas em outros locais. Por outro lado, depois da construção das casas de alvenaria os ranchos são pouco utilizados.

COMPARANDO O USO ATUAL, PASSADO E O CONHECIMENTO APENAS NAS DIFERENTES CATEGORIAS DE USO

No gráfico ao lado podemos observar como o conhecimento e uso das plantas está intimamente ligado ao modo de vida. As categorias lenha, alimentação e medicinal que estão mais relacionadas às necessidades básicas do ser humano como alimentação e saúde, são aquelas em que o uso atual é mais predominante. A lenha é usada



nos fogões tanto para preparar o alimento como também para aquecer as casas, o que é fundamental no inverno, principalmente na aldeia Bugio.

Na categoria ferramentas/utensílios, construção e uso simbólico há um aumento no número de plantas citadas como uso passado uma vez que esses usos não estão mais tão presentes no cotidiano, pois com a introdução de produtos industrializados muitas das ferramentas e utilitários deixaram de ser produzidos. Com a descontinuidade dos rituais e a adoção de outras religiões as plantas de uso simbólico também não têm sido muito utilizadas.

Após constarmos esse dinâmico processo de perpetuação, perdas, mudanças e incorporações do conhecimento e uso das plantas ao longo do tempo é importante tentar entender como essas mudanças ocorrem. Para isso vamos começar primeiro observando como o conhecimento sobre o uso das plantas está distribuído na população e depois como se dá a sua transmissão ao longo das gerações.

DISTRIBUIÇÃO DO CONHECIMENTO

Características como idade, gênero, escolaridade e atividades desenvolvidas podem ser responsáveis pelas diferenças na distribuição do conhecimento numa população. Em nossa pesquisa analisamos a distribuição do conhecimento de acordo com o gênero e a idade.



Apresentação de antigos rituais,
Escola Vanhecú Patté.
Foto M. Heineberg

DISTRIBUIÇÃO DO CONHECIMENTO NA POPULAÇÃO DE ACORDO COM O GÊNERO

Os homens citaram mais plantas do que as mulheres, principalmente em três categorias de uso: ferramentas/utensílios, construção e lenha; todas elas relacionadas ao uso madeireiro.

Na divisão de tarefas descrita por Jules Henry na década de 1940 as mulheres eram responsáveis por preparar os abrigos em que dormiam, pegar a lenha, cozinhar, confeccionar as panelas de cerâmica, tecer as mantas e os bebês-caronas, carregar os utensílios, os bebês e a brasa para a próxima fogueira, de um acampamento para o outro; enquanto os homens caçavam, confeccionavam seus arcos e flechas, lanças e bordunas, coletavam mel e pinhão. Eles também faziam o fogo e teciam os cestos em que as mulheres carregavam as coisas e muitas vezes ajudavam as mulheres carregando os objetos e os bebês, preparando os abrigos e também cozinhando.

Atualmente, tanto os homens como as mulheres participam da maioria das atividades relacionadas ao uso de plantas, estando ambos os gêneros envolvidos nas atividades de produção de alimentos, confecção de artesanato e uso de plantas medicinais. Apenas as atividades madeireiras estão mais restritas ao universo masculino. Esse padrão atual da divisão de tarefas entre os gêneros na TI é semelhante ao dos pequenos agricultores da região.

Todavia, ao observar mais detalhadamente o uso das plantas podemos identificar algumas diferenças na distribuição das tarefas entre os gêneros. Por exemplo, com relação às plantas medicinais, não houve diferença com relação a quantidade de plantas citadas por homens e mulheres pois ambos participam do processo de utilização. Porém, em geral, as mulheres têm um papel importante na preparação dos remédios caseiros e os homens auxiliam coletando as plantas na mata.

DISTRIBUIÇÃO DO CONHECIMENTO DE ACORDO COM A IDADE

O número de plantas citadas não teve relação com a idade das pessoas entrevistadas, ou seja, os jovens e os mais velhos citaram um número semelhante de plantas. Os sete entrevistados que citaram um maior número de plantas (entre 36 e 59 plantas) têm idades variando entre 26 e 74 anos. Também houve nove entrevistados, com idades variando entre 23 a 59 anos, que citaram de uma a cinco plantas, o que reforça a ideia de que a distribuição do conhecimento não parece ter relação com a idade, mas sim com outras características.

Entre as sete pessoas que citaram um maior número de plantas, quatro delas fazem parte de uma mesma família. A mãe é parteira e artesã, com um vasto conhecimento das plantas e suas utilizações. Ela provém de uma família em que esses conhecimentos eram utilizados e valorizados. Uma quinta pessoa, entre essas sete que citaram mais plantas, é um primo dessa senhora e tem 67 anos. Esse senhor valoriza a sua cultura e se ocupa em repassar esses conhecimentos. Seus filhos nos relataram diversas situações recentes em que ele fez questão de lhes mostrar e retomar costumes que já não são tão comuns no dia a dia como, por exemplo, o ato simbólico de enter-

rar o umbigo do bebê próximo a uma raiz, para que ele seja forte como a árvore. Sua filha nos mostrou registros escritos que ele lhe passou sobre o uso de várias plantas medicinais.

Em relação às outras duas pessoas que citaram muitas plantas, uma delas possui 40 anos, foi criada pelos avós e participava com eles nas atividades de roça e na confecção de artesanato. A outra, também de 40 anos, desde criança acompanhava o pai e os mais velhos em suas atividades na mata. Ajudou seu pai coletando sementes e plantando mudas; inclusive, as araucárias plantadas por eles já estão grandes e dando pinhão. Além de conhecer uma grande diversidade de plantas ele também nos relatou sobre diversas interações entre os animais e as plantas e sobre os processos de sucessão (mudança) da vegetação.

Assim, percebemos que em algumas famílias os conhecimentos sobre as plantas são valorizados e repassados e que esse histórico da família em praticar e valorizar a cultura local aliado a um interesse pessoal tem grande influência no conhecimento de cada indivíduo sobre as plantas.

A TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO

Outro aspecto importante com relação ao conhecimento é a forma como ele é transmitido de uma geração para a outra. Vamos tomar aqui como exemplo apenas as plantas usadas para artesanato e as medicinais.

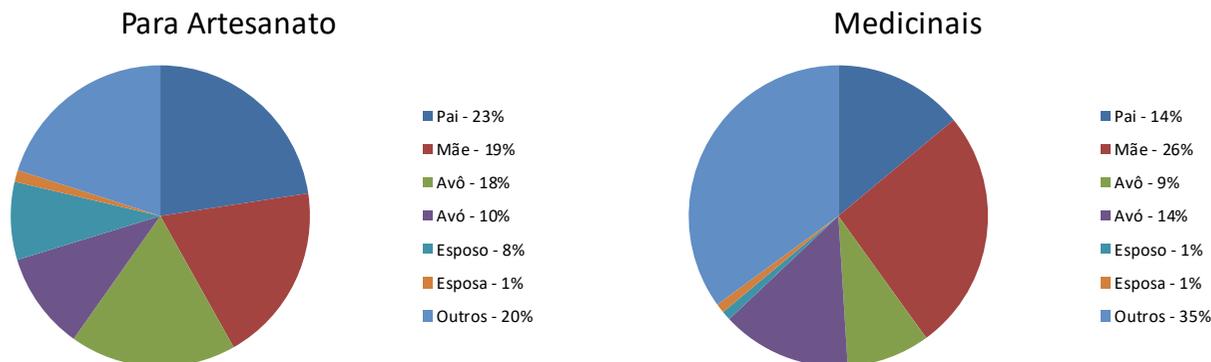
COM QUEM E QUANDO APRENDERAM SOBRE AS PLANTAS?

A maioria das plantas usadas para artesanato (63%) foi aprendida na infância principalmente com pais e avós. Um pouco mais de um quarto delas (26%) foi aprendida quando adulto, e as demais (11%) na juventude dos entrevistados.

Entre as plantas medicinais citadas, mais da metade (53%) também foi aprendida na infância, principalmente pela influência do conhecimento dos pais e avós.

Na cultura Laklãnō-Xokleng os avós têm um papel importante na criação das crianças. Esse costume é expresso na própria língua, em que a mesma palavra **jō** é usada para mãe e avó e a palavra **jug** para pai e avô. Há um costume dos avós criarem os primeiros netos, uma tradição antiga que continua presente nos dias de hoje em algumas famílias.

COM QUEM APRENDERAM SOBRE AS PLANTAS?



Essa transmissão de conhecimentos que se dá principalmente na família, entre gerações e durante a infância, favorece a conservação das informações e também garante uma maior heterogeneidade de informação dentro de uma população. Entre os Laklânô-Xokleng observamos que algumas plantas medicinais muito citadas por algumas famílias não foram mencionadas em outras. Por exemplo o coração-da-índia, a erva-de-mamangava e o jilol-do-mato foram citadas quase que exclusivamente em um único grupo familiar.

Com relação às plantas medicinais, houve uma menor concentração da aprendizagem na infância com o aumento das plantas aprendidas nas outras fases da vida: na juventude (14%) e na idade adulta (33%). Talvez isso ocorra mais com as plantas medicinais do que com aquelas usadas para artesanato pelo fato desses conhecimentos serem mais específicos e também pelo fato das crianças apenas presenciarem o preparo, mas não participarem dele. Alguns entrevistados comentaram que tiveram contato com o uso das plantas medicinais na infância, mas depois precisaram retomar esse conhecimento quando adultos.



Avó e neto coletando plantas. Foto R. Palhares

“Aprendi sobre o cipó-milome quando novo com os mais velhos, mas depois pesquisei de novo, pois não usava.”
(Mulher, 48 anos, aldeia Bugio).

“Conheci a salvação-da-senhora com os parentes, a mãe e a avó contavam quando eu tinha 12 anos. Naquela época não era nada para mim, mas agora que eu vim a entender as coisas fui lembrar.”
(Mulher, 36 anos, aldeia Bugio).

O artesanato, por ser uma atividade mais frequente e rotineira, permite uma maior vivência e participação do que a preparação de remédios, que é mais eventual. Isso mostra como é importante a prática na aprendizagem e transmissão do conhecimento pois o emprego de um recurso depende do conhecimento sobre ele, mas também da habilidade de saber usá-lo. Sobre isso um senhor de 42 anos da Aldeia Bugio, ao nos falar sobre o uso do ticum, disse:

“Usa para fazer linha, cordinha, com a fibra da folha. Enrola na perna. A mãe me ensinou desde os 10 anos, mas até hoje não consigo fazer.” (Mulher, 48 anos, aldeia Bugio).

Vários dos entrevistados nos relataram que aprenderam sobre as plantas ao ajudar os mais velhos nas tarefas do dia a dia e quando os acompanhavam nas incursões ao mato.

“Aprendi com o pai e outros índios, desde criança quando entrava no mato com os mais velhos.”
(Homem, 40 anos, aldeia Bugio).

Isso nos faz pensar nas consequências que a introdução da escola vem causando na transmissão do conhecimento Laklânō-Xokleng, pois ela ocupa o tempo os alunos estariam acompanhando as atividades com os pais e com eles aprendendo.

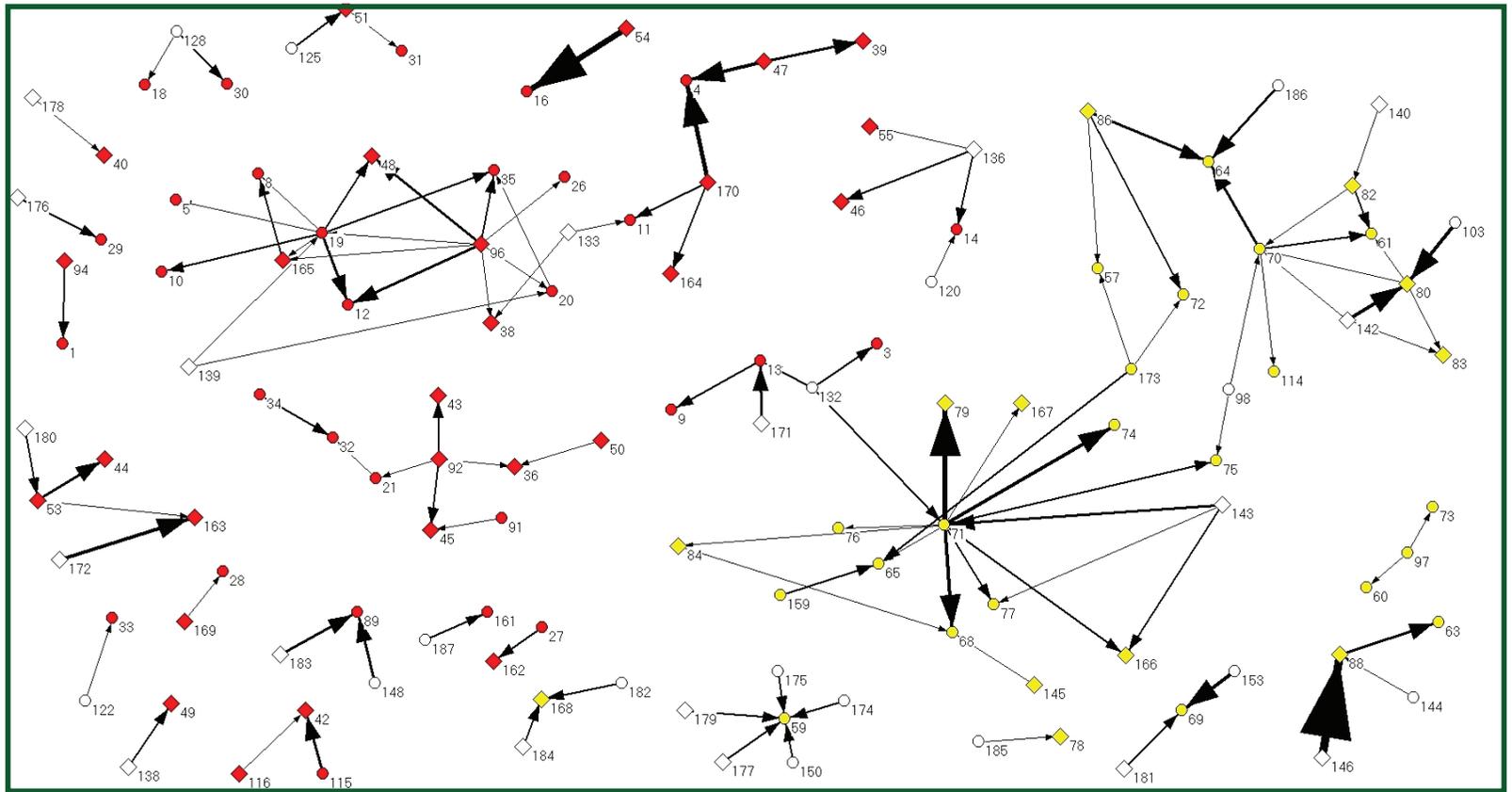
AS REDES DE TRANSMISSÃO

Para visualizar melhor como se dá a transmissão do conhecimento sobre as plantas elaboramos dois sociogramas⁷, um das plantas usadas para artesanato e outro das medicinais. Esses sociogramas são uma espécie de desenho representando a transmissão do conhecimento registrada na pesquisa. Os vértices numerados ou nós, representam os indivíduos e as flechas, ou elos, representam a transmissão de informação de um indivíduo para outro. Os nós estão diferenciados de acordo com o gênero: homens representados por quadrados e mulheres por círculos e também de acordo com a aldeia em que residem: nós vermelhos para a Aldeia Bugio, amarelos para a Aldeia Sede e os nós brancos quando não temos informação quanto ao local de residência da pessoa citada, sendo que uma boa parte dessas pessoas já faleceram. A espessura da flecha aumenta de acordo com o número de plantas que foram ensinadas.

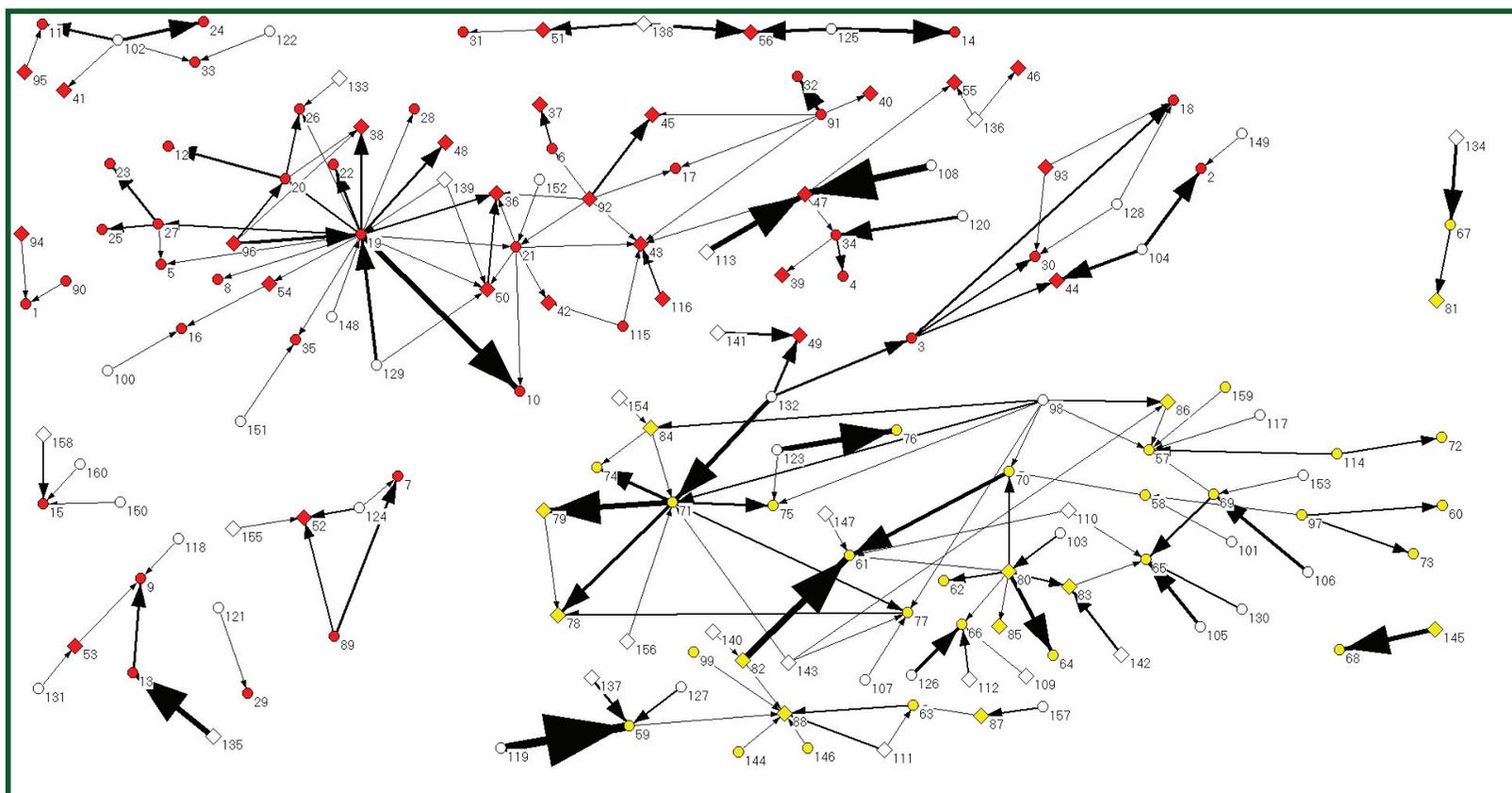
⁷ Sociograma - técnica que mostra em forma de gráfico as várias relações entre os sujeitos que formam um grupo.



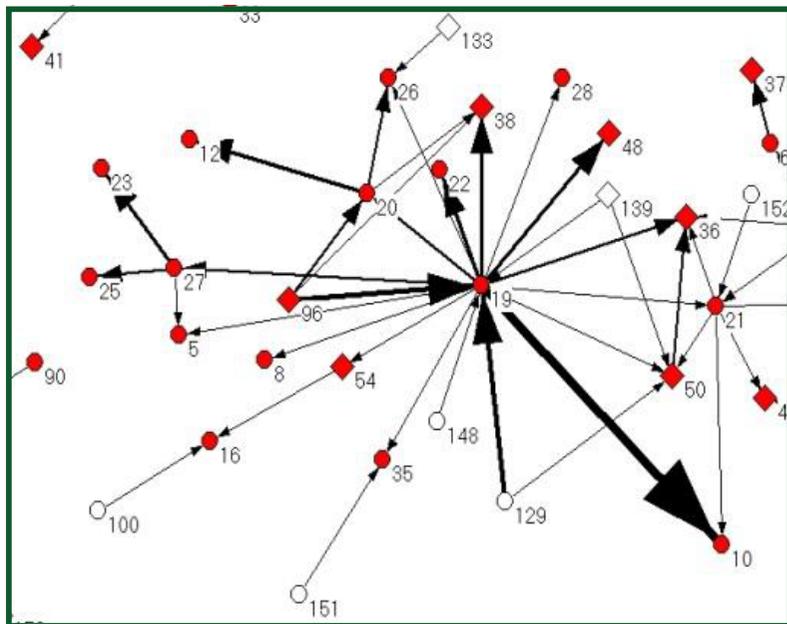
Folha de Ticum, mostrando a fibra usada para fazer linha. Foto: T. Gomes



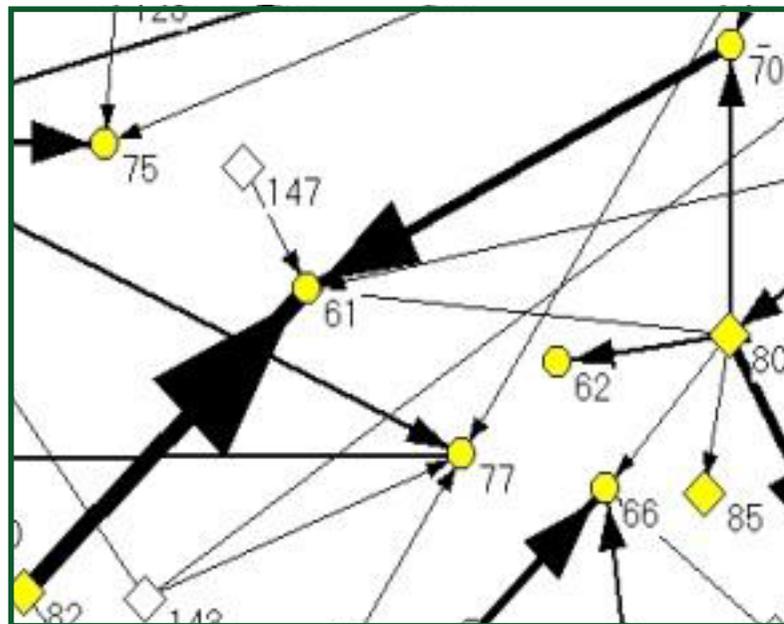
Rede de Transmissão de Conhecimento sobre as plantas usadas para artesanato.



Rede de Transmissão de Conhecimento sobre as plantas com uso medicinal.



Ampliação vértice 19.



Ampliação vértice 61.

Olhando atentamente para os sociogramas percebemos que há vértices que chamam a atenção pelo maior número de flechas que partem delas o que significa que transmitiram informação para um maior número de pessoas. Um exemplo é o vértice 19, no sociograma das plantas medicinais, que transmite informações para 15 pessoas.

Ao buscarmos informações sobre quem esses vértices representam percebemos que são pessoas de mais idade e que à sua volta, recebendo informações, estão seus familiares como filhos, netos, noras, genros, sobrinhos. Isso confirma o fato da transmissão ser centrada na família e entre gerações.

Também percebemos que algumas pessoas possuem várias flechas chegando até elas, ou seja, receberam muita informação. Um exemplo é o vértice 61, no sociograma das plantas medicinais, que recebeu informações de cinco pessoas.

É possível que esses indivíduos que aparecem hoje como receptores de informação sejam potenciais transmissores no futuro e, portanto, importantes na continuidade da transmissão do conhecimento a longo prazo.

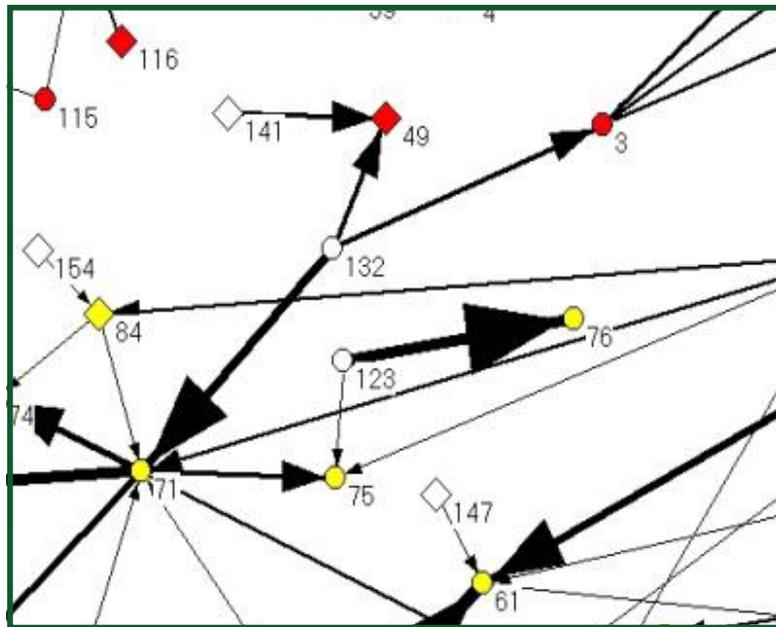
CARACTERÍSTICAS DA TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO

Nos dois sociogramas de transmissão de conhecimentos, tanto das plantas usadas para artesanato como das medicinais, percebemos que as redes não são muito densas e que a transmissão do conhecimento se dá mais como uma irradiação dentro da família do que um fluxo em toda a teia.

A rede de transmissão de conhecimento a respeito das plantas medicinais é mais imbricada, tem mais ligações do que a rede sobre as plantas usadas para artesanato. Esse maior dinamismo na circulação de informações na rede de medicinais pode ser um reflexo não só da maior variedade de plantas medicinais usadas, com também da quantidade de doenças que surgem, o que exige uma maior comunicação, pois a cada novo mal estar ou doença há a necessidade de buscar informação sobre uma planta para essa situação. Já o conhecimento sobre o artesanato é mais estável, pois é uma pequena gama que são sempre feitos. No artesanato a intenção não é tanto de inovar, mas se manter fiel à tradição, fazer os objetos o mais próximo de como eram feitos pelos antigos.

Em ambas as redes percebemos um fato marcante: não há nenhum elo entre os moradores das duas aldeias pesquisadas, mesmo havendo famílias extensas que estão parte numa aldeia e parte na outra. A única ligação entre as duas aldeias se dá através do vértice 132, que representa uma senhora já falecida, que transmitiu informação para seus netos, provavelmente antes da separação em várias aldeias, e que atualmente residem tanto na aldeia Sede como na Bugio.

Ampliação do sociograma das plantas medicinais mostrando o vértice 132 e suas ligações.



Podemos deduzir que a divisão da TI em várias aldeias, devido à construção da barragem, trouxe rupturas na transmissão do conhecimento devido ao afastamento das famílias. Essas rupturas podem estar causando consequências não só no conhecimento individual, mas também no conhecimento da comunidade.

Na nossa convivência na TI Laklãnõ durante a pesquisa ficou clara a importância da vivência e da prática na transmissão do conhecimento. Foi possível também perceber o papel importante das conversas e histórias na manutenção e transmissão do conhecimento e da cultura. Em algumas visitas informais e durante as entrevistas tivemos a oportunidade de ouvir histórias sobre “os antigos”. Nessas histórias ficou clara a importância da oralidade e nos chamou a atenção a riqueza dos detalhes. Também nos chamou a atenção a semelhança entre alguns fatos narrados atualmente e os relatados por Henry (1964) há mais de 80 anos atrás, como por exemplo, as histórias sobre Kámlêm, um líder importante da época do contato, que se comunicava com os espíritos da natureza, e também sobre como os Laklãnõ-Xokleng costumavam tentar controlar os elementos conversando com a tempestade.

Em nossa estadia na TI foi possível presenciar também a transmissão de valores, da cosmovisão do grupo, além de conhecimentos. Esses saberes são a essência, o que dá sentido e define a forma como aquele grupo se relaciona com o seu ambiente. Um exemplo desse tipo de situação aconteceu enquanto entrevistávamos uma senhora e seu neto de quatro anos brincava à nossa volta no quintal. Em certo momento o menino caiu do barranco e começou a chorar. A avó pegou-o no colo e ao confortá-lo viu que ele estava com um botão de flor na mão. Ela então disse com muita naturalidade e num tom tranquilo, sem censura: “Por isso você caiu, tirou a plantinha que eu plantei pra nós comer e ela te jogou”. Nessa situação presenciada a avó estava “ensinando” ao neto uma forma de ver e de se relacionar com a natureza. Essa cosmovisão determina a relação ética com o meio ambiente que se atribui a muitos grupos, indígenas ou não, que possuem um convívio mais próximo com a natureza.

CONHECIMENTO E USO DE PAISAGENS NA TERRA INDÍGENA LAKLÃNÕ

Além de registrar o conhecimento e uso das plantas pelos Laklãnõ-Xokleng, outro tema abordado nesta pesquisa foi o conhecimento ecológico local sobre as paisagens (lugares e ambientes) da Terra Indígena Laklãnõ. Buscamos registrar a percepção, os significados, a importância, os usos, as histórias, os mitos e os diversos conhecimentos nativos sobre seu território, seus ambientes, os locais importantes e os recursos naturais neles presentes. Também buscamos registrar qual a relação das paisagens com a cultura Laklãnõ-Xokleng e quais as funções desses locais e as atividades neles desenvolvidos.

Ao interagir com as paisagens⁸, grupos humanos as modificam, e de certa forma, são modificados pelas mesmas. Assim, podem obter percepções particulares sobre seu ambiente em aspectos como o relevo, os rios, os animais e a vegetação, gerando classificações de seus elementos e um significado cultural. Pode-se dizer até mesmo que as paisagens são transformadas ou criadas pelo homem, de maneira intencional ou não, através da manipulação dos seus elementos e histórico de uso, gerando paisagens culturais.

Entender e registrar as percepções e os saberes indígenas sobre as paisagens traz novos conhecimentos para a sociedade e para a comunidade local, onde esses saberes podem apoiar estratégias de educação escolar nas comunidades, mapeamentos participativos visando a demarcação de terras indígenas, colaboração e participação em pesquisas e para tomadas de decisões acerca, por exemplo, da gestão ambiental e territorial e o manejo dos recursos naturais, auxiliando na conservação da cultura e do meio ambiente.

Nas paisagens estão inseridas as moradias, os cultivos, as estradas e trilhas, os rios e nascentes, as matas, os locais de caça e coleta de plantas, as serras e vales e os locais sagrados e com importância histórica. Ou seja, praticamente todos os elementos da vida das pessoas e de uma comunidade, que podem ser registrados através de entrevistas ou vistos e identificados em um mapa. Foi isso o que fizemos nesta pesquisa, e a seguir estão os resultados do conhecimento local dos Laklãnõ-Xokleng sobre as paisagens de seu território.

Com a realização das entrevistas com os participantes da pesquisa, foram registrados 61 nomes locais de paisagens e lugares na TI Laklãnõ, juntamente com suas características, atividades nelas realizadas ou

⁸O termo “paisagem” foi primeiramente empregado no início do século XIX, para indicar a “característica total de uma região terrestre”. Paisagem envolve a noção de espaço aberto, vivenciado ou de interrelação entre o homem e o ambiente. Com o mesmo significado de paisagem usaremos os termos “ambiente” ou “lugar”.

seus benefícios para as pessoas e as plantas típicas que ocorrem em cada uma dessas paisagens/locais.

As unidades de paisagem mais citadas foram **Goj nēklo** (Grotta), **Kute bág** (Matão), **Txó** (Peral/Taipa), **Hapō** (Roça) e **Klĕ** (Lomba). Mesmo a pesquisa tendo sido realizada em duas aldeias (Bugio e Sede), as paisagens relatadas estão presentes em toda a TI Laklānō e representam bem a região. As unidades de paisagem e os lugares registrados na TI Laklānō estão descritos a seguir:

UNIDADES DE PAISAGEM

Baixada

Nome Laklānō-Xokleng: **Káje**

Características: “Têm sombra, bastante árvore, mata, terra boa e úmida. Geralmente tem lagoa, nascente, é plano”. Ocorre na vertente dos morros, onde o terreno fica mais plano.

Atividades/Benefícios: Acampamento para caçar, pescar. Não pega vento, é bom de fazer fogo para assar os bichos. Planta roça de batata-doce, aipim, feijão. Retiravam argila para fazer artesanato.

Plantas Típicas: canela (“que é de terra úmida”), figueira, bagueçu (**zág klĕ ve**), taquara (**van**), vassoura (**kuvynh**), fumo-bravo, caruru, erva-mate (**kójū**), cortiça (**kugklej**), ingá (**kutxán**).

Bananal

Nome Laklānō-Xokleng: **Banana kekele**

Características: “Onde têm somente banana plantada”.

Atividades/Benefícios: Cultivo de banana

Plantas Típicas: bananeira (**tytug ve**)

Banhado

Nome Laklānō-Xokleng: **Āgglun**

Características: “É plano, tipo de lagoa mas não é lagoa, é banhado. Tem argila, é sempre úmido pois vem uma fonte por baixo da terra. Não enche de água mas é sempre úmido”. “É tipo um brejo, enche quando chove e ficam sapos procriando lá. Quando não chove diminui a água, mas continua a ter água sempre”.

Atividades/Benefícios: Buscar argila para fazer panela. “Na hora de tirar o barro tem que cavar bem e pegar o coração que fica lá no meio. Ele é um barro melhor e não racha”.

Plantas Típicas: urtiga (**vānhguzéj**), taboa, lágrima-de-nossa-senhora, araçá (**kagkupli kutxug**), imbé (**plāl**).

Barranco

Nome Laklãnõ-Xokleng: **Goj jãnbe**

Características: “Fica na beira do rio. A terra é exposta, tem capim e é inclinado. Pode queimar que volta”.

Atividades/Benefícios: Faz roça de milho.

Plantas Típicas: são-simão, marcela.

Beira do Rio/Ribeirão

Nome Laklãnõ-Xokleng: **Goj jãnbe; Goj katxinjãnbe**

Características: “A terra é mais úmida, é plano”.

Atividades/Benefícios: “Antigamente faziam acampamento na beira do rio para ir pescar. Hoje vão pescar mas voltam para casa. Hoje tem muita lama lá no rio”.

Plantas Típicas: canelinha, goiaba (**kagkupli ve**), gabirolva (**pãnvó**), cedro (**zu**), pitanga.

Cabeceira de Água

Nome Laklãnõ-Xokleng: **Goj nęgtũ**

Características: “Onde saem as nascentes. A terra é úmida. Às vezes tem uns 10, 20 metros de peral e sai uma nascente”.

Atividades/Benefícios: Água

Plantas Típicas: carazal, taquara (**van**), xaxim (**lave kutxug ou gig**).

Capoeira

Nome Laklãnõ-Xokleng: **Kute jugtin**

Características: “Há várias formas de se formar, desbarrancando, raio, incêndio, desmatamento. A terra é seca, preta e vermelha mas não dá bem para plantar. Têm plantas pequenas e dá sol”.

Atividades/Benefícios: “Pegar imbuia e cipó-joão para balaio. Planta milho, feijão e batata. A época de plantar é de outubro em diante. Queimando dá para plantar”. Retiram lenha e madeira e usam para plantar eucalipto.

Plantas Típicas: carazal, samambaia (**pli**), chamarrita, vassourinha (**kuvynh**), vassourão, salvação-da-senhora (**kó vãtxozálén mũ**).

Capoeirão

Nome Laklãnõ-Xokleng: Kute bág

Características: “É capoeirão quando só foi desmatado uma vez. As madeiras são grossas e a terra é úmida. É um mato novo que está crescendo. Terreno melhor, com adubo, camada grossa de folha que fica no solo. A terra é gorda”. Tem muito vassourão e canela.

Atividades/Benefícios: “Dá para plantar, tirar lenha, fazer roça, a terra é mais forte e têm mais nutrientes do que a capoeira”.

Plantas Típicas: vassourão, embira (**kugklej**), vassoura, grandiúva, fumo-bravo, canela (**pónhbággel**), canelinha, canjerana (**zutzó**), cedro, canela-sabão, ingá (**kutzán**).

Capoeirinha

Nome Laklãnõ-Xokleng: Kute gynh; Ulog (Capoeira fina)

Características: “Ela vai formando, as árvores vão engrossando e forma o capoeirão”. “As madeiras são finas e a terra é úmida ou seca”.

Atividades/Benefícios: “Faz roça, lavoura, dá pouca coisa”.

Plantas Típicas: carurú, vassoura, samambaia, grandiúva.

Debaixo da serra

Nome Laklãnõ-Xokleng: Klé klám

Características: “São as partes para baixo da aldeia Bugio”.

Atividades/Benefícios: Não descrito

Plantas Típicas: figueira, cedro, gabiroya, madeiras nativas.

Em cima da serra

Nome Laklãnõ-Xokleng: Klé nēñã

Características: “O solo é seco, ácido, amarelado, tem pedra e barro tipo argila”.

Atividades/Benefícios: “É o local que moramos (aldeia Bugio). Subiram da Furna do Óleo para a Bugio para tirar madeira, sassafrás, canela. Também para buscar remédio, caçar, coletar flamengo, palmito”.

Plantas Típicas: capim-melado, capim-baixo (**le** = capim), jabuticaba (**ba**).

Encosta do Morro

Nome Laklãnô-Xokleng: **Klê klâm**

Características: “Terreno bom, fértil, não tem muita nem pouca água. Não é muito inclinado nem plano. As árvores são altas, e a terra é avermelhada. Tem muita Taquara. Ela puxa a água e quando não têm mais água ela seca (a cada 30 anos). Não é quente nem frio, normal. A terra é seca, não tem água, o solo nunca fica sem vegetação, ele sempre se protege com alguma planta”.

Atividades/Benefícios: “Tem muitas espécies de madeira. Pessoal usa muito para lavoura, queimam a vegetação pois a terra é fértil. Coletam palmito, mel, palanque, tiram o cerne das árvores que estão tombadas. Buscar goró, taquara, plantar mandioca. Plantam eucalipto, ele gosta desse tipo de terra. Pode fazer horta, mas tem que preparar a terra”.

Plantas Típicas: canela, perova (**vãdó**), sassafrás (**tutol**), óleo (**kagkótél**), limoeiro, taquara, vassourão, carazal, samambaia, bracatinga (**kálu**).

Furna

Nome Laklãnô-Xokleng: **Ka**

Características: “É tipo um vale”. “É mato virgem, a terra é escura. Quanto mais descendo para baixo na furna mais escuro e o cheiro de mato é mais forte”. “É mata mais preservada; a terra é mais fértil que no Bugio”.

Atividades/Benefícios: “Coleta cipó, remédio, plantas para artesanato, faziam roça. Vão caçar, fazem acampamento, tinha peixera, criavam gado, porco, galinha; coleta de palmito. Também tiravam madeira para carvão”.

Plantas Típicas: palmito (**détéj**), cipó-milome, salvação-da-senhora, sassafrás, canela, cipó escuro (**ndéj**), jabuticaba (**ba**).

Grota

Nome Laklãnô-Xokleng: **Goj nêklo**

Características: “Onde tem água e nascentes, a terra é preta, fértil, fofa e úmida, com muita areia no solo. Não pega sol e fica na descida do morro. As árvores são mais grossas e têm muito cipó”. Foram citados alguns sub-tipos de grota: Grota funda, Grota rasa, Grota seca, Grota úmida, Grota com pedras.

Atividades/Benefícios: “Coleta de água, caçar, pegar plantas medicinais, puxar água para casa, coletar semente. Também para cultivar milho, aipim, erva-mate”.

Plantas Típicas: caeté (**ty**), xaxim-bugio, caxeta (**katótahn**), maria-mole, botoqueiro, canela, perova, sassafrás, tarumã (**kókgój**), cedro, salvação-da-senhora (**kó vátxozálén mũ**), cipó-imbé, taquara, cipó-joão, dipirona, sa-bugueiro, chá-da-índia, cravo-da-índia (**tulám**).

Horta

Nome Laklãnõ-Xokleng: **Kanhán**

Características: “É cercada. Precisa adubar porque a terra é barro”.

Atividades/Benefícios: “Planta verduras, faz horta”.

Plantas Típicas: maxuxo, repolho, batata (**kódán**), batatinha.

Lomba

Nome Laklãnõ-Xokleng: **Klě**

Características: “É mais seco, tem areia e as árvores são mais finas, sem muita serventia. É onde estão as casas da aldeia Bugio. Em cima da lomba vêm a baixada para o outro lado”.

Atividades/Benefícios: “Hortas, plantação de pinus e eucalipto. Agora estão incentivando a plantar nativas”.

Plantas Típicas: canela-fogo (**pēnhgõnh**), vassourão, cará, guamirim, guaricana, taquara (**van**), samambaia (**pli**), maracujá-do-mato.

Matão

Nome Laklãnõ-Xokleng: **Kute bág (Kute hó)**. **Kute**: mata/mato em geral. **Kute bág** é usado para se referir a “mato virgem”, “mato grande”. **Kute hó** também é usado para Mata Atlântica, Mata virgem, “Mato daqui de cima” (da aldeia Bugio), que são sinônimos de Matão.

Características: “Têm vários tipos de plantas, é fechado, não entra tanto sol, as árvores são mais grossas e mais altas. O solo é diferente e entra pouco sol. Não dá no clima frio. A terra é mais escura. Nunca foi mexido”. Também chamam de Mata nativa, Mata Atlântica, Mato virgem, Mato bruto.

Atividades/Benefícios: Caçar, coletar frutas, remédio, sementes e folhas. “É importante para a saúde do índio”.

Plantas Típicas: cipó-milome, salvação-da-senhora, jabuticaba, gabirova, sassafrás, cedro, perova, combatá, baguaçú (**zág klê ve**), caxeta, palmito, pinheiro, mamão-do-mato, banana-do-mato (imbé), bacupari, bicuíva, guiné (**zunh**), coração-da-índia, taquara, ipê (**kléj**), louro (**pó**).

Mato Mexido

Nome Laklãnõ-Xokleng: Não descrito

Características: “Era um matão e que foi mexido”.

Atividades/Benefícios: Coleta de lenha e madeira.

Plantas Típicas: Têm plantas da mata e da capoeira.

Morro

Nome Laklãnõ-Xokleng: **Klê**

Características: “A terra é preta, fofa, seca, com barro (**ngó**). As árvores são mais baixas”.

Atividades/Benefícios: Plantar eucalipto, feijão, milho, aipim. “No morro tem que saber plantar, plantar de atravessado para a chuva não levar o esterco”.

Plantas Típicas: palmito (“dá mais seco e menor”), combatá, ingá (**kutxán**), canela, baguaçu, taquara.

Onde tem só Cará

Nome Laklãnõ-Xokleng: Não descrito

Características: Áreas com dominância de cará. Também chamam de Carazal. “O cará seca a terra.”

Atividades/Benefícios: Não descrito

Plantas Típicas: cará (*Chusquea* sp.)

Onde tem só Chamarrita

Nome Laklãnõ-Xokleng: Não descrito

Características: Áreas com dominância de chamarrita.

Atividades/Benefícios: Não descrito

Plantas Típicas: chamarrita (*Vernonia* sp.)

Onde tem só Samambaia

Nome Laklãnõ-Xokleng: **Pli patól**

Características: Áreas com dominância de samambaia (**pli**).

Atividades/Benefícios: Não descrito

Plantas Típicas: samambaia (*Pteridium aquilinum*).

Peral

Nome Laklãnõ-Xokleng: **Txó**

Características: “Paredão de pedra a céu aberto. É uma parede de pedra que escorre água, passa córrego e tem bastante vegetação. Tem nascente e caverna”. Também chamam de Taipa ou Paredão.

Atividades/Benefícios: Serve de abrigo, caça, coletavam palmito, guiné. “Para quem caça é um bom lugar, tem cutia, paca e macuco”.

Plantas Típicas: palmito, coqueiro (**tanh**), botoqueiro, limoeiro, garajuba, cipós, baga-de-macaco, chá-da-índia, rainha-do-abismo, guiné (**zunh**), vara-de-cutia (**dolô**), canelinha, taquara (**van**), palmito (**détéj**), gelol, samambaia (nativa), flores. “Não dá madeira”.

Quadro

Nome Laklãnõ-Xokleng: Não descrito

Características: “É a terra, lote, de cada família de índio”.

Atividades/Benefícios: Moradia, cultivo de plantas, criação de animais.

Plantas Típicas: eucalipto (**kó**), feijão (**laglu**), aipim (**kójãle ve**).

Quintal

Nome Laklãnõ-Xokleng: **Kó zéy koan jo**

Características: “É cercado, perto da casa”.

Atividades/Benefícios: Cultivo de plantas, frutas e verduras.

Plantas Típicas: laranja, goiaba, limão (**dénkónã zul**), ameixa, abacate, tangerina, amora, verduras.

Reflorestamento

Nome Laklãnõ-Xokleng: **Kó kágklél**

Características: “É roçado, está protegido, é de alguém e não pode mexer. Tem plantio de pinus e eucalipto”. Nessas áreas, plantavam milho antes.

Atividades/Benefícios: Cultivo de eucalipto e pinus.

Plantas Típicas: pinheirinho (pinus) e eucalipto.

Ribeirão

Nome Laklãnõ-Xokleng: **Goj tó**

Características: Ao todo, foram citados nove (9) ribeirões na TI Ibirama-Laklãnõ, são eles: Ribeirão Brastaliana, Ribeirão Bugio, Ribeirão Gambá, Ribeirão Itopava Comprida, Ribeirão Óleo, Ribeirão Pavão, Ribeirão Tajuva, Ribeirão Tatú e Ribeirão Veado.

Atividades/Benefícios: Caça, tirar madeira, coletar frutas, palmito.

Plantas Típicas: araçá (**kagkupli kutxug**), canela (**pónhbággel**), figueira (**tu**), palmito, perova (**vãdó**), araçá-alação, pau-andrade.

Rio

Nome Laklãnô-Xokleng: **Goj**

Características: Foram citados dois rios para a TI Ibirama-Laklãnô: Rio Itajaí (**Goj umbã**) e Rio Platê (**Goj Platê**).

O Rio Itajaí é onde antes os Laklãnô/Xokleng moravam, faziam roça e onde atualmente pescam. “É o rio grande. A barragem estragou ele”.

Sobre o Rio Platê: “É mais frio, fresco, para baixo da serra. A terra têm micróbios, é uma mistura, grudenta”. “É um terreno que não dá mais nada por causa das inundações. É um braço do rio grande (Itajaí)”.

O Rio Platê passa no meio da aldeia Sede e deságua no Itajaí, que permeia quase todas as aldeias da TI, com exceção da aldeia Bugio.

Atividades/Benefícios: Principalmente a pesca.

Plantas Típicas: ingá (**kutxán**), goiaba (**kagkupli ve**), laranja (**dénkónã zul**), salseiro.

Roça

Nome Laklãnô-Xokleng: **Hapõ** (roça, área desmatada).

Características: “Era no meio do morro, onde a terra é fértil. Solo puro, terra úmida e boa. Hoje tem sujeira”.

Atividades/Benefícios: Fazer roça. Aravam a terra com cavalo. “Queima para limpar e depois aduba e coloca as plantas”. “Hoje mudou a sobrevivência do pessoal aqui, eles não vivem mais de roça. Antigamente (10 anos atrás) vendiam o que produziam na roça. Planta-se no meio de setembro à dezembro”

Plantas Típicas: milho (**gal**), aipim, feijão (**laglu**), batata (**kódán**), batata-doce (**kódán ve**), abóbora, inhame, arroz (**kuzy**).

Salseiro

Nome Laklãnô-Xokleng: **Kugke**

Características: “Onde tem uma árvores chamadas salseiro, que nasce em banhado, beira de rio, com solo de pântano. Às vezes a água cobre o salseiro e ele morre, mas vêm outros no lugar”.

Atividades/Benefícios: Não descrito

Plantas Típicas: salseiro e capim-melado (**le**).

Serra

Nome Laklãnô-Xokleng: Klê

Características: “Tem mato, a terra é pura, escura, solta, seca e sem micróbios”.

Atividades/Benefícios: Coletam mel e cera para os artesanatos e também para comer. Lugar onde eles, no passado, avistavam a vinda dos brancos que vinham pelo rio.

Plantas Típicas: guaricana, caxeta (**katótahn**), sassafrás (**tutol**), canela, embira-branca (**kuglej**), taquara.

Terreiro

Nome Laklãnô-Xokleng: ên ba

Características: “É em torno da casa, há criação de porco, galinha, pato, peru. Não tem plantação”.

Atividades/Benefícios: Criação de animais.

Plantas Típicas: Não descrito.

Valada

Nome Laklãnô-Xokleng: Vãle

Características: “É tipo um ribeirão fundo. É fora da TI, é na serra acima”. Também denominam Valo.

Atividades/Benefícios: Usada no passado para caçar, pois tinha muita caça.

Plantas Típicas: pêssego (**dénkónã glã**), pera, jabuticaba (**ba**).

Vargem

Nome Laklãnô-Xokleng: Tj káje

Características: “É na beira do rio. É plano, a terra é boa. Região que alaga facilmente com as cheias do rio. Terreno onde dá de plantar, de arar com trator. Os brancos colocam adubo na vargem, com o tempo vai enfraquecendo a terra”.

Atividades/Benefícios: “Plantavam milho, feijão, batata, banana, laranja. Hoje não usam mais, ficou abandonado, ela agora vira um lodo e não serve mais para nada”.

“Os avós plantavam na vargem antes de construir a barragem e faziam rodízio na área utilizada para não enfraquecer o terreno. De certo eles aprenderam com o Eduardo”.

“Aonde a água pega na vargem mata tudo, fica só barro”.

Plantas Típicas: gabiroya (**pãnvó**), jabuticaba (**ba**), capim-elefante, amora, capim-do-talo-roxo. “A madeira que vem morre tudo”.

LUGARES

Bonsucesso

Nome Laklãnõ-Xokleng: Não descrito

Características: “É serra acima. É muito frio, têm áreas planas”.

Atividades/Benefícios: “Iam coletar pinhão, caçar”

Plantas Típicas: araucária (zág)

Bugio

Nome Laklãnõ-Xokleng: Não descrito

Características: “Tem esse nome porque era local de caça, onde tinha e ainda têm muito bugio. Ali, na época dos avôs, foi morto um bugio e não conseguiram tirá-lo da árvore e o local virou bugio. Era a antiga aldeia. O solo tem mais areia e é bastante mexido”.

Atividades/Benefícios: “Tinha roça de milho, pegam plantas para remédios, caçam, tem reflorestamento”.

Plantas Típicas: pinus, carrapicho-preto, língua-de-vaca (**nékabág nūnã**), carazal, chamarrita, sete-sangrias.

Cepo do Araçá

Nome Laklãnõ-Xokleng: **Kagkupli nētū**

Características: “Lá era tudo araucária e os madeireiros cortaram tudo e agora está voltando. Tinha muito araçá-branco e atraía muitas jacutingas. Aí os brancos derrubaram e cortaram o araçá-branco e só ficou os cepos deles e ficou chamado de Cepo do Araçá”.

Atividades/Benefícios: “Lá tinha muito tatete, macaco, jacutinga. Lá os índios caçavam muito”.

Plantas Típicas: araçá, araçá-branco (**kagkupli**), araucária.

Forção

Nome Laklãnõ-Xokleng: Não descrito

Características: “É no caminho para Dr. Pedrinho. É serra, tem moradores, córregos, cultivo”.

Atividades/Benefícios: “Se caçava e coletava mel”.

Plantas Típicas: laranja (**dénkónã zul**), jabuticaba (**ba**), ameixa (**dén kónã**), araucária.

Furna do Gambá e Furna do Óleo

Nome Laklãnõ-Xokleng: Gambá ka e Óleo ka

Características: Onde tem os ribeirões gambá e óleo, respectivamente.

Atividades/Benefícios: Caça e coleta de plantas.

Plantas Típicas: Não descrito

Perova cortada

Nome Laklãnõ-Xokleng: Vádó Ku

Características: “Local que os índios moravam, próximo à aldeia Sede. Tinha uma perova grande que foi cortada”.

Atividades/Benefícios: Moradia dos antigos índios do mato.

Plantas Típicas: caeté (ty), perova, palmito.

Óleo

Nome Laklãnõ-Xokleng: Árvore óleo: kagkótél

Características: “Fica em uma gruta, é mata. Tinha muita árvore chamada óleo. Tem um ribeirão com o mesmo nome”. É a parte no começo da aldeia Bugio, onde moravam antes.

Atividades/Benefícios: Quando moravam lá, os Laklãnõ-Xokleng acampavam, caçavam, tinha roça, tiravam palmito, madeiras.

Plantas Típicas: óleo, salvação-da-senhora (kó vátxozálén mû), pata-de-vaca.

Ossada da Égua

Nome Laklãnõ-Xokleng: Kávalu kugkó

Características: “No local morreu uma égua atolada num lago e acharam a ossada. É área de mato”.

Atividades/Benefícios: “Caçavam, tiravam mel sem derrubar as árvores e tiravam palmito. Tem caeté, que antes usavam como panela”.

Plantas Típicas: caeté (ty)

Pito

Nome Laklãnô-Xokleng: Não descrito

Características: “É mato. Têm um rio (Pito, afluente do Platê) e nas margens dá uma árvore chamada pito”. “Um homem caçava e chamava o cachorro com um apito, por isso o nome”.

Atividades/Benefícios: Extrair palmito, caçar macuco, coletar frutas, madeira.

Plantas Típicas: pito, palmito (**détéj**), gabiroba.

Serra da Abelha

Nome Laklãnô-Xokleng: Não descrito

Características: “É área de campo e a terra é tudo de um tipo só. Aqui é igual, quando dá inverno é inverno, quando é verão é quente”.

Atividades/Benefícios: “Os índios pegavam pinhão, hoje não têm mais. Eu cheguei a conhecer, tem cemitério e antigas aldeias”.

Plantas Típicas: gravatá e araucária (**zág**).

Serra do Maestro

Nome Laklãnô-Xokleng: Não descrito

Características: “Por onde passava uma estrada que saia da antiga olaria próxima à casa do Nem e ia até o alto da serra. A estrada foi feita para construir a casa do primeiro professor da TI. É ao lado da aldeia Sede”.

Atividades/Benefícios: “Servia como acesso para a casa do primeiro professor da TI e para ligar a TI até Itaiópolis. Atualmente vão buscar jabuticaba, em novembro”.

Plantas Típicas: flamengo (**dénkónã**), canela, sassafrás, perova, jabuticaba.

Serra do Bugio

Nome Laklãnô-Xokleng: Não descrito

Características: “No meio do mato o solo é úmido e preto, tem riozinhos”.

Atividades/Benefícios: “Era uma estrada e hoje virou uma picada, agora não usam pois têm carro, mas antes usavam. Fizeram a estrada para tirar madeira e depois foi fechando e hoje é uma picada”.

Plantas Típicas: Não descrito

Serra Verde

Nome Laklãnõ-Xokleng: Não descrito

Características: “Ao redor é tudo pedra. É uma lomba seca e tem um morro”.

Atividades/Benefícios: Antigamente os antigos iam para passar o tempo. Lá tem um buraco no chão, fundo e com água no fundo.

Plantas Típicas: samambaia e palmito.

Rancho do Seu Joaquim

Nome Laklãnõ-Xokleng: Não descrito

Características: “É descendo a serra da Bugio em direção ao Toldo, têm mata grande”. “Um homem chamado Joaquim ficava acampado nesse lugar”.

Atividades/Benefícios: Iam caçar e coletar palmito.

Plantas Típicas: palmito (**détéj**)

Tajuva

Nome Laklãnõ-Xokleng: **Kagku lá ve**

Características: “Têm um ribeirão. É uma mata onde tirava o mel da tajuva”.

Atividades/Benefícios: Coletar mel.

Plantas Típicas: tajuva (**kagku lá ve**)

Tatete

Nome Laklãnõ-Xokleng: **Ugtxa**

Características: “Lá matavam tatete e tinha roça. É mata virgem”.

Atividades/Benefícios: “Tem muitas ervas, tem madeira, antes caçavam lá e tiravam palmito”.

Plantas Típicas: palmito

Tucaninho

Nome Laklãnõ/Xokleng: Não descrito

Características: “É mata em cima da serra (próximo à Bugio), plano. Tinha muito tucano”.

Atividades/Benefícios: Tinha forno para produzir carvão, tiravam lenha. Foi feito reflorestamento de pinus e eucalipto.

Plantas Típicas: pinus e eucalipto.

Vimos que algumas paisagens, como grotas e matões, foram mencionadas muitas vezes e muitas outras foram citadas somente uma vez, mostrando que as paisagens que mais se destacam e ocupam maior área na TI são mais lembradas pelos moradores. Também porque grotas e matões são importantes para diversas atividades como a caça, a coleta de plantas para diferentes finalidades, locais de trilhas e de coleta de água.

Observamos que diferentes grupos de paisagens são associadas a determinados locais e atividades. Há paisagens que são reconhecidas e caracterizadas pelo relevo, como as Serras da Abelha, Serra do Bugio, Serra Verde e Serra do Maestro, assim como furna, lomba, morro e encosta do morro, também associadas ao relevo. Há paisagens associadas à água, como rios e ribeirões (foram descritos nove ribeirões), baixada, vargem, valada e barranco. Também há as paisagens “domésticas”, como roça, quintal, terreiro e quadro, onde há produção de alimento e proximidade com as casas. E as paisagens que se referem às florestas em regeneração, que foram cortadas e estão crescendo novamente, como capoeirinha, capoeira e capoeirão.

Existem lugares associados especificamente às áreas de caça, como Tatete, Pito e Seu Joaquim; locais que se referem a uma espécie de planta dominante, como “onde tem só samambaia” (local com predominância da espécie *Pteridium aquilinum*), “onde tem só carazal” (com predominância da espécie *Chusquea* sp.), “onde tem só chamarrita” (onde predomina a espécie *Vernonia* sp.), salseiro (com predominância da espécie *Salix humboldtiana*) e bananal (área com cultivo de Banana).

O estudo dos conhecimentos Laklânō-Xokleng com as paisagens mostra que há uma forte relação das paisagens da TI e arredores com a sua memória. Vê-se ainda que há uma forte ligação com alguns lugares, de importância histórica, onde ocorreram fatos importantes, como o Óleo e o Bugio. A localidade da aldeia Bugio já era frequentada antes do estabelecimento da aldeia, pois era local de caça e coleta de recursos vegetais, e foi nomeada devido à presença de macacos bugio (*Alouatta guariba*) no local. Já o Óleo (que também é o nome de um ribeirão e de uma furna), recebeu o nome devido à árvore kagkótêl - óleo ou pau-óleo (*Copaifera trapezifolia*) - que existe naquela localidade com maiores altitudes na TI e que foi bastante usada no passado.

Bugio também é descrito como o antigo local onde os moradores da aldeia de baixo (única antigamente) se instalaram (assim como no Óleo) após as primeiras enchentes do Rio Itajaí do Norte devido à construção da Barragem Norte no final da década de 1970. Isso foi um fator histórico marcante, onde se refugiaram, passaram necessidades e tiveram que se adaptar às novas condições. Naquele local implantaram roças e obtinham madeira e lenha para construir suas habitações e se aquecer.

Outros locais com características ligadas a fatos históricos são o **vádó ku** (“Perova cortada”), o Cepo-do-Araçá, a Ossada-da-Égua e o Bonsucesso, que são locais de caça, acampamento e coleta do pinhão da araucária (*Araucaria angustifolia*). Esses locais e suas paisagens, como o Bonsucesso e a Serra da Abelha, assim como a área da Reserva Biológica do Sassafrás, são terras tradicionalmente ocupadas pelos Laklânō-Xokleng, fazendo parte de seu território tradicional.

Muitos locais têm seus nomes associados à fauna, como os ribeirões, importantes para a pesca e caça, como os ribeirões Bugio, Gambá, Tatú, Pavão e Veadó. A fauna relatada como ocorrente nas áreas de matão e nos rios e ribeirões e que são apreciadas para caça são a anta, o tatete, a cutia, o quati, o jacú, o macuco, o porco-do-mato, o veado e o tatu. Nos rios pescam principalmente o bagre, o cará, o cascudo, o jundiá, o lambari, o mandi, o saguarú e a traíra.

Alguns mitos contados pelos Laklânō-Xokleng são também associados às paisagens, como no matão e na Serra da Abelha, onde uma narrativa sobre o primeiro Cacique Laklânō-Xokleng, Kámlén, feita por um neto de Kámlén, fala sobre sua ligação com a mata e com os animais, especialmente o macaco Bugio:

”Um grupo de homens foi caçar na Serra da Abelha e lá ficaram mais de um mês. Certo dia Kámlén foi caçar pela manhã e voltou com febre. Os rapazes tinham matado um bugio na beira de um rio naquele mesmo dia, cortaram, sapecaram e dividiram o macaco em partes. Kámlén sentiu um mal, dor no peito e disse que uns rapazes cortaram e fizeram mal para ele. Kámlén morreu na tarde daquele mesmo dia.”

Muitos acreditam que Kámlén é o espírito de um bugio. Ele conversava com esses animais e tinha poderes especiais, podia curar as pessoas e prever coisas que iam ocorrer com o grupo. Ele foi enterrado na Serra da Abelha, área requerida para ampliação da TI Laklânō como território tradicional dos Laklânō-Xokleng onde existem alguns cemitérios e aldeias antigas. Antigamente os Laklânō-Xokleng realizavam cerimônias aos mortos, onde faziam grandes fogueiras para sua cremação.

A unidade de paisagem matão (**kute bág**) é referida como um local sagrado, onde os antigos Laklânō-Xokleng viviam e tiravam seu sustento. Dentro do matão, que é a floresta densa na TI (mato bruto como alguns chamam), faziam rituais e celebrações nos acampamentos, como o da iniciação dos meninos e meninas, onde faziam uma grande festa com dança, comidas e uso da bebida tradicional feita com o xaxim, o **mõg**.

A grotta (**goj nēklo**) está ligada ao relevo e constitui em uma depressão no terreno com cobertura florestal, onde drena a água dos locais mais altos para os mais baixos.

“A grota é “onde têm água e nascentes, a terra é preta, fértil, fofa e úmida, com muita areia no solo. Não pega sol e fica na descida de morro. As árvores são mais grossas e têm muito cipó”. (**homem, 31 anos**).

O peral ou taipa (**txó**) é bastante frequente nos relatos. Esse ambiente era e ainda é usado para abrigo e para caçadas, pois os animais se escondem nele. Muitas histórias que contam se passam no peral, como nas caçadas, trilhas e nos momentos de mudança de local ou refúgio.

“Peral é paredão de pedra a céu aberto. É uma parede de pedra que escorre água, passa córrego e têm bastante vegetação. Têm nascente e caverna.” (**mulher, 27 anos**).

Outras unidades de paisagem que foram destacadas são a roça, quintal e reflorestamento, que constituem áreas de produção de alimentos e de madeira e criação de animais, sendo importantes meios de subsistência e até mesmo geração de renda com a venda da madeira.

Também existem as capoeiras, que são locais onde a vegetação da floresta está crescendo novamente após seu corte ou queimada. Existe a capoeirinha, onde há arbustos e árvores finas com madeira mole, como vassoura, samambaia e caruru. Já a capoeira usam para plantar e retirar madeira, possui árvores um pouco mais grossas que a capoeirinha. O capoeirão é “quando só foi desmatado uma vez. As madeiras são grossas e a terra é úmida. É um mato novo que está crescendo. Terreno melhor, com adubo, camada grossa de folha que fica no solo. A terra é gorda e têm muito vassourão e canela”.

Os saberes sobre as paisagens também foram descritos em algumas práticas de uso das mesmas. Sobre o cultivo em áreas de relevo ondulado, tais como as da TI, foi feito o seguinte relato:

“No morro tem que saber plantar, plantar de atravessado para a chuva não levar o esterco.” (**mulher, 74 anos**).

“Eucalipto é bom para dar dinheiro, mas ele destrói a terra, ele chupa a água. O eucalipto mata tudo e vai para cima.” (**homem, 68 anos**).

Há muitos significados e ligações entre os Laklânō-Xokleng e as paisagens de seu território, que incluem o vocabulário indígena no nome dos ambientes e locais, as histórias do grupo que se relacionam às paisagens, as

atividades habituais e lugares que usavam para suas atividades no passado, a importância econômica de algumas dessas paisagens e a questão da referência das mesmas para o “modo de ser” e a cultura Laklãnō-Xokleng.

A percepção das paisagens pelos Laklãnō-Xokleng não é relacionada apenas às espécies típicas, relevo, usos ou outras características, mas também aos benefícios que elas provêm para o grupo, como a água oriunda das grotas; o ar puro, alimentos e remédios oriundos do matão e o benefício das paisagens, que, como dizem: “trazem conforto e fazem bem para a saúde do índio”.

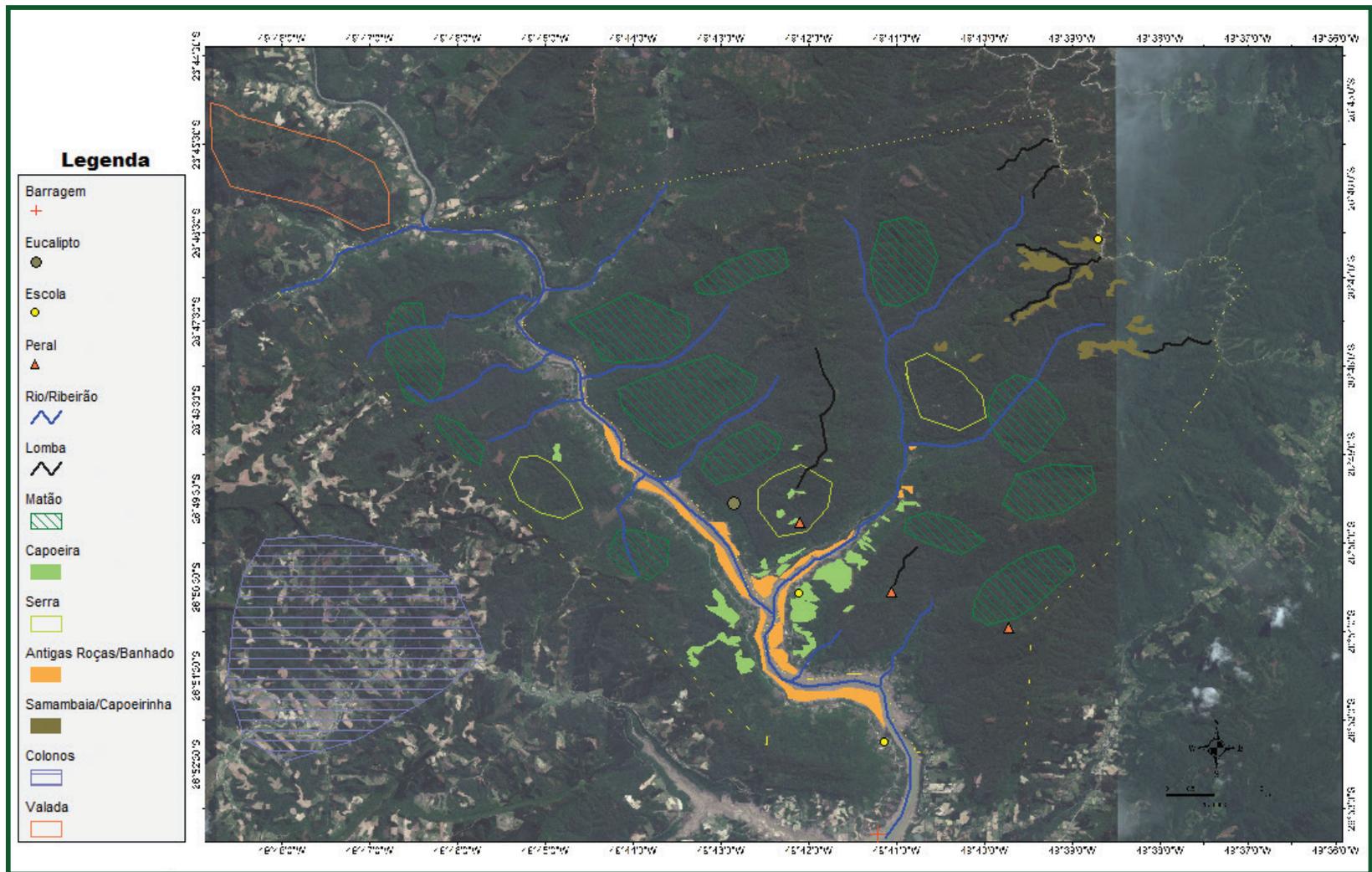
MAPEAMENTO PARTICIPATIVO DAS PAISAGENS

Após as entrevistas, os participantes da pesquisa realizaram o mapeamento das paisagens e lugares que conheciam ou podiam identificar na TI. Nas imagens de satélite coloridas, uma da parte mais alta da TI, sobretudo da aldeia Bugio, que é a única aldeia situada nas áreas altas da TI, e outra imagem da terra indígena inteira, os colaboradores da pesquisa indicaram as paisagens e lugares que conheciam. Para isso, fizeram a marcação desses locais com canetas sobre as imagens.

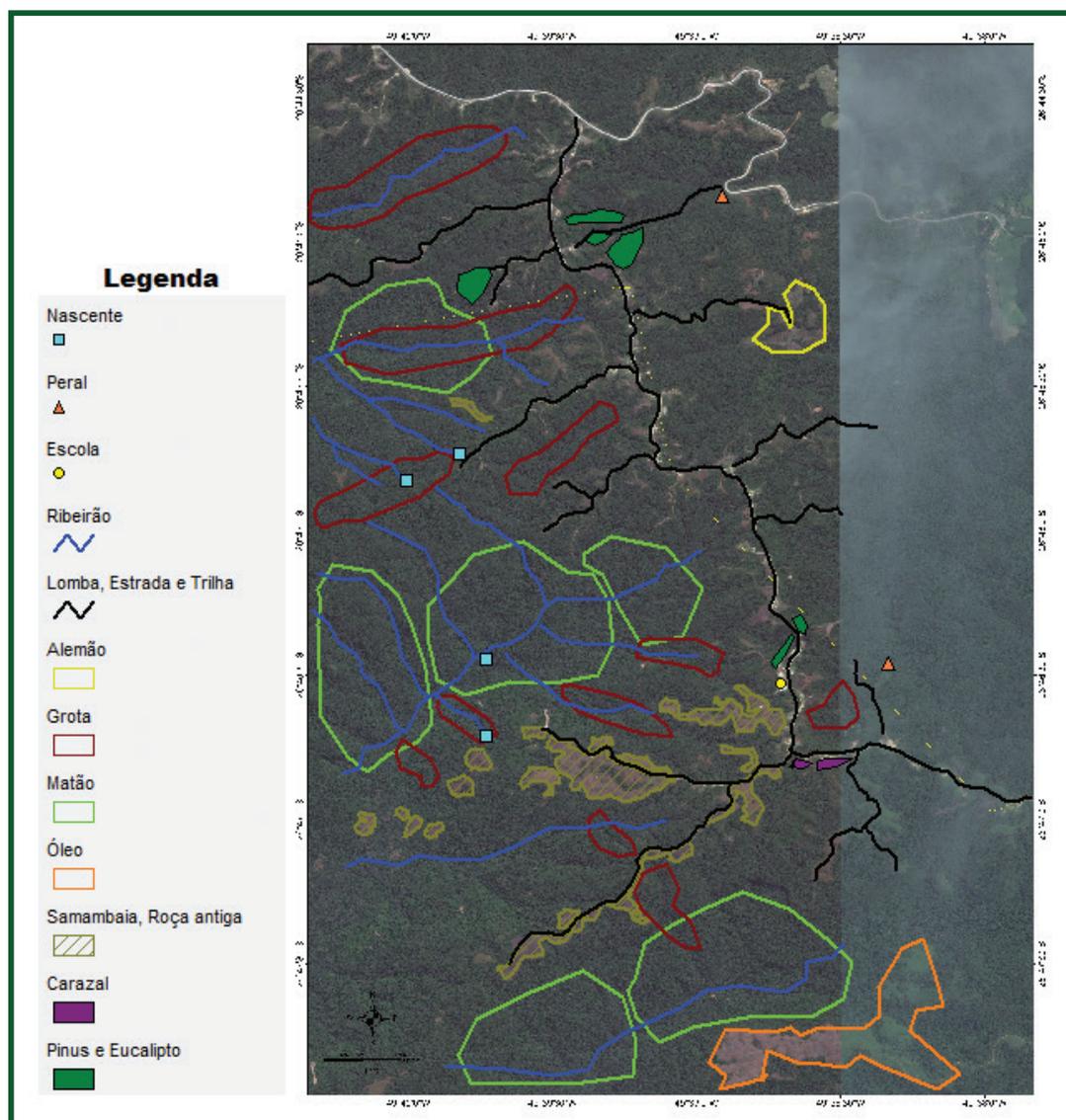
No mapeamento das paisagens da Terra Indígena Laklãnō estão presentes 15 rios/ribeirões; escolas; prais e lombas; antigas roças e banhado/vargem principalmente no leito dos Rios Itajaí e Platê; áreas com capoeira, capoeirinha e com predominância da samambaia exótica *Pteridium aquilinum*; serras (Serra Verde e do Bugio); locais específicos como a Barragem, área dos colonos e valada, que consiste em um vale profundo fora da TI; além de áreas de matão, que contemplam e se distribuem por boa parte da TI Laklãnō.

O mapeamento da parte alta da TI, sobretudo da aldeia Bugio, indicou algumas paisagens e lugares diferentes dos contidos no mapeamento da TI, como grotas e nascentes, Carazal e locais mais abrangentes com cultivo de pinus e eucalipto. Além desses, um antigo local de moradia e acampamento e usado para roça e extração de madeira, chamado óleo, foi mapeado. De forma semelhante ao mapa da TI, foram reconhecidas áreas com dominância de samambaia, além de ribeirões, os quais nascem ou são formados nas várias grotas próximas à aldeia.

Nesse sentido, vimos que a noção de paisagens pelos Laklãnō-Xokleng abrange as especificidades culturais e locais, os fatos históricos que ocorreram com eles e os detalhamento no conhecimento de locais específicos da região, muitas vezes usados para caça ou coleta vegetal. Os vários nomes dados aos cursos d’água, cada um com seu nome, também mostra essa riqueza de detalhes do conhecimento.



Mapeamento das paisagens da Terra Indígena Laklãnô, SC. Obs: a linha pontilhada em amarelo corresponde aos limites da TI Laklãnô sem a área que está em processo para ampliação.



Mapeamento das paisagens da parte alta da TI, especialmente da aldeia Bugio.



Os dois mapas originados a partir da visão e conhecimentos dos Laklãnō-Xokleng sobre as paisagens locais e seu território, mostram-se úteis para o reconhecimento, a partir do conhecimento ecológico indígena, de feições naturais, caminhos e rotas, locais culturalmente e economicamente importantes, áreas de relevante interesse para o manejo e identificação da vegetação local e até mesmo para localização de espécies úteis de plantas e animais.

Conversar sobre as paisagens, lugares e o meio ambiente com os Laklãnō-Xokleng é, muitas vezes, resgatar o passado, as histórias, lendas, caminhos, as relações deles com a natureza, mas também lembrar as tragédias ocorridas. A própria aldeia Bugio é fruto de uma dessas tragédias: a construção da Barragem Norte no rio Itajaí do Norte. No entanto, as paisagens e o território Laklãnō-Xokleng são tidos como parte de sua identidade como povo, sendo detentores de conhecimentos não somente biológicos, mas também da geografia local e sobre seus direitos sobre seu território.

Além disso, a ligação entre o conhecimento ecológico local dos Laklãnō-Xokleng sobre as paisagens e as plantas pode contribuir em muito para ações visando a produção de alimentos e outros recursos naturais, e para a recuperação ambiental, pois os diversos saberes e a noção da realidade e necessidades da comunidade auxilia na implantação e no sucesso de propostas como agroflorestas, roças, reflorestamentos, pomares e outras formas de cultivo e subsistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse livro registramos uma diversidade de conhecimentos Laklânō-Xokleng que mostram a estreita ligação desse povo com o território, a natureza e seus recursos.

Registramos uma grande variedade de plantas utilizadas para diversos fins, como alimentação, remédio, artesanato, ferramentas, utensílios, construção, uso simbólico entre outros. A maioria das plantas são espontâneas e são utilizadas atualmente. Esses fatos evidenciam a importância das plantas para a cultura e sua utilização no dia a dia.

Com relação às paisagens, através da denominação dos diferentes locais percebemos um amplo conhecimento que envolve os aspectos físicos, a vegetação, a fauna, os fatos históricos e os usos específicos de cada local e região, como por exemplo locais usados para a caça ou coleta.

Esses conhecimentos, fruto da observação e práticas tradicionais, são transmitidos de geração em geração. A maioria dos entrevistados contou que aprendeu sobre as plantas e seus usos ajudando os mais velhos nas tarefas e indo junto para o mato coletá-las. Portanto, percebe-se que a transmissão desse conhecimento se dá através do uso: aprende-se fazendo junto. Outro aspecto fundamental também para a manutenção do conhecimento é ter um território preservado onde é possível encontrar essas plantas, evidenciando a estreita ligação entre conhecimento, uso e território.

Ao longo da pesquisa ficou claro que as diversas mudanças no modo de vida pelo qual os Laklânō-Xokleng passaram influenciaram a transmissão do conhecimento na população. Por outro lado, percebemos que um outro fator fundamental que parece determinar a distribuição do conhecimento é a atitude de certas famílias e indivíduos de valorizar sua cultura. Esse tipo de iniciativa reflete um movimento interessante de retomada e de valorização do conhecimento e cultura Laklânō-Xokleng. Atualmente, nas escolas da TI Laklânō, os professores, coordenadores e funcionários são indígenas e estão buscando integrar a cultura local em seus currículos como, por exemplo, através da inserção do idioma e de aulas de Arte Laklânō-Xokleng e na inclusão dos anciões no dia a dia das escolas, trazendo consigo os saberes e a forma de ensinar e aprender Laklânō-Xokleng para o ambiente escolar.

Portanto, percebemos dois elementos antagônicos agindo sobre a cultura e o conhecimento: por um lado a influência da sociedade envolvente trazendo mudanças no modo de vida e do outro lado a resistência do povo Laklânō-Xokleng no sentido de valorizar e manter sua cultura e conhecimento.

Ao longo da pesquisa em campo também percebemos que existe uma busca, por parte de alguns, em unir a questão do sustento com a preservação da Terra Indígena. Durante as conversas por duas vezes fomos questionados sobre alternativas que permitissem viver bem, poder se sustentar e ao mesmo tempo preservar a natureza.

Esperamos que o conhecimento Laklânō-Xokleng compartilhado na pesquisa e reunido neste livro possa contribuir nessa busca de alternativas de sustentabilidade e conservação através do uso.

Ao pensar em alternativas econômicas, além de contemplar a questão ambiental é preciso também levar em conta a questão cultural. É indispensável que as atividades planejadas façam sentido no modo de vida e na cultura Laklânō-Xokleng. E, mais importante ainda, esse planejamento precisa ser feito a partir do interesse, iniciativa, participação e decisão dos Laklânō-Xokleng. Caso contrário, pode se repetir o que já aconteceu com alguns projetos interessantes que foram iniciados, mas não tiveram continuidade. Nessa perspectiva é possível apontar alguns caminhos possíveis como:



INVESTIR NA PRODUÇÃO DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS

Durante a pesquisa tivemos contato com alguns projetos que vêm sendo feitos nesse sentido, como o projeto de hortas, que estava sendo desenvolvido no centro cultural da Aldeia Bugio, com o apoio do Comim e Instituto Federal de Santa Catarina e outros parceiros, e que contava com uma segunda parte envolvendo agroflorestas. Na aldeia Sede também estava se iniciando um projeto de agrofloresta através do projeto de Gestão Ambiental e Territorial Indígena (GATI). Aumentar a escala desses projetos associado à elaboração de um banco comunitário de sementes locais, pode ser uma forma de melhorar as condições de vida e a sustentabilidade dentro da TI.

Foto M. Heineberg

Com o crescimento populacional torna-se cada vez mais importante pensar na questão da segurança alimentar. As plantas registradas na pesquisa são opções interessantes para concentrar esforços no sentido de investir no seu plantio ou manejo, ampliando as atividades de obtenção de alimento e também as fontes de renda. Uma possibilidade seria focar nas plantas que já foram importantes fontes de alimento e que hoje são escassas como, por exemplo, o palmito (*Euterpe edulis*), o pinhão (*Araucaria angustifolia*) e o mamãozinho-do-mato (*Jacaratia spinosa*). Existem também várias frutíferas nativas que podem ser cultivadas para consumo local como, por exemplo, a baga-de-macaco (*Posoqueria latifolia*), a cortiça (*Annona* cf. *neosalicifolia*), a jabuticaba (*Marlierea eugeniopsoides*, *Marlierea reitzii* e *Myrciaria cauliflora*), a gabirova (*Campomanesia xanthocarpa*) e os araçás (diversas espécies). Outra possibilidade são plantas que poderiam trazer um retorno financeiro como o cultivo da araucária, a erva-mate (*Ilex paraguariensis*) e o açaí fabricado a partir do fruto do palmito (*Euterpe edulis*).

VALORIZAÇÃO DO USO DAS PLANTAS MEDICINAIS

Com relação às plantas medicinais, os sistemas de saúde podem valorizar e integrar os conhecimentos tradicionais aos tratamentos médicos, por exemplo, através de hortas medicinais nos postos de saúde e encontros para trocar mudas e informações sobre o modo de preparo e a forma de utilização das plantas. Assim é possível reduzir o consumo de medicamentos industrializados e ao mesmo tempo fortalecer o conhecimento sobre as plantas medicinais.

PRODUÇÃO DE MUDAS NATIVAS

A produção de mudas nativas para reforestamento e venda pode ser uma alternativa de renda. Há moradores que extraíam madeira no passado e que ainda conhecem bem as árvores e seus ciclos, e que, portanto, poderiam usar esse conhecimento na coleta de sementes. A condição da TI estar relativamente conservada, com espécies vegetais úteis para diversos fins, e estar localizada em área de grande diversidade de plantas, torna a mesma uma fonte de obtenção de sementes. Essa produção de mudas pode aliar o

Viveiro de Mudas aldeia Bugio.
Foto M. Heineberg



reflorestamento/restauração de áreas da TI com a produção de alimentos e outras necessidades da comunidade. Atualmente há um viveiro de mudas nativas na Aldeia Bugio e outro na Aldeia Toldo.

TERRITÓRIO, SUSTENTABILIDADE E CONSERVAÇÃO

Desde 2003 os Laklânô-Xokleng aguardam uma decisão do Supremo Tribunal Federal com relação à ampliação da TI Laklânô. Além da questão da ocupação histórica dessas terras, o território é fundamental para garantir a sustentabilidade como também a manutenção do conhecimento. No presente estudo, ficou clara a relação entre o conhecimento e o uso e a importância do território.

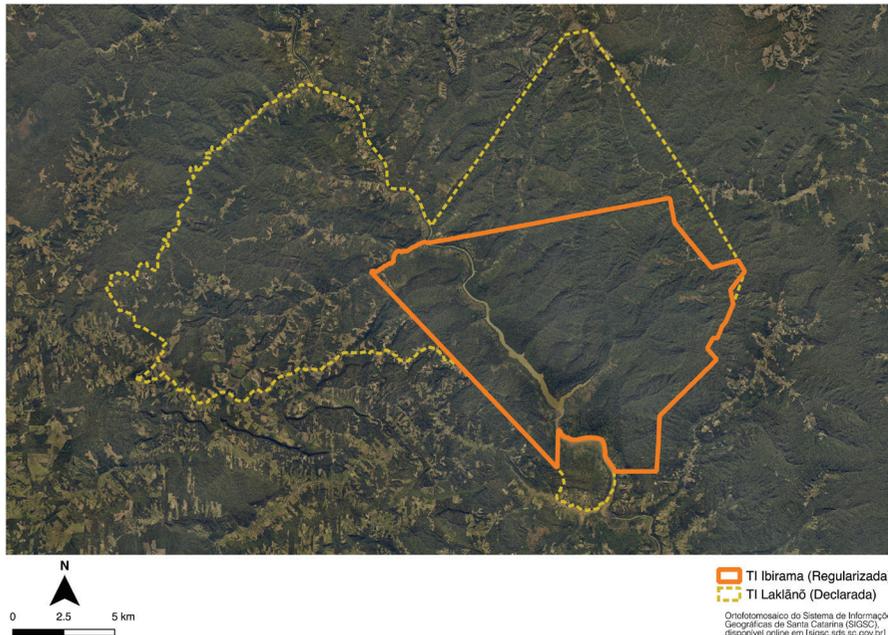


Imagem de satélite evidenciando os diferentes padrões de ocupação da terra dentro e fora da Terra Indígena.

Outro motivo para a ampliação das Terras Indígenas é conservação, uma vez que é reconhecida a importância das populações tradicionais e indígenas na conservação dos recursos naturais. Apesar das diversas mudanças no seu modo de vida, os Laklânô-Xokleng continuam tendo uma forma de ocupar a terra diferente dos não indígenas. Olhando-se uma imagem de satélite da TI Laklânô, fica clara a diferença da paisagem dentro da TI onde a mata predomina e as áreas do entorno, divididas em inúmeras propriedades, em que predominam as plantações e construções, com a paisagem bastante fragmentada.

AGRADECIMENTOS

Somos eternamente gratos a toda comunidade da TI Laklãnõ, desde as lideranças que se interessaram pela pesquisa permitindo e apoiando a sua realização. Agradecemos também as pessoas que nos receberam em suas casas, compartilharam seus conhecimentos e que foram fundamentais para a pesquisa e para o presente livro: Melissa Priprá, Livai Priprá, Rosa Kaman Priprá, Alfredo Paté, Javati, Nandjá, Elienai da Silva, Priscila Kagfjé Martins, Kudin Ndilli, Aparecida Donizete Reis Camblen, Samuel Priprá, Ivonete Vailui Vetia, Miriam Vaica Priprá, Simeão Kundagn Priprá, Débora, Talita Caixias, Walderes Coctá Priprá, Paulo Vetchá, Cassilda Kuzung, Ndili Cutiá, Natalina Vergueiro, Lucí dos Santos, Dailson Alves da Silva (Baiano), Fabiana Patté dos Santos, Manoel Poia Camrém, João Priprá, Rosalina Batista da Silva, Nicéia Priprá, Emerson Domingos Crendô, Silvana Gonçalves, Diná Gamvém Patté, Kátia Cristina da Silva, Krieirei Favei Priprá de Almeida, Covei Clendô, Coctá Cuitá Amandio, Marisa, Cotá Camrém, Vaipon Cuitá Amandio, Leila Morló, Ondina de Almeida, Marlene Vailui Crendô, Rose Farias Reina, Semira dos Santos, Vaicui Cuitá, Iliane Gonçalves, Doun Gakrán, Mizael Kangó Priprá, Altieres Nandjarver, Victor Juvei, Janete Aparecida da Silva, Isaias Vanhecú Patté, Sealtiel Panvó Priprá de Almeida, Caruzo Tschuvai Paté, Tânia, Luis Camlém Vetchá, Soeli Vailui Pattéoeli, Gidean Rafael Fonseca, Edson Ndili Paté, Lorivandro dos Santos Ananias (Munhã), Claudinei da Silva Nuc-fooro, João Karáí Amandio (João Guarani), Acir Caile Priprá, Sara Laionda Klendo, Kula Kuita, Carlos Cuita Amandio, Claudicéia Nandjá Camlém, Osvaldo Pereira Gomes, Dalila, Oseas Veitchá Paté, Adilson Cipriano Costa (Kanguí), Rosita Cula Farias, Indiamara Doeie Priprá, Relindes Ngalan Priprá de Almeida, Aldiceia, Cuzung Nuclê (Nem), João Paté, Oséias Paté, Marcos Brasil Simas, Aneló Criri, Antônia Konhecú Paté, Isabel Vanhecú Paté, Geraldo Brasil Simas, Nho Patté, Israel Moconã, José de Lima (Polaco), Santina Camblém, Verônica Moconã, Livai Paté, Cassiana Moconã, Glória Pembá, Isabela, Jorge Rodrigues, Patte Vanhecú Patte Filho, Kaian Moisés Patté, Tschã Ya-Oi, Aihu Patté, Genice Fiamoncini, Asmone Paté, Yokô Nheká, Elizangela Antonia Lindjá Kongheco Paté, Vaipon Ndilli, Gemerita Kanvan Ya oi, Joaquina Pembá, Zimar Coctá Ndilli, Inês Brasil

Simas, Nelí Ndili, Almíria Namblá (Coctá), Marlene Paté, Seméia Bela Waklá Brasil Simas (Piki), Sonia Vailui Paté, Alexandrina Paté, Moacir Vaipon Patté, Aniê Lucia Klendô, Rubens Marcos Blankowski, Valdeci Moconã, André Roberto Klug, Ilário Kluge.

Agradecemos aos alunos Laklãnô-Xokleng da primeira turma do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena no Sul da Mata Atlântica da UFSC, que ao apontar a falta de registros do conhecimento ecológico do seu povo impulsionaram a realização desse trabalho. E deixamos nossa homenagem a Aristides Criri e Marcondes Namblá, alunos dessa turma, que infelizmente não estão mais conosco e, que apesar de sua curta trajetória de vida, atuaram de forma intensa pela educação escolar e promoção da cultura de seu povo.

Gostaríamos também de prestar homenagem à memória de Livai Priprá que nos recebeu de forma tão acolhedora no início da pesquisa na Aldeia Bugio e nos apresentou à comunidade sempre ressaltando a importância da confecção deste livro. E também aos saudosos Melissa Priprá, Paulo Weitschá e Cuvei Clendô que tanto contribuíram com sua sabedoria.

Agradecemos também aos colegas que nos ajudaram nas viagens de campo: Rubana Palhares e Gabriela Benicio.

Nosso agradecimentos à FUNAI pela orientação e apoio ao longo da realização da pesquisa, ao CNPQ, à CAPES, ao Programa de Pós Graduação de Fungos, Algas e Plantas e Programa de Pós Graduação em Ecologia da Universidade Federal de Santa Catarina pelo apoio financeiro para a pesquisa.

Por fim, agradecemos ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica – UFSC pelo apoio financeiro para a impressão deste livro.

LITERATURA PESQUISADA

Além de visitar a TI Ibirama-Laklânô, conversar, entrevistar e interagir com as pessoas, nós lemos e pesquisamos muitos trabalhos sobre o conhecimento local de plantas e paisagens. Listamos abaixo os trabalhos (livros, artigos, páginas da internet, teses e dissertações) mais expressivos e que possuem mais ligação com os Laklânô-Xokleng e a TI Ibirama-Laklânô, além de pesquisas com outros grupos indígenas.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. & ALENCAR, N. L. 2010. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobotânicos. In Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F. P. & Cunha, L. V. F. (Org.). Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica. 2ª ed. Recife: Comunigraf.

BALÉE, W. 1999. Footprints of the forest: Ka'apor ethnobotany – the historical ecology of plant utilization by an amazonian people. New York: Columbia University Press.

BENSUAN, N. 2004. Terras Indígenas: As primeiras Unidades de Conservação. In: Ricardo, F. (org.). Terras Indígenas & Unidades de Conservação da Natureza: o desafio da sobreposição. São Paulo: Instituto Socioambiental.

CORADIN, L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. (org.). 2011. Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial. Plantas para o futuro – Região sul. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Biodiversidade 40.

CORTELETTI, R. 2013. Projeto arqueológico Alto Canoas-Paraca: um estudo da presença Jê no planalto catarinense. Tese de doutorado, Programa de Pós Graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo.

CRUZ, T. M. S. Etnoecologia de paisagens na terra indígena Ibirama Laklânô, Santa Catarina, Brasil. 2014. Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

FLORA DIGITAL DO RIO GRANDE DO SUL E SANTA CATARINA. 2012. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/floradigital>>.

FONTANIVE, M.; PRIPRÁ, S.; SCHWINGEL, L. (Org.). 2013. Segurança alimentar Xokleng na aldeia Bugio: memórias, saberes e desafios. São Leopoldo: Oikos.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. 2004. Levantamentos Etnoecológicos em Terras Indígenas na Amazônia brasileira: uma metodologia. Brasília: FUNAI/PPTAL, versão revista e atualizada.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. 2014. Povo indígena Xokleng inicia mapeamento histórico-cultural do seu território. Disponível online em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noti>>

cias/2623-povo-indigena-xokleng-inicia-mapeamento-historico-cultural-do-seu-territorio>

GAKRAN, N. (org.). 1999. Nosso idioma reviveu. São Leopoldo: Comim, 54 p.

GAKRAN, N. Mini-Dicionário Laklãnō (Xokleng) - Português, 2010.

HAVERROTH, M. 1997. Kaingang - um estudo etnobotânico: o uso e a classificação das plantas na Área Indígena Xapecó (oeste de SC). Dissertação de mestrado, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

HAVERROTH, M. 2010. Os desafios da pesquisa etnobotânica entre povos indígenas. In Silva, V. A.; Almeida, A. L. S.; Albuquerque, U. P. (org.). Etnobiologia e Etnoecologia: Pessoas & Natureza na América Latina. 1ª ed., Recife: NUPEEA.

HEINEBERG, M. R. Conhecimento e Uso das Plantas pelos Xokleng na TI Ibirama-Laklãnō, Santa Catarina. 2014. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) - Universidade Federal de Santa Catarina.

HENRY, J. 1964. Jungle People: a Kaingang Tribe of the Highland of Brazil. New York: Vintage Books. 216p.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. 1999. Povos Indígenas do Brasil - Xokleng. Disponível em <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xokleng/974>>

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. 2011. Povos Indígenas no Brasil - 2006-2010. São Paulo: Instituto Socioambiental.

KLEIN, R. M. 1979. Ecologia da flora e vegetação do Vale do Itajaí. Sellowia 31: 1-164.

KLEIN, R. M. 1980. Ecologia da flora e vegetação do Vale do Itajaí. Sellowia 32: 165-389.

LAVINA, R. 1994. Os Xokleng de Santa Catarina: uma etnohistória e sugestões para os arqueólogos. Dissertação de mestrado, Programa de Pós Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

MÜLLER, S. A. 1985. Efeitos desagregadores da construção da Barragem de Ibirama sobre a comunidade indígena. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

NAMEM, A. M. 1994. Botocudo: uma história de contacto. Florianópolis: Ed. UFSC; Blumenau: Ed. FURB.

NAMEM, A. 2012. Os Laklãnō na região do Alto Vale do Itajaí, estado de Santa Catarina, Brasil. In: Baines, S.G., Silva, C.T., Fleischer, D.R., Faleiro, R.P. (orgs.). Variações Interétnicas: etnicidade, conflito e transformações. Brasília: Ibama, UnB/Ceppac. Pp.62-98.

NOELLI, F. S. 2000. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000. Revista USP 44: 218-269.



NORLENE, R. B.; CASTILHO, R. O.; COSTA, R. B.; POTTT, A.; POTT, V. J.; SCHEIDT, G. N. and BATISTA, M. S. 2005. Medicinal plants used by the Kaiowá and Guarani indigenous populations in the Caarapó Reserve, Mato Grosso do Sul, Brazil. *Acta botanica brasílica* 19(1), 39-44.

PEREIRA, W. S. 1998. Laudo Antropológico de Identificação e Delimitação da Terra Indígena de ocupação Tradicional Xokleng. Porto Alegre: FUNAI.

POSEY, D. 1987. Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados (Kayapo). In Ribeiro, B. (org.). *Suma etnológica brasileira*, vol. 1 B. Petrópolis: Vozes.

SANTOS, S. C. 1973. Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng. Florianópolis: Editora UFSC.

SANTOS, S. C. 1997. Os índios Xokleng: memória visual. Florianópolis: Editora UFSC.

SENS, S. L. Alternativas para a auto-sustentabilidade dos Xokleng da Terra Indígena Ibirama. 2002. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina.

TABARELLI, M., PINTO, L. P., SILVA, J. M. C., HIROTA, M., & BEDÊ, L. 2005. Challenges and Opportunities for Biodiversity Conservation in the Brazilian Atlantic Forest. *Conservation Biology*, 19 (3), 695–700.

URBAN, G. 1978. A model of Shokleng social reality. Dissertation submitted to the Faculty of the Division of the Social Science. Department of Anthropology, The University of Chicago.

URBAN, G. 1985. Interpretation of inter-cultural contact: The Shokleng and Brazilian national society 1914- 1916. *Ethnohistory*, 32: 224-244.

WIIK, F.B. 1999. Xokleng. *Enciclopédia Povos Indígenas do Brasil*. São Paulo: Instituto Socioambiental. Disponível online em <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xokleng>>

ANEXOS

LISTAGEM DAS PLANTAS CITADAS NAS ENTREVISTAS E COLETADAS, COM NOME CIENTÍFICO, NOME EM LAKLÃNÕ-XOKLENG E NOME EM PORTUGUÊS

* espécies sem atribuição do nome em Laklãnõ-Xokleng ou em Português, mas com uso reportado.

Forma de vida: Arb=arbusto, Arv=árvore, Erv=erva, L= Liana, P=palmeira e

Pter= Pteridófita arbórea; Origem: N=nativa; E=exótica.

FAMÍLIA	ESPÉCIE BOTÂNICA	NOME LAKLÃNÕ-XOKLENG	NOME EM PORTUGUÊS	FORMA DE VIDA	ORIGEM
Adoxaceae	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schtdl.	—	sabugueiro	Arv	N
Amaranthaceae	<i>Beta vulgaris</i> L.	—	beterraba	Erv	E
	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	—	erva-de-bicha/ erva-de- bicho/erva-de-santa-maria	Erv	N
Amaryllidaceae	<i>Allium sativum</i> L.	—	alho	Erv	E
	<i>Allium cepa</i> L.	—	cebola	Erv	E
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	—	manga	Arv	E
	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	—	aroeira	Arv	N
Annonaceae	<i>Annona</i> cf. <i>neosalicifolia</i> H. Rainer	kugklej	cortiça	Arv	N
	<i>Annona squamosa</i> L.	kugklej	nona	Arv	N

	<i>Geonoma</i> sp.	—	guaricana	P	N
	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	tanh	coqueiro	P	N
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia</i> sp.	mlül gel	cipó-milom/cipó-milomem	L	N
Asteraceae	<i>Achillea millefolium</i> L.	—	anador/ dipirona/pontaliv	Erv	E
	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	—	marcela	Erv	N
	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	—	erva-de-são-joão/picão-branco	Erv	N
	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	—	artemísia	Erv	E
	<i>Baccharis vulneraria</i> Baker	—	* categoria de uso - outros	Arb	N
	<i>Baccharis breviseta</i> DC.	—	pango	Erv	N
	<i>Baccharis crispa</i> Spreng.	—	carqueja	Erv	N
	<i>Baccharis uncinella</i> DC.	kuvynh	vassourinha-do-campo	Arb	N
	<i>Bidens pilosa</i> L.	—	picão	Erv	E
	<i>Chaptalia</i> cf. <i>sinuata</i> (DC.) Baker	—	* categoria de uso - medicinal	Erv	N
	<i>Dahlia</i> sp.	—	dália	Erv	E
	cf. <i>Hypochaeris</i> sp.	—	almeirão-do-mato	Erv	N

	<i>Geonoma</i> sp.	—	guaricana	P	N
	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	tanh	coqueiro	P	N
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia</i> sp.	mlül gel	cipó-milom/cipó-milomem	L	N
Asteraceae	<i>Achillea millefolium</i> L.	—	anador/ dipirona/pontaliv	Erv	E
	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	—	marcela	Erv	N
	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	—	erva-de-são-joão/picão-branco	Erv	N
	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	—	artemísia	Erv	E
	<i>Baccharis vulneraria</i> Baker	—	* categoria de uso - outros	Arb	N
	<i>Baccharis breviseta</i> DC.	—	pango	Erv	N
	<i>Baccharis crispa</i> Spreng.	—	carqueja	Erv	N
	<i>Baccharis uncinella</i> DC.	kuvynh	vassourinha-do-campo	Arb	N
	<i>Bidens pilosa</i> L.	—	picão	Erv	E
	<i>Chaptalia</i> cf. <i>sinuata</i> (DC.) Baker	—	* categoria de uso - medicinal	Erv	N
	<i>Dahlia</i> sp.	—	dália	Erv	E
	cf. <i>Hypochaeris</i> sp.	—	almeirão-do-mato	Erv	N

	<i>Lactuca sativa</i> L.	—	alface	Erv	E
	<i>Matricaria chamomilla</i> L.	—	maçanilha	Erv	E
	<i>Mikania</i> cf. <i>glomerata</i> Spreng.	—	cipó-guaco	L	N
	<i>Mikania micrantha</i> Kunth	—	erva-de-tatu	L	N
	<i>Piptocarpha angustifolia</i> Dusén ex Malme	—	vassourão-branco	Arv	N
	<i>Piptocarpha axillaris</i> (Less.) Baker	—	vassourão	Arv	N
	<i>Pterocaulon balansae</i> Chodat	—	calção-velho	Arb	N
	<i>Senecio brasiliensis</i> (Spreng.) Less.	—	flor-das-almas	Erv	N
	<i>Vernonanthura discolor</i> (Spreng.) H. Rob.	—	vassourão	Arv	N
	<i>Vernonanthura tweediana</i> (Baker) H. Rob.	—	chamarrita	Arb	N
	<i>Vernonia polyanthes</i> (Spreng.) Less.	—	chamarrita/espeto-de-peixe	Arb	N
Bignoniaceae	<i>Anemopaegma longipetiolatum</i> Sprague	—	* categoria de uso-ferramenta/utilitário	L	E

	<i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex A.DC.) Mattos	kléj kupli	ipê-amarelo	Arv	N
	<i>Handroanthus</i> sp.	kléj txá	ipê-roxo	Arv	N
	<i>Jacaranda puberula</i> Cham.	—	perovinha/caroba	Arv	N
	<i>Pyrostegia venusta</i> (Ker Gawl.) Miers	mlúl	cipó-joão	L	N
Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i> L.	—	couve/repolho	Erv	E
	<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	—	agrião	Erv	E
Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> L.	—	abacaxi	Erv	N
Cannabaceae	<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	—	grandiúva	Arv	N
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	katotog ve	mamão	Arv	E
	<i>Jacaratia spinosa</i> (Aubl.) A. DC.	katotog	mamãozinho-do-mato	Arv	N
Clethraceae	<i>Clethra scabra</i> Pers.		carne-de-vaca/vassourão	Arv	N
Clusiaceae	<i>Garcinia gardneriana</i> (Planch. & Triana) Zappi	kajagdján	bacupari	Arv	N
Convolvulaceae	<i>Ipomoea batatas</i> (L.)	kódán ve	batata-doce	Erv	N

	Lam.				
Crassulaceae	<i>Sedum</i> sp.	—	* categoria de uso - medicinal	Erv	E
Cucubirtaceae	<i>Citrullus vulgaris</i> Schrad.	—	melancia	Erv	E
	<i>Cucumis sativus</i> . L.	—	pepino	Erv	E
	<i>Cucurbita pepo</i> L.	—	abobrinha	Erv	E
	<i>Cucurbita</i> sp.	—	moranga	Erv	E
	<i>Cucurbita</i> sp. 2	pého	abóbora	Erv	E
	<i>Lagenaria siceraria</i> (Molina) Standl.	tugky	catuto	L	E
	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	—	maxuxo	Erv	E
Cyatheaceae	<i>Cyathea</i> cf. <i>delgadii</i> <i>Sternb.</i>	gig	xaxim-de-espinho	Pter	N
Dicksoniaceae	<i>Dicksonia sellowiana</i> Hook.	lave kutxug / gig	xaxim-bugio	Pter	N
Ebenaceae	<i>Diospyros kaki</i> Thunb.	—	caqui	Arv	E
Euphorbiaceae	<i>Alchornea glandulosa</i> Poepp.	kuvo	tanheiro	Arv	N
	<i>Alchornea triplinervia</i> (Spreng.) Müll. Arg.	kuvo	tanheiro	Arv	N
	<i>Euphorbia prostrata</i> Aiton	kózy pum	quebra-pedra	Erv	N

	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	kójãle ve	aipim, mandioca	Erv	N
	<i>Pera glabrata</i> (Schott) Poepp. ex Baill.	—	coração-de-bugre	Arv	N
	<i>Ricinus communis</i> L.	—	mamona	Arb	E
	<i>Sapium glandulatum</i> (Vell.) Pax	—	pela-cavalo	Arv	N
Fabaceae	<i>Arachis hypogaea</i> L.	—	amendoim	Erv	N
	<i>Bauhinia forficata</i> Link	—	pata-de-vaca	Arv	N
	<i>Clitoria fairchildiana</i> R.A. Howard	—	sombreiro	Arv	N
	<i>Copaifera</i> <i>trapezifolia</i> Hayne	kagkótẽ l	óleo, pau-óleo	Arv	N
	<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.	—	quebra- pedra-do-mato	Erv	N
	<i>Desmodium incanum</i> (Sw.) DC.	—	carrapicho	Erv	N
	<i>Desmodium triarticulatum</i> Malme	kózy pum	quebra pedra	Erv	N
	<i>Desmodium uncinatum</i> (Jacq.) DC.	—	carrapicho	Erv	N
	<i>Inga marginata</i> Willd.	kutxán	ingá-feijão	Arv	N
	<i>Inga sessilis</i> (Vell.) Mart.	kutxán	ingá-macaco	Arv	N

	<i>Inga vera</i> Willd.	kutxán	ingá-banana	Arv	N
	<i>Machaerium paraguariense</i> Hassl.	kógkój	jacarandá	Arv	N
	<i>Machaerium stipitatum</i> (DC.) Vogel	—	farinha-seca	Arv	N
	<i>Mimosa scabrella</i> Benth.	kalú	bracatinga	Arv	N
	<i>Myrocarpus frondosus</i> Allemão	kagtōgal	cabreúna	Arv	N
	<i>Ormosia arborea</i> (Vell.) Harms	dénkónã	flamengo	Arv	N
	<i>Phaseolus</i> sp.	laglu	feijão	L	-
	<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J.F. Macbr.	—	pau-jacaré	Arv	N
	<i>Schizolobium parabyba</i> (Vell.) S.F. Blake		guarapuvu	Arv	N
Lamiaceae	<i>Aegiphila obducta</i> Vell.	—	* categoria de uso - outros	Arb	N
Lamiaceae	<i>Cunila microcephala</i> Benth.	—	* categoria de uso - medicinal	Erv	N
	<i>Cunila spicata</i> Benth.	—	poejo	Erv	N
	<i>Leonurus sibiricus</i> L.	—	erva- de-mamangava/ rubim	Erv	E
	<i>Mentha</i> sp.	—	hortelã	Erv	E

	<i>Origanum vulgare</i> L.	—	orégano	Erv	E
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	—	boldo	Arb	E
	<i>Plectranthus ornatus</i> Codd	—	boldo-miúdo	Erv	E
	<i>Vitex megapotamica</i> (Spreng.) Moldenke	kógkój	tarumã	Arv	N
Lauraceae	cf. <i>Aniba firmula</i> (Nees & Mart.) Mez	—	canela-pimenta	Arv	N
	<i>Cinnamomum glaziovii</i> (Mez) Kosterm.	—	garuvão	Arv	N
	<i>Cryptocarya</i> sp.	pě nhgõnh	canela-fogo	Arv	N
	<i>Endlicheria paniculata</i> (Spreng.) J.F.Macbr.	pónhbággel	canela-burra	Arv	N
	<i>Nectandra megapotamica</i> (Spreng.) Mez	pónhbággel	canela-bicha / canela-verdadeira	Arv	N
	<i>Nectandra lanceolata</i> Nees & Mart.	pónhbággel	canela-amarela/ canela-garuva	Arv	N
	<i>Ocotea indecora</i> (Schott) Mez	pónhbággel	canela-broto	Arv	N
	<i>Ocotea odorifera</i> Rohwer	tutol	sassafrás, canela-sassafrás	Arv	N

	<i>Ocotea porosa</i> (Nees & Mart.) Barroso	—	imbuia, canela-ímbuia	Arv	N
	<i>Ocotea puberula</i> (Rich.) Nees	—	canela-gosma/canela-sabão/ canela-guaica	Arv	N
	<i>Ocotea</i> sp.	pónhbággel	canelinha/canela-sabiá	Arv	N
	<i>Persea americana</i> Mill.	—	abacate	Arv	E
Lythraceae	<i>Cuphea calophylla</i> Cham. & Schltld.	—	* categoria de uso - medicinal	Erv	N
	<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F. Macbr.	—	sete-sangrias	Erv	N
	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	—	dedaleiro	Arv	N
Magnoliaceae	<i>Magnolia ovata</i> (A. St.-Hil.) Spreng.	zágklê ve	baguaçú	Arv	N
Malpighiaceae	<i>Byrsonima ligustrifolia</i> Mart.	kuvynh	vassoura, pau-queijo	Arv	N
Malvaceae	<i>Luehea divaricata</i> Mart.	—	açoita	Arv	N
	<i>Pseudobombax grandiflorum</i> (Cav.) A. Robyns	kugklej	embiruçú	Arv	N
	<i>Sida</i> cf. <i>rhombofolia</i> L.	—	mata-pasto	Erv	N
	<i>Sida planicaulis</i> Cav.	—	mata-pasto	Erv	N

Marantaceae	gênero e espécie não identificadas	ty/ tytug	caeté	Erv	N
Melastomataceae	<i>Leandra australis</i> (Cham.) Cogn	—	mexirico	Arb	N
	<i>Leandra carassana</i> (DC.) Cogn.	—	mexirico	Arb	N
	<i>Tibouchina</i> sp.	—	flor-de-quaresma	Arv	N
Meliaceae	<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart.		canjarana, canjerana	Arv	N
	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	zu	cedro	Arv	N
Monimiaceae	<i>Mollinedia</i> cf. <i>blumenaviana</i> Perkins	kó vãtxozãlén	salvação-da-senhora, pauda-mulher	Arv	N
	<i>Mollinedia elegans</i> Tul.	kó vãtxozãlén	salvação-da-senhora, pauda-mulher	Arv	N
	<i>Mollinedia schottiana</i> (Spreng.) Perkins	kó vãtxozãlén	salvação-da-senhora, pauda-mulher	Arv	N
Moraceae	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.		jaca	Arv	E
	<i>Ficus</i> sp.	tu	figueira	Arv	N
	<i>Morus nigra</i> L.		amora	Arv	E
	<i>Sorocea bonplandii</i> (Baill.) W.C. Burger, Lanj. & Wess. Boer	kagku lá ve	laranjeira-do-mato	Arv	N

Musaceae	<i>Musa paradisiaca</i> L.	tytug ve	banana	Erv	E
Myristicaceae	<i>Virola bicuhyba</i> (Schott ex Spreng.) Warb.		bicuíva	Arv	N
Myrtaceae	<i>Calyptranthes grandifolia</i> O. Berg	kagkupli txá	araçá-roxo	Arv	N
	<i>Calyptranthes pileata</i> D. Legrand	—	pitanga	Arv	N
	<i>Campomanesia xanthocarpa</i> Mart. ex O. Berg	pãnvó	gabirova/gabiroba	Arv	N
	<i>Eucalyptus</i> sp.	—	eucalipto	Arv	E
	<i>Eugenia involucrata</i> DC.	kagkupli	araçá-branco	Arv	N
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	—	pitanga	Arv	N
	<i>Marlierea</i> cf. <i>excoriata</i> Mart.	—	guamirim-branco	Arv	N
	<i>Marlierea engeniopsoides</i> (D. Legrand & Kausel) D. Legrand	—	jabuticaba-do-mato	Arv	N
	<i>Marlierea reitzii</i> D. Legrand	ba	jabuticaba	Arv	N
	<i>Marlierea silvatica</i> (Gardner) Kiaersk.	—	araçá-da-capoeira	Arv	N

	<i>Myrcia catharinensis</i> (D. Legrand) Nic Lugh.	kagkupli kutxug	araçá-alazão	Arv	N
	<i>Myrcia retorta</i> Cambess.	—	guamirim-ferro	Arv	N
	<i>Myrcia</i> sp.	—	araçazinho	Arv	N
	<i>Myrcia splendens</i> (Sw.) DC.	—	uvaia/guamirim/guamirim-vermelho	Arv	N
	<i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O. Berg	ba	jabuticaba	Arv	N
	<i>Pimenta pseudocaryophyllus</i> (Gomes) Landrum	tulám	cravo-da-índia	Arv	N
	<i>Psidium cattleianum</i> Sabine	kagkupli kutxug	araçá/araça-vermelho	Arv	N
	<i>Psidium guajava</i> L.	kagkupli ve	goiaba	Arv	E
Onagraceae	<i>Fuchsia regia</i> (Vell.) Munz	—	* categoria de uso - alimentação	L	N
Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.	—	carambola	Arv	E
Passifloraceae	<i>Passiflora</i> sp.	dénkónã	maracujá-do-mato	L	N
Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	zunh	guiné	Erv	E
	<i>Seguieria langsdorffii</i> Moq.	—	limoeiro	Arv	N

Pinaceae	<i>Pinus</i> sp.	—	pinus, pinheirinho	Arv	E
Piperaceae	cf. <i>Peperomia</i> sp.	—	coração-da-índia	Erv	N
Plagioclilaceae	<i>Plagioclila</i> sp.	kóje	barba-de-velho/barba-de-pau	Erv	N
Plantaginaceae	<i>Plantago australis</i> Lam.	ně kabág nũã	língua-de-vaca	Erv	N
	<i>Plantago guilleminiana</i> Decne.	ně kabág nũã	língua-de-vaca	Erv	N
Poaceae	<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	zãnkó	rosário/ lágrima-de-nossa-senhora	Arb	E
	<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf	—	cana-de-cheiro/capim-cidreira	Erv	E
	<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn.	—	capim-pé-de-galinha	Erv	E
	<i>Oryza</i> sp.	kuzy ve	arroz	Erv	E
	<i>Saccharum officinarum</i> L.	—	cana	Erv	E
	<i>Zea mays</i> L.	gal, gal kuplí, gal kutxug	milho/milho-branco/milho-vermelho	Erv	E
Polygalaceae	<i>Polygala lancifolia</i> A. St.-Hil. & Moq.	—	jilol-do-mato/jilol-roxo/jilol-branco	Erv	N
Primulaceae	<i>Myrsine coriacea</i> (Sw.) R. Br. ex Roem. & Schult.	—	mantiqueira	Arv	N

	<i>Myrsine hermogenesii</i> (Jung-Mend. & Bernacci) M.F.Freitas & Kin.-Gouv.	—	pororoca	Arv	N
	<i>Myrsine umbellata</i> Mart.	—	pororoca	Arv	N
Rhamnaceae	<i>Hovenia dulcis</i> Thunb.	kuke vigduve	tripa-de-galinha	Arv	E
Rosaceae	<i>Eriobotrya</i> <i>japonica</i> (Thunb.) Lindl.	dénkónã	ameixa-amarela, ameixa	Arv	E
	<i>Malus communis</i> Desf.	—	maçã	Arv	E
	<i>Prunus myrtifolia</i> (L.) Urb.	—	pessegueiro-bravo	Arb	N
	<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch	dénkónã glã	pêssego	Arv	E
	<i>Pyrus communis</i> L.	—	pêra	Arv	E
	<i>Rosa alba</i> L.	—	rosa-branca	Erv	E
	<i>Rubus brasiliensis</i> Mart.	—	amora-branca ou verde	Erv	N
	<i>Rubus rosifolius</i> Sm.	—	amorinha	Erv	N
Rubiaceae	<i>Borreria palustris</i> (Cham. & Schltld.) Bacigalupo & E.L. Cabral	—	erva-de-lagarto	Erv	N
	<i>Coffea</i> sp.	goj txá	café	Arb	E

	<i>Posoqueria latifolia</i> (Rudge) Schult.	—	baga-de-macaco	Arv	N
	<i>Psychotria vellosiana</i> Benth.	—	vassourão-branco/ Pau- d'água	Arb	N
Rutaceae	<i>Citrus</i> cf. <i>paradisi</i> Macfadyen	dénkónã zul	laranja-vermelha	Arv	E
	<i>Citrus</i> × <i>limon</i> (L.) Osbeck	dénkónã zul	limão, limão-vermelho	Arv	E
	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	dénkónã zul	tangerina, mexirica	Arv	E
	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	dénkónã zul	laranja/laranja-lima	Arv	E
	<i>Esenbeckia grandiflora</i> Mart.	dolô	vara-de-cutia	Arv	N
	<i>Ruta graveolens</i> L.	—	arruda	Erv	E
	<i>Zanthoxylum</i> sp.	—	mamica-de-porca	Arv	N
Salicaceae	<i>Casearia</i> sp.	—	café-do-mato	Arb	N
Sapindaceae	<i>Allophylus edulis</i> (A. St.- Hil., A. Juss. & Cambess.) Hieron. ex Niederl.	—	farinha-seca	Arv	N
	<i>Cupania vernalis</i> Cambess.	—	combatá	Arv	N

	<i>Serjania</i> sp.	—	cipó-timbó	L	N
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum gonocarpum</i> (Mart. & Eichler ex Miq.) Engl.	katõtahn	caxeta	Arv	N
Solanaceae	<i>Capsicum annum</i> L.	—	pimentão	Erv	E
	<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	—	tomate	Erv	E
	<i>Physalis</i> cf. <i>pubescens</i> L.	—	physalis	Erv	N
	<i>Solanum americanum</i> Mill.	—	erva-de-passarinho	Erv	N
	<i>Solanum lacerdae</i> Dusén	—	fruto-para-dor	Arb	N
	<i>Solanum mauritianum</i> Scop.	pétul	fumo-bravo	Arv	N
	<i>Solanum tuberosum</i> L.	kódán ve	batatinha	Erv	E
Theaceae	<i>Laplacea fruticosa</i> (Schrad.) Kobuski	—	vassourão-branco	Arv	N
Thymelaeaceae	<i>Daphnopsis fasciculata</i> (Meisn.) Nevling	kugklej	embira, embira-branca	Arv	N
Typhaceae	<i>Typha</i> sp.	—	taboa	Erv	N
Urticaceae	<i>Urera baccifera</i> (L.) Gaudich. ex Wedd.	vãnhguzéj	urtiga-brava	Arb	N

Verbenaceae	<i>Glandularia platensis</i> (Spreng.) Schnack & Covas	—	são-simão	Erv	N
	<i>Lantana camara</i> L.	—	erva-de-chumbo	Erv	N
	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br. ex Britton & P. Wilson	—	melissa	Erv	N
	<i>Lippia</i> sp.	—	salvia	Erv	N
	<i>Verbena montevidensis</i> Spreng.	—	gervão	Erv	N
Vitaceae	<i>Vitis vinifera</i> L.	—	uva	L	E
Vochysiaceae	<i>Qualea cryptantha</i> (Spreng.) Warm.	pó	louro	Arv	N
Zingiberaceae	<i>Curcuma longa</i> L.	—	açafrão	Erv	E
	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	—	gengibre	Erv	E

LISTAGEM DOS NOMES POPULARES DAS PLANTAS CITADAS NAS ENTREVISTAS E COLETADAS NAS CAMINHADAS GUIADAS

Observação: Nomes em Laklânō-Xokleng, quando existentes, entre parênteses.

Abacate, Abacaxi, Abóbora (Pého), Abobrinha, Acácia-negra, Açafraão, Açoita, Agrião, Aipim (Kójäle ve), Aipo/Aipo-do-mato, Alface, Alho, Almeirão, Ameixa/Ameixa-amarela (Dénkónã), Amendoim, Amora, Amora-branca/Amora-verde, Amorinha, Anador/Pontalive/Dipirona, Araçá, Araçá-alazão (Kagkupli kutxug), Araçá-branco (Kagkupli), Araçá-da-capoeira, Araçá-do-mato, Araçá-goiaba, Araçá-roxo (Kagkupli txá), Araçá-vermelho (Kagkupli kutxug), Araçazinho, Araucária/Pinhão/Pinheiro-araucária (Zág), Arnica, Aroeira, Arroz (Kuzy ve), Arruda, Artemísia, Babosa, Bacupari (Kajagdján), Baga-de-macaco, Baga-de-passarinho (Txãg-gõnh jãn), Bagaçu (Zágklê ve), Baguari, Bambu (Van bã), Bambú-grosso (Vag Van), Banana (Tytug ve), Barba-de-pau (Kóje), Batata-doce/Batata (Kódán ve), Batata-salsa, Batatinha (Kódán ve), Beijo, Beterraba, Bicuíva, Boldo, Bracatinga (Kalú), Bromélia, Butuqueira, Cabreúna (Kagtógal), Caeté (Ty/Tytug), Caeté-da-folha-larga (Ty/Tytug), Caeté-da-folha-pequena (Ty/Tytug), Caeté-da-folha-sulcada (Ty/Tytug), Café (Goj txá), Café-do-Mato, Cajarana/Canjarana (Zutxó), Calção-velho, Cana, Cana-de-cheiro/Capim-cidreira, Canela/Canela-verdadeira (Pónhbággel), Canela-amarela (Pónhbággel), Canela-bicha, Canela-bosta , Canela-branca, Canela-broto (Pónhbággel), Canela-bugia, Canela-burra (Pónhbággel), Canela-embira (Kagglá), Canela-fogo (Pënhgõnh), Canela-garuva (Pónhbággel), Canela-gosma, Canela-guaica, Canela-pimenta, Canela-pinabuna, Canela-pinho, Canela-preta, Canela-sabão, Canela-sabiá (Pónhbággel), Canela-tamanco, Canelinha (Pónhbággel), Capim, Capim-da-beira-da-estrada, Capim-de-pé-de-galinha, Capim-roxo, Caqui, Cará-do-mato, Carambola, Carqueja, Carrapicho, Carvalho, Catuto (Tugky), Caxeta (Katõtahn), Caxete/Capota, Cebola, Cebolinha, Cedro (Zu), Cedro-batata, Cedro-rosa, Cenoura, Cereja, Chá-da-Índia, Chamarrita/Chimarrita, Chuchu/Maxuxo, Cidreira, Cinza, Cipó-cravo, Cipó-imbé/Imbé/ Banana-do-brejo/ Banana-do-mato (Plâl para casca, Ku para planta), Cipó-jóão / Cipó-de-são-jóão (Mlúl), Cipó-milom/ Cipó-milomem (Mlúl gel), Cipó-timbó, Combatá, Coqueiro/Coquinho-do-mato (Tanh), Coqueiro-indaial (Débág), Coração-da-Índia, Coração-de-bugre , Cortiça (Kugklej), Cortiça-crespa, Cortiça-do-mato, Cortiça-lisa, Couve, Cravo-da-índia (Tulám), Dália, Dedaleiro, Dotorzinho, Embira (Kugklej), Embira-branca (Kugklej), Embira-estopeira, Embira-vermelha, Embiruçu (Kugklej), Erva-chumbinho, Erva-de-bicho/ Erva-de-bicha, Erva-de-cachorro, Erva-de-mamangava/Rubim, Erva-de-passarinho, Erva-de-santa-maria (Vãnhkógtó njul), Erva-de-são-francisco,

Erva-de-são-joão, Erva-doce, Erva-mate (Kujūnh), Escada-de-macaco (Hujiolo Clān Jāg), Esporão-de-galo, Estopeiro, Eucalipto, Eucalipto - da folha redonda, Farinha-seca, Feijão (Laglu), Feijão-de-vara, Feijão-do-mato, Figueira (Tu), Flamengo/ Coronheira (Dénkónā), Flor-de-quaresma, Fumo-bravo (Pétul), Gabiroba/Gabi-rova/Gavirova/Guabiroba/Guavirova (Pānvó), Garapiá, Garapuvu/Gapuruvu/Guarapuvu, Garuvão, Gengibre, Gervão, Gervão-branco, Goiaba (Kagkupli ve), Grama, Grandiúva, Guaco, Guamirim, Guamirim-branco, Guamirim-ferro, Guamirim-vermelho, Guaricana (Jaiogue), Guaxuma, Guiné (Zunh), Hortelã, Imbuia/Canela-imbuia, Ingá (Kutxán), Ingá-banana (Kutxán), Ingá-feijão (Kutxán), Ingá-macaco (Kutxán), Inhame (Kójāle ve), Ipê, Ipê-amarelo (Klēj-kupli), Ipê-branco, Ipê-roxo (Klēj txá), Jaborandi, Jabuticaba (Ba), Jabuticaba-do-mato, Jaca, Jacarandá (Kógkój), Jilól-do-mato, Lambedor/ Lambe-lambe, Laranja (Dénkónā zul), Laranja-lima, Laranja-ponkã, Laranja-vermelha (Dénkónā zul), Laranjeira-do-mato (Kagku lá ve), Lima, Lima-branca, Limão (Dénkónā zul), Limão-alaranjado (Dénkónā zul), Língua-de-vaca (Nēkabāg nūnā), Lírio-do-mato, Louro/Louro-do-campo (Pó), Maçã, Maçanilha, Malva, Mamão (Katotog ve), Mamãozinho-do-mato (Katotog), Mamica-de-porca, Mamona, Mamona branca, Manba, Manbu, Mandioca (Kójāle ve), Manga, Manjerona, Manjetrato, Maracujá, Maracujá-do-mato (Dénkónā), Marcela (Ko zeí któ), Margosa, Matambu, Mata-pasto, Melancia, Melão, Melissa, Mestruz (Kózénh gel), Mexerico/Mexerica/Pixirica, Milho (Gal), Milho (branco e amarelo) (Gal kupli), Milho-vermelho (Gal kutxug), Moranga, Morango, Morango-do-mato, Negrinho, Nona (Kugklej), Nozes, Óleo/Pau-óleo, Olho-de-boi (Dénkónā), Orégano, Orquídea, Pai-do-mato (Dengozéi), Palha-do-mato (Dékugluzéi), Palmeira (Débāg), Palmeira-Real, Palmito (Détéj), Pango, Pata-de-vaca, Pata-de-vaca-cipó, Pau-ripa (Tati nevê), Penicilina, Pepino, Pepino do mato, Pera, Perova (Vādó), Perova Amarela, Perova Branca, Perova Rosa, Perovina/Perobinha, Pêssego (Dénkonā glā), Picão, Picão-Branco, Pimenta, Pimentão, Pinheiro/Pinheirinho/Pinus, Pitanga, Pitiá (Vādó), Pororoca, Quebra-pedra (Kózy pum), Rabo-de-mico, Rадite/Almeirão-do-mato, Repolho, Rosa-branca, Rosário/ Lágrima-de-nossa-senhora (Zānkó), Sabugueiro, Salvação-da-senhora/Pau-da-mulher/Pau-pembá/Pau-pra-tudo (Kó vātxozālén), Salvação-das-Índias, Samambaia (Pli), Samambainha (Pli), Santo-amaro, São-simão, Sassafrás/Canela-sassafrás (Tutol), Serralia/Sarraia, Sete-sangrias, Sombrero, Sordinha, Taboa, Taiá, Taiá-venenoso, Tajuva, Tangerina (Dénkónā zul), Tanheiro (Kuvo), Taquara (Goró) (Van), Taquara (Van), Tarumã (Kógkój), Ticum (Délāl zéj), Tomate, Tripa-de-galinha/ Pé-de-galinha (Kuke vigduve), Umbu, Urtiga/Urtiga-brava (Vānhguzéj), Uva, Vara-de-Cutia/Cutia/Pau-de-Cutia (Dolô), Vassoura (Kuvynh), Vassourão, Vassourinha/Vassourinha-do-campo (Kuvynh), Violeta, Xaxim (Móg), Xaxim Bugio (Lave kutxug /Gig), Xaxim-de-espinho (Gig), Zarine.

ESSE LIVRO FOI IMPRESSO
NO VERÃO DE 2019
EM PAPEL COUCHÊ
NA GRÁFICA IMPRESSUL
500 EXEMPLARES